

PATRÍCIA ALEXANDRA MENDES DUARTE

**AS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS E A
AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Orientador: Professor Doutor Francisco Ramos Leitão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

PATRÍCIA ALEXANDRA MENDES DUARTE

**AS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS E A
AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física e Desporto nos ensinos Básico e Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Orientador: Professor Doutor Francisco Ramos Leitão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são sempre um momento importante e sensível de todo o processo que atravessamos ao realizar um trabalho desta envergadura.

Para mim, é impensável não manifestar o meu profundo agradecimento a toda a minha família, que me deu o apoio necessário em todos os momentos desta tese. A vida profissional, familiar e de investigação misturadas, não são, por vezes, fáceis de gerir, mas quando o nosso objetivo está delineado e orientado num sentido, todo o esforço vale a pena.

Quero agradecer ao meu orientador, o Professor Francisco Ramos Leitão, pela disponibilidade que demonstrou ao longo de todo este processo. Obrigada por ter acreditado em mim e por todos os incentivos que me deu.

Como é óbvio, não podia deixar de agradecer a todos os professores que possibilitaram a realização deste estudo, sem a sua cooperação seria impossível.

Este estudo tem um grande significado para mim, pois desde o término da faculdade que ansiava por elaborar uma tese desta natureza. Os anos foram passando, mas o momento exato finalmente chegou, e neste momento escrevo estes agradecimentos com um sorriso no rosto. Mais uma etapa da minha vida que se concretiza.

Um especial OBRIGADA a TODOS.

RESUMO

“Education is the most powerful weapon which you can use to change the world.”

(Nelson Mandela)

A partir do conceito inclusão, pretendemos analisar a forma como a avaliação (inicial, formativa e sumativa) é construída e aplicada pelos Professores de Educação Física aos alunos com necessidades educativas especiais.

Desta forma, a pergunta de partida deste estudo centrou-se numa temática principal, a avaliação: Será a avaliação em Educação Física adaptada às crianças e jovens com necessidades educativas especiais?

A metodologia e instrumento utilizados para o presente estudo, foram as entrevistas. Estas por sua vez, foram realizadas com docentes de Educação Física que possuíam alunos com necessidades educativas especiais (especificamente deficiências) nas suas turmas. Posteriormente, após a recolha dos dados, foi realizada a análise de conteúdo das entrevistas.

Os resultados obtidos com as entrevistas e tratamento das mesmas, levaram-nos a concluir, que apesar de avaliação ser realizada pelos professores e sofrer adaptações específicas, muitas vezes não é tão valorizada como se desejaria. Sentimos uma grande valorização ao nível das adaptações curriculares, bem como da importância dos apoios e da vertente social que estão implícitas na inclusão.

ABSTRACT

“Education is the most powerful weapon which you can use to change the world.”

(Nelson Mandela)

From the concept of inclusion, we intend to analyze the way the evaluation (initial, formative and summative) is constructed and applied by the teachers of physical education for students with special educational needs.

In this way, this study starts focused on a main theme, the evaluation: is the Physical Education evaluation adapted to children and young people with special educational needs?

The methodology and instrument used for this study, were the interviews. These in turn were performed with physical education teachers who had students with special educational needs (specifically deficiencies) in their classes. A content analysis of interviews was made after collecting the data.

The results obtained with the interviews and treatment thereof, have led us to conclude that although evaluation is conducted by teachers and suffers specific adaptations, often is not as valued as desired. We feel that there's a great appreciation in terms of curricular adaptations, as well as the importance of support and the social dimension that are implied in the inclusion.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	7
2. REVISÃO DA LITERATURA	10
2.1 Enquadramento Histórico.....	10
2.2 A Educação Física e a Inclusão.....	16
2.3 Avaliação.....	22
3. METODOLOGIA	27
3.1 Apresentação do Estudo	27
3.2 Objetivos	28
3.3 Pergunta de Partida.....	28
3.4 Opções Metodológicas	28
3.5 Campo de Estudo	29
3.6 Constituição da Amostra.....	30
3.7 Instrumento de Recolha	30
3.8 Análise de Dados	32
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	34
5. CONCLUSÕES	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
7. APÊNDICES.....	I

1. INTRODUÇÃO

“Inclusive education is based on the right of all learners to a quality education that meets basic learning needs and enriches lives.” (Klavina e Kudláček, 2011, p. 46)

O presente estudo foi desenvolvido no sentido de averiguar, qual a forma de avaliação que os professores de Educação Física realizam com os alunos com Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente deficiências. A avaliação funciona como um todo, e é a responsável por regular o trabalho desenvolvido com os alunos, ajudando o professor na tomada de decisão perante o avanço ou revisão das matérias abordadas. Mas é importante não esquecer que para a avaliação apresentar um processo contínuo e criterioso, esta deve-se dividir em avaliação inicial, avaliação formativa e avaliação sumativa.

Neste sentido, o estudo foi orientado por forma a ser realizada uma entrevista a professores de Educação Física do 3º ciclo e Secundário. Nessa entrevista, não foi só abordado o tema em questão, houve também a necessidade de darmos alguma ênfase a outros temas que dificilmente conseguimos separar do tema principal.

Ao desenvolvermos este estudo, principalmente durante a construção da revisão de literatura, começámos a verificar que seria difícil abordarmos apenas o tema da avaliação, pois como já referimos anteriormente, existe uma forte ligação deste tema com os restantes temas que iremos abordar em seguida.

Os temas que nos estamos a referir, são temas tão importantes como a avaliação, ou seja, a inclusão, numa perspetiva de apoios à mesma e de vertente social, bem como de adaptações curriculares. Este último tema, as adaptações curriculares, estão profundamente ligadas à avaliação, e não é possível haver uma sem a outra. Segundo González (2010, p. 66), é importante referir que “propicia-se um currículo adaptado às NEE, o que inclui a revisão dos

elementos do currículo (objectivos, conteúdos, metodologias, avaliação) e dos elementos de acesso ao currículo (pessoais e materiais).”

Assim, quando pensamos em crianças com necessidades educativas especiais, automaticamente remetemos o nosso pensamento para, «o que fazer com estas crianças na escola regular com meninos «ditos normais»? Como estabelecer objetivos e adaptações curriculares para crianças com deficiências? Como avaliar para alcançarem os melhores resultados?»

Estas questões são algumas das muitas que nos passam pela cabeça quando nos surge na aula um aluno com alguma deficiência. Sabemos à partida, que para integrar um aluno no espaço físico e social, é fundamental uma ação consciente da escola. António Sérgio citado por Leitão (2010, p. 15) dizia: “A escola cooperativa é a escola de todos e para todos.”

As respostas a estas questões podem ser resolvidas se conseguirmos orientar todos os intervenientes que estão intimamente ligados com a vida escolar. A escola inclusiva deve ajudar todos e quaisquer alunos a atingir o sucesso, estando sempre atenta às dificuldades e especificidades de cada um. A reestruturação da escola e da mentalidade de quem participa nela, é fundamental para conseguirmos dar respostas adequadas às necessidades dos nossos alunos.

O meio em que estas crianças e jovens se vão incluir, deve ser o menos segregativo possível, ou seja, a educação das crianças com necessidades educativas especiais deve centrar-se nos recursos educativos existentes, a «escola regular».

É fundamental afirmar ainda, que o professor de Educação Física tem um papel crucial no que diz respeito ao processo de inclusão do aluno na aula, pois é ele o responsável pela organização das atividades, formação dos grupos, diferenciação da ação, criação de um clima

positivo e construtivo e elaboração de um currículo exequível, ou seja, caminhar no sentido de uma aprendizagem de sucesso e incluída no contexto escolar.

Assegurar um envolvimento de aprendizagem com estas características, que apoia e promove a participação, valorizando as dimensões que concorrem para a elevação do nível emocional e da auto-estima dos alunos, contribui igualmente para que, após a escolaridade, ao longo da vida adulta, o aluno se mantenha activo participando regularmente em actividades de natureza física e desportiva. (Leitão, 2010, p. 263)

Neste sentido, a criação de condições necessárias para uma aprendizagem motivada, participativa e de sucesso, é da total responsabilidade do professor. Desta forma, é fundamental que a organização e gestão de todo o envolvimento de aprendizagem esteja meticulosamente definido em cada aula, por forma a garantir a qualidade e o sucesso da mesma.

Em suma, segundo Leitão (2010), o plano organizacional de todo o envolvimento de aprendizagem deve potenciar a participação e o sucesso. Estes dois aspetos, só são possíveis se toda a escola tiver uma participação ativa, e quando falamos em toda a escola, estamos a falar na elaboração de adaptações curriculares estruturadas e flexíveis, apoios e serviços diversificados, planificação específica das atividades desenvolvidas, parcerias pedagógicas e uma forte valorização da vertente social.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Enquadramento Histórico

A evolução histórica de todo o processo de Inclusão foi sofrendo ao longo dos anos alterações significativas, com o propósito de transformar a escola num espaço onde se pode criar igualdade de oportunidades educativas para toda e qualquer criança, independentemente das capacidades ou limitações de cada uma.

Assim, podemos dividir historicamente, todo o processo em três grandes fases; **Segregação, Integração e Inclusão.**

Quando falamos da primeira fase, a **Segregação**, remetemos o nosso pensamento para as escolas especiais, ou seja, segundo a DGEBS (1992) no início do século XX, as crianças e jovens com deficiências eram protegidas, sendo assim agrupadas e enquadradas em escolas especiais com modelos educativos diferenciados das estruturas destinadas à sociedade em geral.

Com a escolaridade obrigatória, sentiu-se a necessidade de maximizar a educação dos deficientes sensoriais, motores e mentais, através de um sistema capaz de dar uma resposta adequada às necessidades dos alunos nas escolas regulares, tal como nos afirma Leitão (1980)

Estas instituições, foram demonstrando ao longo do tempo preocupação com as questões educativas, por forma a proporcionarem às crianças e jovens proteção e acolhimento, mas em simultâneo uma aprendizagem académica básica. Assim, foi desenvolvido o direito à educação especializada e à reabilitação através das «escolas especiais», de modo a garantir a especificidade de intervenção através de profissionais qualificados em diferentes áreas.

Tal como nos afirma Leitão, F (1980):

(...) se inicialmente a debilidade mental apareceu como uma incapacidade escolar, na altura em que se privilegiava o papel social da escolaridade, rapidamente se fez igualmente sentir a necessidade de um método de deteção, pois o recrutamento de alunos para as classes especiais não podia depender da opinião dos professores, dada a insuficiência e subjetividade desse critério. A isso se dedicaram Binet e Simon, os quais elaboraram uma escala métrica de inteligência. (p. 13 e 14)

Ainda no início do século XX, segundo Portugal (2003), passaram a existir escolas de Ensino Especial, onde eram colocados alunos de acordo com o tipo de deficiência que apresentavam. Para além dos alunos com deficiências, eram também colocados todos os alunos que apresentassem comportamentos anómalos.

Assim, em 1924, proclamado pela Liga das Nações, a Declaração dos Direitos da Criança (Princípio 7º), afirma, que todas as crianças têm o direito à educação, e que esta deve ser gratuita, pelo menos a nível elementar. Devem possuir uma educação que permita desenvolver todas as suas capacidades, pessoais, morais, sociais, com o intuito de se tornar um “membro útil à sociedade”.

Neste momento, encontramos-nos numa fase de viragem da história do direito ao ensino, uma vez que a **Integração** começa a tomar uma relevância significativa na educação. Com esta nova fase, segundo a DGEBS (1992), as crianças passam a ser identificadas, ou melhor, categorizadas de acordo com o diagnóstico que apresentam, sendo assim orientadas de forma mais adequada.

A integração fez com que o sistema passasse de uma educação especial numa instituição para uma educação regular numa escola, onde se previa uma integração total do sistema de educação especial no sistema de educação geral. De acordo com esta mudança, houve a necessidade de adaptar e reestruturar todo o sistema, por forma, a oferecer às crianças serviços e estruturas mais flexíveis e articuladas entre si. Assim, tal como nos afirma a

DGEBS (1992), o aluno vai ter toda uma intervenção mais centrada em si próprio, por forma a ajudá-lo a conseguir resolver os seus problemas. Os responsáveis por essa ação vão ser os psicólogos, terapeutas, professores especializados, entre outros.

Desta forma, com esta nova fase, conseguimos averiguar que a integração remete a educação para um mecanismo de marginalização, porque ao continuarmos a diferenciar o ensino na escola regular, separando os contextos de aprendizagem, continuamos a impossibilitar o aluno de ter acesso a um ensino de qualidade e capaz de dar resposta a todos. Os contextos separados de aprendizagem, mesmo que apoiados por técnicos de educação especial, vão impossibilitar que estes mesmos alunos possam interagir com os restantes conseguindo assim desenvolver competências sociais que só são exequíveis quando o contexto assim o permite.

Como nos afirma Leitão (2010), existem, quatro razões que vêm justificar a separação das práticas de ensino:

Em primeiro lugar a ideia, (...), de que é necessário “proteger” as populações especiais do “esquecimento” ou rejeição (...) no contexto da escola regular. Em segundo lugar, (...) os quadros separados de aprendizagem são a condição fundamental de proporcionar aos alunos com necessidades educativas especiais aquela instrução mais adequada, intensiva e sistemática de que necessitam. Em terceiro lugar, a ideia de que os professores de ensino regular não sabem, não estão preparados, não têm experiência nem formação, para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais. Finalmente, a ideia de que os alunos com necessidades educativas especiais se desenvolvem de forma radicalmente distinta da forma como aprendem e se desenvolvem os alunos ditos “normais”. (p. 13)

É então na década de oitenta, que se observa uma viragem no paradigma da educação especial. Deixamos de assistir ao modelo centrado no aluno e passamos a ter um modelo mais centrado na escola. Este modelo passa a ser mais inclusivo, ou seja, um modelo sistémico de base escolar e curricular. Com este novo modelo as problemáticas das crianças em que a educação especial se centrava, passam agora a focar-se na situação educativa em que elas se encontram, beneficiando a individualidade de cada criança, e as necessidades educativas de cada uma, ou seja, passamos assim a falar de **Inclusão**.

Desta forma, tal como podemos verificar, segundo Leitão (2010), os valores culturais e de direitos humanos são fundamentados e aprofundados com a escola e com a educação. Neste sentido, quando promovemos a segregação nas práticas educativas, estamos a produzir desigualdade e injustiça para os intervenientes de todo o processo educativo. A igualdade de oportunidades está cada vez mais implícita caminhando assim para uma sociedade para todos.

Segundo a DGEBS (1994), os vários organismos internacionais (Nações Unidas, UNESCO, OCDE, CEE) e os vários diplomas legais publicados, ajudam-nos a resumir a educação especial em três grandes direitos: direito à educação; direito à igualdade de oportunidades; direito de participar na sociedade. Podemos, então, afirmar que “a aprendizagem é um acto social, um processo contextualizado fortemente ligado aos mecanismos da socialização, aos mecanismos interactivos e comunicativos do contexto em que decorre”. (Leitão, 2010, p. 17)

Assim, a Inclusão ganha alguma relevância e transforma a mentalidade ao nível educativo, caminhando no sentido de proporcionar a todos os jovens a possibilidade de acesso às melhores condições de vida. Todos têm o direito de serem aceites e de se valorizar as diferenças de cada um, independentemente de quais forem.

Tal como nos afirma Leitão (2010):

Neste sentido, o trabalho de inclusão escolar centra-se no esforço de permanentemente reencontrar as estratégias e procedimentos que proporcionam a todos os alunos as melhores condições e oportunidades de aprenderem e interagirem, solidária e cooperativamente, desenvolvendo ao máximo as suas competências académicas e sociais. (p. 20)

Com o crescimento da inclusão, houve a necessidade de elaborar diplomas legais que encaminhassem e orientassem os protagonistas do ensino, por forma a assegurar a educação inclusiva na sua totalidade.

Surge, então, o Decreto-Lei nº301/84 de 7 de setembro, que assegura o cumprimento da escolaridade obrigatória, embora no artigo 3º, é possível o adiamento por um ano do início da escolaridade obrigatória, em casos de deficiência e no artigo 6º prevê-se a dispensa aos alunos que apresentem, devidamente comprovada, incapacidade física e mental. Posteriormente, surge um novo Decreto-Lei, o nº243/87 de 15 de junho, que introduz alterações ao decreto referido anteriormente. Este novo Decreto-Lei, assegura o cumprimento da escolaridade obrigatória aos alunos deficientes, seguindo o princípio da integração social.

Já a 23 de agosto de 1991, surge um novo documento que vem regular a integração dos alunos com necessidades educativas especiais nos estabelecimentos públicos nos ensinos básico e secundário, o Decreto-Lei nº319/91. Face à evolução do sistema educativo e dos seus conceitos este diploma veio, de certa forma, reforçar a ideia apresentada na Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) e do Decreto-Lei 35/90, a escolaridade deverá ser obrigatória promovendo assim o direito das crianças com deficiência à educação na escola regular. Com o Decreto-Lei 319/91, demos um passo em frente, e com esta publicação não se defende apenas a escolaridade obrigatória na escola regular, mas sim, responsabilizar a escola por orientar de forma coerente a integração escolar dos alunos com necessidades educativas especiais.

Posteriormente surge então a tão falada e importante Declaração de Salamanca em 1994. Esta declaração defende a educação para todos, dando grande ênfase para a necessidade de garantirmos a educação para todos os que apresentam necessidade educativas especiais, independentemente se serem crianças, jovens ou adultos.

Mais tarde, em 1997, é elaborado o Despacho Conjunto nº105/97, que defende uma intervenção diversificada para o sucesso para todas as crianças e jovens, bem como, valoriza o papel do professor de apoio em colaboração com os restantes intervenientes de ação educativa. Em suma, a escola inclusiva está orientada na sua totalidade para a igualdade de oportunidades educativas e sociais de todos os alunos, independentemente da especificidade de cada um.

Recentemente, surge ainda um novo Decreto-Lei, o nº3/2008, que nos vem ajudar promover a igualdade de oportunidades, a melhoria da qualidade de ensino e valorizar a educação. Um aspeto determinante dessa qualidade é a promoção de uma escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens. Dentro deste Decreto-Lei, são ainda abordados dois aspetos fundamentais que vão ajudar no sucesso educativo. O artigo 8º, fala-nos da elaboração do programa educativo individual (PEI), que visa documentar as necessidades educativas especiais dos alunos, integrando assim o processo individual do aluno. Mais à frente, o artigo 21º, designado por currículo específico individual (CEI), onde cada criança com necessidades educativas especiais tem direito a alterações significativas no currículo comum, de acordo com as limitações apresentadas por cada uma. Com o currículo específico individual, pretende-se ainda promover a autonomia pessoal e social, encaminhando o aluno para a vida pós-escolar.

Em suma, todo este processo de evolução ao nível do ensino sofreu inúmeras alterações que foram significativas para a melhoria da sua qualidade. Finalmente caminharmos no sentido de dar oportunidades iguais de ensino a todas as crianças e jovens, independentemente das suas limitações.

Assim, a título conclusivo deste capítulo, fica a afirmação de Leitão (2010):

Inclusão, antes de tudo, significa um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Inclusão é, antes de tudo, uma questão de direitos e valores, é a condição da educação democrática. (p. 1)

2.2 A Educação Física e a Inclusão

Physical education is one of the most important disciplines within the school curriculum where inclusion takes place first (Sherrill, 2004). In most European countries teachers are not permitted to decide if they will have a student with a disability in their class, but they can decide to which extent they will include this student (Lienert et al., 2001, citados por Klavina e Kudláček, 2010, p. 47).

Neste novo capítulo vamos falar um pouco da íntima relação que existe entre a Educação Física e a Inclusão. Tal como nos diz a citação acima transcrita, a Educação Física é uma das principais disciplinas no que se refere à inclusão e onde esta surge em primeiro lugar. Os professores não podem decidir se têm alunos com necessidades educativas especiais nas suas aulas, mas podem tomar decisões importantes e fundamentais para a inclusão dessas crianças e jovens. Decisões essas, que segundo Klavina e Kudláček (2011), são ao nível da preparação, ensino das aulas, avaliação e colaboração. Estas são as competências chave dos profissionais de Educação Física.

Segundo UNESCO (1994), citado por González (2010), as escolas regulares que se «movem» no sentido de eliminar as atitudes discriminatórias e de segregação, promovem condições favoráveis para uma educação inclusiva.

Desta forma, a Educação Física deve ser desenvolvida no sentido de oferecer igualdade de oportunidades para todos os alunos. Tal como nos afirma Leitão (2010), a educação é acima de tudo uma questão de “direitos humanos”. A escola tem o dever social e moral de criar condições que permitam a aprendizagem de todos os alunos.

Significa então, que a Educação Física deve ser planeada, sem nunca esquecer os direitos a uma educação inclusiva.

Segundo Ainscow (1997) citado por González (2010):

. O desenvolvimento do professor implica uma mudança de atitudes e a ênfase de três factores-chave na sua formação que parecem importantes para o estabelecimento de aulas inclusivas:

- planificar a aula como um todo;
- utilizar os alunos como fontes naturais de apoio;
- improvisar e trabalhar em equipa, para um “aventura crítica”. (p. 64)

Assim, é fundamental dar a devida importância à aprendizagem através da experiência, da reflexão crítica e da colaboração, por forma a construir e elaborar práticas mais inclusivas nas escolas.

Se um aluno é incapaz de participar de forma segura e com sucesso na Educação Física, então deve receber adaptações, modificações e alterações na atividade física para que esta seja apropriada de acordo com as necessidades educativas especiais que apresenta. Este é um dos aspetos defendidos por Klavina e Kudláček (2011), por forma a caminharmos cada vez mais no sentido da inclusão.

Neste sentido, segundo Crawford, O’Reilly e Flanagan (2012), o papel do professor é vital, pois é o principal meio facilitador da inclusão e gestor do ambiente de educação inclusiva. Atualmente a política de inclusão é o princípio fundamental e básico da política global de inclusão.

O objetivo principal da educação inclusiva de qualidade, é terminar com qualquer forma de discriminação e promover a coesão social (UNESCO, citado em Klavina e Kudláček, 2010). Segundo os mesmos autores, a Educação Física e o desporto foram considerados como um crescente fenómeno social. “Physical education and sport is considered as a growing social phenomenon which makes an important contribution to the EU’s strategic objectives of solidarity.” (p. 47)

É fundamental a valorização do professor de Educação Física, uma vez que vai ser o responsável máximo pela promoção da participação e aprendizagem dirigida a todos os alunos. Por vezes, falamos nas barreiras existentes que impedem a participação e inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais, mas estas não são justificação para não adaptarmos ou modificarmos as nossas práticas atuais. Devemos, sim, adaptar estratégias, valorizando e respeitando sempre as diferenças de cada um.

Parece-nos bastante importante dar ênfase a três conceitos intimamente ligados com a Educação Física, a “participação, aprendizagem e inclusão”. (Leitão, 2010, p. 229) Estes são os objetivos fundamentais para a concretização de um programa efetivo de educação física.

Quando falamos deste três conceitos, «não conseguimos» definir um sem o outro, tal como nos apresenta Leitão (2010), uma vez que a Inclusão nos remete efetivamente para a Participação e esta por sua vez leva a Aprendizagem por parte dos alunos. Todos os alunos estão incluídos e participam a diferentes níveis, promovendo-se assim um aumento da possibilidade de adquirirem conhecimento efetivo.

Segundo o mesmo autor, o professor de Educação Física, deve ter uma «atitude aberta» que contribua para a inclusão de todos os alunos nas suas aulas. Essa atitude, prende-se com o facto de o professor de Educação Física ter a capacidade e vontade de querer adaptar e criar condições de ensino e aprendizagem de acordo com as necessidades e características de cada criança e jovem. Faz ainda referência a Vickerman (2004), onde surge a afirmação de que:

Equality of opportunity and inclusiveness should be concerned with celebrating difference, and creating systems in which pupils are treated equally, but differently, in order to meet their individual needs for accessibility and entitlement to all aspects on the PE curriculum and extracurricula programmes. (p. 233)

Com esta afirmação, ficamos com a certeza absoluta de que a inclusão e igualdade de oportunidades deve caminhar no sentido de criar sistemas em que os alunos sejam tratados de forma igual, mas diferente, tendo sempre em atenção as necessidades de cada um. Ou seja, tal

como nos afirma Vickerman (2004), citado por Leitão (2010), o processo de participação, aprendizagem e inclusão dos alunos nas aulas de Educação Física, tem como estratégia em busca de sucesso, a definição de objetivos.

Importa, assim referir, que segundo UNESCO (1993); McConkey (1993); Ainscow e col. (1994); citados por González (2010), a aprendizagem, o trabalho cooperativo, o currículo adaptado e uma aula devidamente apoiada são aspetos fundamentais que vão ajudar na criação de um ambiente de aprendizagem que levará os alunos a atingirem os objetivos propostos.

Os objetivos para o cumprimento do currículo da Educação Física estão estabelecidos nos Programas Nacionais de Educação Física, contudo, estes objetivos/currículo, são muitas vezes demasiado ambiciosos para as crianças e jovens com necessidades educativas especiais. Sentiu-se, desta forma, a necessidade de criar um documento que orientasse na redefinição dos objetivos estabelecidos para os alunos.

O documento que se encontra atualmente em vigor e que nos ajuda a “promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino”, bem como a promoção de uma escola inclusiva, que é orientada para o sucesso educativo de todos os alunos, é o Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro. Este documento tem como objetivo principal, criar as condições necessárias para haver uma adequação realista de todo o processo educativo dos alunos com necessidades educativas especiais.

Dentro deste documento orientador, existe um artigo, o 18º, que defende exatamente o que temos vindo a falar até aqui, ou seja, é fundamental realizar adaptações ao nível do currículo/objetivos de acordo com as necessidades específicas de cada criança e jovem. Estas adaptações, tal como nos são apresentadas no artigo referido anteriormente, são adequações curriculares individuais que têm sempre como base o currículo comum.

Para sermos mais precisos, estas adaptações, segundo o Decreto-Lei nº3/2008:

- 2- Podem consistir na introdução de áreas curriculares específicas que não façam parte da estrutura curricular comum (...)
- 4- (...) podem consistir igualmente na introdução de objectivos e conteúdos intermédios em função das competências terminais do ciclo ou de curso, das características de aprendizagem e dificuldades específicas dos alunos. (artigo 18º)

No mesmo Decreto-Lei, surge ainda um artigo, que uma vez mais, vai ajudar na orientação do trabalho desenvolvido pelos professores, no sentido das alterações do currículo dos alunos. Como já foi referido anteriormente, os Programas Nacionais de Educação Física, são bastante ambiciosos para os alunos com necessidades educativas especiais muito profundas, sendo por vezes, quase impossível respeitar o currículo estabelecido.

É então essencial, a introdução do Currículo Específico Individual, que se apresenta no artigo 21º do mesmo Decreto-Lei. Este currículo, já por nós abordado no capítulo anterior e tal como o próprio nome indica, é um currículo que vem substituir ou alterar as competências definidas para cada nível de ensino, alterações que se podem traduzir na introdução, substituição e ou eliminação de objetivos e conteúdos, de acordo com a especificidade de cada criança ou jovem.

Tal como nos dizem os Programas Nacionais de Educação Física (2001), o professor vai ser responsável por escolher e aplicar soluções pedagógicas e metodológicas que vão ao encontro da realidade educativa, desenvolvendo atividades que levem o aluno a alcançar os objetivos dos programas.

A escola inclusiva é aquela que ajuda a incluir todos os alunos num sistema único, com o intuito de proporcionar programas educativos específicos e adaptados às suas necessidades e capacidades.

Com os Programas Nacionais não se pretende eliminar ou substituir a capacidade de decisão pedagógica do professor, pretende-se sim, ajudar o mesmo nas fases de seleção, organização e aplicação dos processos formativos, bem como na periodização dos objetivos estabelecidos.

Em suma, a Educação Física, assume uma importância decisiva em todo o processo de inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais. Segundo Leitão (2010):

Um aluno não se desenvolve nos planos espiritual, moral, social, emocional, simplesmente porque joga, pratica determinadas modalidades desportivas ou se envolve activamente nas aulas de Educação Física. Para que tal aconteça, para que a Educação Física contribua para a formação cívica, o desenvolvimento espiritual, moral, social e emocional dos alunos, há que acautelar a forma como se definem os objetivos, como se planificam as actividades, como se adequam as estratégias de ensino aos objetivos a alcançar. (p. 238)

2.3 Avaliação

“A educação inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados.” (Decreto-Lei nº 3/2008)

A Avaliação é considerada como o processo que permite regular o ensino (Despacho normativo nº24-A/2012), e que visa a orientação de todo o percurso escolar, tendo como objetivo melhorar a qualidade de ensino, bem como, garantir o cumprimento das metas curriculares.

A avaliação deve ser vista como uma vertente contínua e sistemática, que ajuda os professores, os alunos, os encarregados de educação e intervenientes diretos neste processo educativo a adquirirem a informação necessária de toda a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades, de modo a permitir uma revisão e melhoria de todo o trabalho elaborado.

Dentro do processo educativo, a avaliação não funciona autonomamente, mas sim, ligada a decisões fundamentais para a concretização dos objetivos estabelecidos. Desta forma, avalia-se não só para classificar, mas também para diagnosticar, orientar, selecionar, certificar, hierarquizar, na tentativa do cumprimento dos mesmos objetivos.

A recolha da informação baseada na avaliação deve passar por vários processos, análise, interpretação e utilização, tal como nos afirma Leitão (2010), por forma a termos uma avaliação que nos permita regular e orientar o sistema de ensino, nomeadamente a aprendizagem. “No fundo, o que está em causa é a qualidade de participação do aluno na actividade educativa, para que esta tenha uma repercussão positiva, profunda e duradoura.” (PNEF, 2001, p. 5)

Assim, quando falamos em avaliação, devemos, antes de tudo, admitir que esta nos ajuda a compreender o progresso que o aluno está a adquirir no processo de aprendizagem, no que diz respeito às atitudes, capacidades, superação de dificuldades. Desta forma, é importante valorizar e otimizar toda a informação que a avaliação nos fornece do processo de aprendizagem, principalmente com os alunos com necessidades educativas especiais.

Quando falamos em aprendizagem inclusiva e cooperativa, podemos afirmar, tal como Leitão (2010), que é um processo bastante complicado, uma vez que a avaliação implica numa dimensão sumativa, a atribuição de níveis. A avaliação deve acima de tudo, ajudar a identificar os progressos, conquistas ou falhas do aluno, não existindo qualquer tipo de comparação de resultados com outro aluno. O que aqui importa, é a construção de um Programa Educativo Individual, onde os critérios e metodologias de avaliação estão adequadamente prescritos.

Este programa, referenciado no Decreto-Lei nº3/2008, no artigo 8º, visa documentar todas as necessidades educativas especiais dos alunos, tendo como base a observação em sala de aula, bem como as informações complementares disponibilizadas pelos participantes no processo.

Claro está, que existem inúmeras dificuldades inerentes a todo o processo de avaliação, principalmente quando estamos perante alunos com necessidades educativas especiais. Segundo os Programas Nacionais de Educação Física, as metas estabelecidas devem ser consideradas como um objeto fundamental para a motivação dos alunos, empenho pessoal quer na escola, quer ao longo da vida. Mas esta perspetiva de trabalho, nem sempre é simples de promover e alcançar.

Tal como nos afirma Leitão (2010):

(...) se considerarmos que na óptica da aprendizagem cooperativa o primeiro valor a preservar é o da solidariedade e ajuda mútua entre alunos. Sem nenhum preconceito inicial contra a competição – a aprendizagem cooperativa reconhece algumas das virtualidades inerentes à competição, tal como reconhece as virtualidades do trabalho

individual – deve no entanto reconhecer-se que as práticas que promovem a competição entre alunos deverão ser reduzidas ao máximo. (p. 156)

Quando falamos em avaliar todo o processo de aprendizagem dos alunos, devemos iniciar esse processo através da avaliação inicial, que deverá desempenhar o papel importante na determinação da atuação educativa com os alunos com necessidades educativas especiais. Nos Programas Nacionais de Educação Física (2001), a avaliação inicial é considerada um processo fundamental que vai ajudar o professor a orientar e organizar o seu trabalho na turma, de acordo com as decisões tomadas após a mesma. Assim, tornam-se exequíveis as adequações curriculares ao nível dos objetivos, podendo-se também alterar ou reajustar sempre que necessário.

As aulas onde a avaliação inicial se desenrola, são fundamentais, não só para averiguar os níveis em que os alunos se encontram, mas também e principalmente, para estabelecer as regras de funcionamento das aulas, e proporcionar a participação e envolvimento dos alunos nas atividades, bem como no relacionamento entre si. Com alunos com necessidades educativas especiais, esta fase é ainda mais importante, pois para além de conseguirmos recolher informação válida que nos fortaleça as informações disponibilizadas, conseguimos promover também os primeiros momentos de interação entre alunos e entre professor aluno.

Em suma, a primeira etapa de trabalho com a turma no início do ano letivo, é a realização da avaliação inicial. Esta avaliação inicial tem como objetivo a determinação das aptidões e ou dificuldades dos alunos nas diferentes matérias. Deve ter-se em conta os resultados obtidos no ano letivo anterior, realizando assim, uma revisão das matérias abordadas.

Assim, após o processo de avaliação inicial, é fundamental organizarmos e planearmos o processo de aprendizagem dos alunos, de acordo com as suas necessidades e especificidades. É então aqui, que importa relembrar uma vez mais, o que já foi referido anteriormente, no que diz respeito às adequações curriculares individuais (artigo 18º, do Decreto-Lei nº3/2008),

onde os alunos com necessidades educativas especiais vão poder «usufruir» de um processo de aprendizagem adaptado às suas limitações.

Mas quando falamos de avaliação, não podemos dizer que ela é um processo que se interrompa, uma vez que o professor acompanha os alunos durante todo o processo de aprendizagem, o que inevitavelmente faz com que esteja atento a toda a prestação motora, superação ou não das dificuldades, empenhamento etc. Podemos assim afirmar, de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física (2001), a avaliação contínua vai permitir averiguar e regular o grau em que se encontram os alunos, para assim podermos adequar esse mesmo grau de acordo com as dificuldades ou sucessos dos mesmos.

Desta forma, importa ainda referir que durante esta avaliação contínua, devem existir momentos de avaliação formativa, de forma a orientar o trabalho do professor, ou seja, existe um momento em que os alunos sabem que estão a ser efetivamente avaliados, e a informação retirada dessa avaliação ajudará nas decisões para a etapa seguinte. O sucesso ou não dos alunos “é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências (...)” (PNEF, 2001, p. 27)

É então importante referir, que a avaliação pode e deve sofrer adequações quando estamos perante alunos com necessidades educativas especiais, e essas adequações encontram-se estipuladas no Decreto-Lei nº3/2008. Uma das adequações é ao nível dos instrumentos de avaliação, bem como das condições de avaliação (forma, local, periodicidade). A outra adequação está relacionada com o a construção do currículo específico individual, já abordado no capítulo anterior. Os alunos quando estão abrangidos por este currículo, não estão sujeitos ao regime de transição nem ao processo de avaliação característico do regime educativo comum, são estabelecidos critérios específicos de avaliação de acordo com as necessidades de cada um.

Podemos assim referir que, segundo os Programas Nacionais de Educação Física (2001) a avaliação final, tem em consideração o nível do programa em que se encontra o aluno, sendo posteriormente realizados ajustes ou não, no currículo dos mesmos no ano letivo seguinte. Ou seja, os objetivos estabelecidos vão ajudar o professor a realizar as observações necessárias para que se construa uma avaliação de acordo com o processo de aprendizagem pretendido.

Desta forma, podemos verificar que todo o processo de avaliação está intimamente relacionado com a educação inclusiva, uma vez que através desta é possível o estabelecimento adequado e apropriado de objetivos de acordo com as necessidades de cada criança e jovem. A autonomia é a questão central para a qual todo o trabalho se deve desenrolar.

É ainda de referir, que os critérios de avaliação estabelecidos pelo professor, escola e departamento de Educação Física, permitirão determinar o grau de sucesso de cada aluno. Assim e de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física (2001), uma das características mais importantes da Educação Física é a formação eclética do jovem, bem como a flexibilidade de tratamento dos conteúdos programáticos.

Concluindo este capítulo, a avaliação é todo um processo que envolve a ação pedagógica e que permite ao professor conhecer os caminhos que vão ajudar os alunos na aprendizagem efetiva. É ainda, fundamental enfatizar que “os procedimentos avaliativos reforcem e possam gerar, a construção de “valores educativos”, valores de liberdade e democracia, de cooperação e solidariedade, de partilha e ajuda mútua, no seio das comunidades de aprendizes.” (Leitão, 2010, p. 163)

3. METODOLOGIA

3.1 Apresentação do Estudo

Ao longo do trabalho que temos desenvolvido até aqui, verificámos que a Inclusão nas escolas é cada vez mais o caminho para uma sociedade abrangente e sem preconceitos. Mas para que a sociedade seja assim, é necessário começarmos esse trabalho logo na escola, mudando assim, a mentalidade de todos os intervenientes de todo o processo educativo. A escola tem inúmeras «ferramentas» que ajudam na inclusão de crianças e jovens com necessidades educativas especiais, mas para isso, é também fundamental ter a «vontade» de as querer utilizar.

Dizemos que um aluno com necessidades educativas especiais não consegue fazer nada, não é possível integrá-lo, não é possível dar-lhe tarefas adequadas às suas necessidades nem avaliá-lo, é mostrarmos a nossa pouca vontade em sermos melhores enquanto profissionais de educação, superarmos as nossas dificuldades e ajudar os outros a superarem, ou pelo menos, conseguirem viver melhor com as dificuldades que já têm.

Neste sentido, com o presente estudo, pretendemos averiguar se os professores de Educação Física das nossas escolas, se sentem capazes ou não de realizar uma avaliação coerente, real e adaptada às crianças e jovens com necessidades educativas especiais do nosso país, tendo sempre em conta todas as adaptações curriculares que sejam possíveis e necessárias de modo a facilitar a inclusão dos alunos nas turmas regulares.

As leis podem «obrigar» à implementação da mudança educativa, mas se a escola, enquanto organização, não a concretizar, de nada servem. Temos de mudar a mentalidade da escola, e transformá-la numa escola para TODOS.

3.2 Objetivos

Um dos objetivos deste trabalho, prende-se com o facto de pretendermos realçar a importância que a escola inclusiva pode e deve ter nas crianças e jovens que nela frequentam, mas também verificarmos quais são as opções e ou adaptações realizadas pelos intervenientes do processo educativo com os alunos com necessidades educativas especiais.

Desta forma, este estudo contempla os seguintes objetivos:

- Verificar como as adaptações curriculares são realizadas para os alunos com necessidade educativas especiais (deficiências);
- Conhecer como a avaliação é implementada e orientada para as crianças e jovens com necessidades educativas especiais (deficiências).

3.3 Pergunta de Partida

A pergunta de partida deste estudo centrou-se na temática principal, a avaliação: Será a avaliação em Educação Física adaptada às crianças e jovens com necessidades educativas especiais?

3.4 Opções Metodológicas

Para o presente estudo, escolhemos um método de investigação que privilegia a abordagem qualitativa, ou seja, a investigação irá caminhar no sentido da interpretação de dados, havendo assim uma recolha e análise dos mesmos.

Quando os dados são recolhidos, devemos ter o cuidado de fazer uma recolha o mais próxima possível do que os entrevistados dizem ou fazem. Os dados recolhidos devem merecer especial atenção na sua validade, uma vez que a descrição deve ser rigorosa e a investigação descritiva e interpretativa.

Com o estudo qualitativo, pretendemos perceber o entrevistado, sendo esse o objetivo principal dos investigadores qualitativos de educação. Esta afirmação é reforçada por Bogdan & Biklen (1994), quando nos dizem que devemos interpretar as experiências do entrevistado.

Neste sentido, é importante referir que o presente estudo terá uma abordagem qualitativa. Este método é apropriado para estarmos mais perto da realidade e experiências vivenciadas pelos entrevistados, sejam estas positivas ou não. O anonimato permitirá ao entrevistado fornecer dados fiéis às suas vivências e experiências pessoais.

3.5 Campo de Estudo

O presente estudo, foi realizado em várias escolas dos concelhos de Lisboa, Cascais e Sintra. Para a concretização do estudo, foram efetuados vários contatos telefónicos com os professores de Educação Física dessas escolas, por forma a conseguirmos agendar a entrevista.

As escolas foram escolhidas pelo facto de apresentarem vários alunos com necessidades educativas especiais, nomeadamente deficiências, e por os professores de Educação Física se mostrarem disponíveis a realizar as entrevistas.

3.6 Constituição da Amostra

A amostra escolhida para o presente estudo prendeu-se em dois fatores, em primeiro lugar, tinham de ser todos professores do 3º ciclo e secundário e em segundo lugar, tinham de ter diferentes anos de experiência de ensino. Por mero acaso, juntou-se ainda mais um fator, duas das professoras estavam envolvidas com o gabinete de educação especial e eram as professoras responsáveis pelo apoio nas aulas de Educação Física dos alunos com maiores limitações.

Assim, a nossa amostra é constituída pela seguinte população:

- Duas professoras de 3º ciclo e secundário que também dão apoio educativo individualizado;
- Um professor aposentado de 3º ciclo e secundário, como uma vasta experiência em alunos com necessidades educativas especiais;
- Três professoras de 3º ciclo e secundário com alguma experiência profissional.

3.7 Instrumento de Recolha

O presente estudo mereceu especial atenção na escolha da técnica de recolha de dados, assim a que achámos mais pertinente, foi através de entrevista (Apêndice 1). Tal como nos refere Bogdan (1994), as entrevistas são muito semelhantes a uma conversa, o que acaba por transformar o entrevistado na unidade de observação e de análise. Toda a entrevista deve ser analisada de acordo com o que o entrevistado nos diz, tendo em conta os seus objetivos e a representação das mais diversas situações.

Quando fazemos um estudo em que a recolha de dados é a entrevista, conscientemente sabemos que a mesma é muito eficaz quando pretendemos identificar as perceções, atitudes,

opiniões, ideais, representações do entrevistado. Contudo, esta pode ser desenvolvida de três formas, entrevista não-diretiva, entrevista semi-diretiva e entrevista diretiva.

Nós optámos pela entrevista diretiva para a recolha de dados do nosso estudo, uma vez, que esta apresenta um quadro de referência definido e o entrevistado deve responder ou situar-se relativamente a ele. Com esta entrevista, é elaborado um esquema, que permitirá o entrevistado centrar-se nas questões elaboradas.

Para a realização da entrevista foi elaborado um guião, que teve como base os conceitos teóricos, bem como a sua operacionalização.

Segundo Carmo e Ferreira (1998), para procedermos à operacionalização temos de numa fase inicial definir os objetivos da entrevista para que posteriormente se possa transformar as variáveis em questões relacionadas com as metas que se pretende atingir.

Desta forma, a entrevista elaborada foi dividida em seis blocos temáticos, que passamos a citar:

- “Legitimação e motivação” – O primeiro bloco teve como objetivo a legitimação da entrevista, dando a conhecer ao entrevistado o conteúdo do estudo, bem como os objetivos que se pretendem alcançar com a mesma; motivar o entrevistado para a sua participação; assegurar o anonimato do entrevistado; e por fim garantir a autenticidade da informação através da gravação integral da entrevista.

- “Identificação e caracterização dos entrevistados” – Com o segundo bloco, realizou-se a recolha de dados biográficos do entrevistado, bem como proporcionar-lhe a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança.

- “Perceções de escola e turma inclusiva” – No terceiro bloco, orientou-se a entrevista por forma a conseguir averiguar o grau de conhecimento do entrevistado em relação às temáticas de inclusão, escola inclusiva e turma inclusiva.

- “Adaptações curriculares realizadas para os alunos com NEE (deficiências)” – O quarto bloco, foi elaborado no sentido de averiguar quais as adaptações curriculares realizadas de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física, bem como essas adaptações isolam ou incluem o aluno com necessidades educativas especiais na turma.

- “Implementação da avaliação inicial, formativa e sumativa aos alunos com NEE” – Com o quinto bloco, orientámos a nossa entrevista para conhecer como o entrevistado concebe e realiza a avaliação inicial, formativa e sumativa das crianças com necessidades educativas especiais.

- “Complemento” – O último bloco, foi elaborado no sentido de permitir ao entrevistado abordar ou introduzir informações que ache pertinentes em relação ao tema abordado.

Todas as entrevistas pretendidas (seis), foram efetivamente realizadas, tendo sido cada uma delas gravada através de um gravador, para que a análise de conteúdo fosse o mais fiel possível. O gravador pode, por vezes, intimidar o entrevistado, mas com o decorrer da entrevista acabam por se esquecer de que estão a ser gravados, tal como aconteceu com os nossos entrevistados.

3.8 Análise de Dados

Para os dados obtidos no presente estudo foi aplicada a técnica de análise de conteúdo. Esta técnica permite um tratamento exaustivo da informação, tal como nos afirma Berelson (1952, 1968), citado por Carmo e Ferreira (1998), é uma técnica de investigação que ajuda a

construir uma descrição objetiva e sistemática, sendo o objetivo principal a interpretação dos dados fornecidos.

Numa primeira fase as entrevistas foram transcritas (Apêndice 2) e posteriormente analisadas de forma categorial, ou seja, foram elaboradas categorias com base no quadro teórico e objetivos da investigação. Na segunda fase, foram constituídas as subcategorias, realizando-se assim, uma análise mais concisa e estreita de toda a informação obtida pela entrevista.

Os resultados da análise das várias entrevistas encontram-se em anexo (Apêndice 3), em forma de esquema/quadro.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para conseguirmos realizar este estudo, houve a necessidade de efetuar entrevistas, que tiveram de ser agendadas de acordo com a disponibilidade dos professores entrevistados. A nossa amostra teve como fator de seleção, o facto de serem todos Professores de Educação Física do 3º ciclo e Secundário, possuírem diferentes anos de experiência de ensino e serem responsáveis por uma turma onde estivesse incluída uma criança ou jovem com necessidades educativas especiais (deficiência). Durante as entrevistas, verificámos que se acrescentou ainda um outro fator à nossa amostra, ou seja, duas das professoras entrevistadas estavam diretamente envolvidas com o gabinete de educação especial e eram as professoras responsáveis pelo apoio nas aulas de Educação Física dos alunos com maiores limitações.

O meio envolvente onde se realizaram as entrevistas, foi bastante diversificado, recorrendo assim a três concelhos diferentes, Lisboa, Cascais e Sintra.

No decorrer das entrevistas verificámos que todos os professores tinham tido na sua formação inicial bases para conseguirem dar resposta às problemáticas das crianças com necessidades educativas especiais das suas turmas. Poucos tiveram formação complementar, existindo uma professora que nem na formação inicial teve essas bases.

Um dos professores, apesar de ter muita experiência com crianças com necessidades educativas especiais, ter muita formação complementar, e bastantes anos de experiência, referiu o seguinte: “Bom fiz alguma formação, se calhar não fiz a ideal, mas fiz alguma formação. Estamos sempre longe de dominar estas questões.” (E5, p. XXXVI)

Esta é a consciência que todos os professores deveriam de ter, a formação, anos de experiência e principalmente a vontade de querer fazer mais, são fundamentais para nos tornar mais capazes de realizar um bom trabalho com estas crianças e jovens, mas mesmo assim,

devemos estar cientes de que cada problemática é uma problemática e que apresenta graus de especificidade completamente distintos.

Enquanto profissionais de ensino não nos podemos deixar levar por justificações como esta: “Exige muito dos professores, (...) pela formação que não temos nem ninguém tem, (...) o acréscimo de trabalho que dá, porque são coisas muito específicas.” (E2, p. XVIII)

Temos de mudar a nossa mentalidade e caminhar cada vez mais para uma inclusão real. Como uma professora referiu:

(...) era totalmente contra e desde que trabalho com eles acho bem e acho que é a visão da maior parte das pessoas que trabalha com eles. Quem não trabalha com eles acha que eles não estão cá a fazer nada e depois de trabalharmos com eles, vemos que para muitos deles, nem que a inclusão seja pequenina, é positivo para o desenvolvimento deles, é positivo para a família e para a escola, para ou outros alunos também e professores e todas as pessoas que estão envolvidas no processo. (E3, p. XXIV)

Para além desta mudança de mentalidades, as entrevistas ainda ajudaram a entender que, é fundamental a existência de apoios facilitadores da inclusão, para que todo o processo educativo se desenrole com sucesso.

Os apoios necessários são a vários níveis, quer ao nível da educação especial (professores especializados), quer dos vários intervenientes do processo educativo (professores, alunos, auxiliares de educação), bem como de intervenientes externos à escola que vêm facilitar e disponibilizar apoio complementar.

Mas estes apoios de nada servem se não quisermos realizar um trabalho efetivo de qualidade com os alunos com necessidades educativas especiais, pois, tal como uma das professoras

defensoras da inclusão destes alunos nos afirma, “Na escola onde eu estou este ano, não há praticamente práticas inclusivas, aliás, a colega de ensino especial está a ter uma luta muito grande com os colegas todos da escola, para que hajam práticas inclusivas.” (E4, p. XXXI) Esta realidade já não deveria de existir nas escolas de hoje.

Os apoios podem e devem ser variados, como já foi referido anteriormente, e o professor deve ser capaz de «aproveitar» cada um deles de forma a valorizar e qualificar todo o processo de ensino. Assim, passo a apresentar algumas formas de apoio referidas por vários professores entrevistados:

- “(...) há uma professora de ensino especial que se dedica especialmente a esses alunos.” (E1, p. XI)
- “(...) nós temos um curso profissional de técnicos de auxiliares de ação educativa que (...) ao tomarem conta deles durante o almoço que não estão com professores, eles estão integrados na escola com alunos, e isso faz a ligação, (...)” (E3, p. XXIV)
- “(...) para os cavalos (...) é uma atividade paga, conseguimos patrocínios de pessoas particulares, voluntários que estão a apoiar o grupo, (...)” (E3, p. XXV)
- “(...) tinha sempre alunos da turma a fazer o trabalho com eles.” (E4, p. XXXII)
- “(...) via-me aflita para carregar com ele e colocá-lo no colchão e precisava sempre de ter ajuda de um funcionário.” (E6, p. XLV)

Estes são alguns dos muitos apoios que podemos ter na escola e que nos podem facilitar o trabalho a desenvolver com as crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

Outro aspeto importante que verificámos com a análise das entrevistas, foi a presença constante de algumas dificuldades associadas a todo o processo de inclusão, dificuldades essas que fragilizam de certa forma a execução de determinadas estratégias.

As dificuldades mais salientadas pelos professores de Educação Física foram as seguintes, formação de professores, arquitetónicas e materiais, dimensões das turmas, Programas Nacionais de Educação Física e o planeamento das aulas.

Estas dificuldades foram referidas em quase todas as entrevistas, mas estamos conscientes de que estas barreiras existirão sempre e que temos de ser nós, docentes, a desenvolver esforços para as anular.

Ao nível da formação de professores, foi já referido anteriormente, que este aspeto é fundamental para a otimização de todo o trabalho docente, sem termos a desculpa de que a formação inicial não nos forneceu a base para estarmos prontos a dar resposta às especificidades das nossas crianças e jovens.

Como uma professora referiu, “(...) acho que todos deviam fazer formação contínua, para depois não se queixarem que na sua formação inicial não tiveram estas bases. Então meus queridos temos de ir à procura, que eu também o fiz.” (E4, p. XXXV)

No que diz respeito às barreiras arquitetónicas e materiais, houve uma «sintonia» entre as várias entrevistas, uma vez que esta barreira é muito frequente nas nossas escolas. A nível arquitetónico uma das professoras refere que, “o agrupamento é de referência aos cegos, (...) Mas só este ano é que se esteve a fazer algumas adaptações do percurso, colocaram umas calhas para os miúdos saberem para onde ir.” (E2, p. XVIII)

Outra dificuldade de materiais referida pela professora da entrevista (E3), “(...) tive durante muitos anos com deficiência visual e fui eu que fiz as bolas para ele jogar com os outros, pus para lá guizos, porque a escola em si não tinha. (p. XXVI)

As dificuldades dos professores relativamente às dimensões das turmas, estão efetivamente relacionadas com o facto de estas apresentarem excesso de alunos, “(...) penso que as turmas continuam a ser muito grandes para integrar estes jovens, a lei vai no bom sentido, diz que não pode acontecer, mas não é isso que acontece a maior parte das vezes.” (E5, p. XLI)

Para além desta dificuldade, surge ainda outra, a de adaptação dos Programas Nacionais de Educação Física. Para alguns professores esta é uma dificuldade acrescida ao seu trabalho. “Não é fácil, porque os programas não estão minimamente construídos tendo em conta esta população especial. (...) Na maior parte, ou em grande parte dos casos, acabam por ser adaptações profundas que extravasão completamente as competências que vêm nos programas.” (E1, p. XIII)

Os Programas Nacionais de Educação Física são uma ótima «ferramenta» de trabalho para os docentes, mas de acordo com a especificidade de cada deficiência as adaptações são muito díspares.

Por fim, a última dificuldade sentida pelos professores entrevistados foi o planeamento das aulas. Esta dificuldade prende-se com o facto de terem de organizar, planear e orientar uma aula onde a diversidade de tarefas, exigência de controlo das mesmas, bem como o apoio a dar a todos os alunos em geral, se evidência ainda mais com a presença de uma criança ou jovem com necessidades educativas especiais.

“É inventar exercícios que sejam adaptados e não sejam monótonos (...)” (E4, p. XXXII)
Para além de tentarmos motivar os alunos com exercícios diversificados, por vezes, “não é fácil construir as aulas com alguns alunos com dificuldades muito acentuadas.” (E5, p. XXXVIII)

Entramos agora num ponto muito importante para este trabalho e que se encontra intimamente ligado com a avaliação, as adaptações curriculares. Inicialmente o objetivo era encontrar as adaptações realizadas para cada deficiência que os professores entrevistados tivessem em mãos, mas com o desenrolar da entrevista, iam surgindo algumas ideias e exemplos que os professores gostavam de referir em relação a outras deficiências que já tinham tido nas suas aulas.

Desta forma, as adaptações curriculares não são específicas de cada deficiência, mas sim genéricas de acordo com as diferentes deficiências que foram abordadas.

Os professores entrevistados referiram inúmeras adaptações realizadas com os alunos, algumas dessas adaptações foram apenas ao nível dos materiais, “(...) em termos de ginástica a utilização da trave baixa em vez de alta, (...) utilização dos reuthers em vez de minitrampolim, (...)” (E3, p. XXVII). Como outra professora refere “(...) o que eu fiz prendeu-se mais a nível de materiais, propondo à escola a compra de determinados materiais, mais adequados, por exemplo bolas e raquetes com uma pega mais curta, bolas que não magoassem, bolas de esponja, (...)” (E1, p. XI)

Outra adaptação curricular estava relacionada com a modificação ou adaptação das tarefas a realizar nas aulas, tais como: “Nas raquetes por exemplo, ela só fazia sem rede, era jogo 1X1, mas sem rede, (...)” (E2, p. XX); “Não pode haver ponto se o colega não tocar na bola, e tocar não é só tocar, tem de haver passe e receção, ou eventualmente se ele marcar vale a dobrar, (...)” (E4, p. XXXIII); “(...) no voleibol é muito as situações de um lança a bola e ela tem de devolver, não é toque seguido, é mais 1X1 ou 1+1.” (E6, p. XLVIII)

Estas são algumas das adaptações realizadas, mas agora importa referir se estas adaptações permitiam algum sucesso por parte dos alunos com necessidades educativas especiais ou não.

A resposta a esta questão é fundamental, pois se as adaptações não surtirem o efeito desejado, têm de ser repensadas e alteradas, indo desta forma ao encontro das necessidades de cada criança e jovem.

Alguns professores referiram que as adaptações foram reveladoras de muito sucesso. Um dos professores afirma também que, “algumas tinham sucesso, outras não tinham tanto sucesso.” (E5, p. XL)

O sucesso na integração dos alunos vai levar a que estes se sintam num ambiente confortável e acolhedor. A segregação é uma constante na vida destas crianças e jovens, por isso, temos o dever de as ajudar a sentirem-se confortáveis, autónomos e sociáveis no meio escolar.

Desta forma, focamo-nos em mais um aspeto bastante importante para a inclusão destas crianças no ensino regular, a vertente social. Muitos professores referiram que o facto de os alunos se sentirem parte da turma, os restantes alunos conviverem com eles sem os excluïrem, a motivação para a prática, através de adaptações adequadas às suas necessidades e a promoção da autonomia, são fatores decisivos para uma inclusão efetiva.

As relações interpessoais são fundamentais neste processo, tal como nos afirma o professor da entrevista E5, “a relação afetiva é um caminho para o sucesso e com alunos com NEE ainda mais.” (p. XL)

Outra professora refere ainda, “eu não consigo dissociar a parte social do resto da aula, porque na aula de educação física isso é implícito.” (E1, p. XV)

Resumindo, a vertente social é um dos fatores principais e fundamentais para a inclusão destas crianças e jovens nas escolas regulares. Viver em sociedade é isso mesmo, respeitar o próximo, independentemente das suas necessidades ou limitações. Assim, a escola é o fio

condutor para a inclusão destes alunos numa vida socialmente ativa após a escolaridade estar concluída, ou seja, a escola tem o dever de preparar estas crianças e jovens para a autonomia.

Por fim, resta-nos falar do último ponto da entrevista, que é o ponto principal e fulcral de todo este trabalho, a avaliação.

A avaliação foi referenciada por alguns entrevistados com alguma importância no processo de aprendizagem dos alunos, mas outros não davam muita importância a este aspeto. Na entrevista abordamos as três formas de avaliação, a inicial, a formativa e a sumativa.

Começando pela avaliação inicial, das seis entrevistas realizadas, todos os professores afirmaram que realizavam a avaliação inicial, atribuindo-lhe um cariz informativo essencial para a elaboração de todo o processo educativo a desenvolver com os alunos com necessidades educativas especiais. Muitos referiram, que ainda iam procurar mais informação junto dos gabinetes de ensino especial, bem como outros meios de pesquisa.

“Fazia a avaliação inicial da criança, era um ponto de partida para eu definir toda a minha intervenção com ela. Nunca fazia a minha intervenção só com a informação disponibilizada, fazia sempre uma avaliação inicial.” (E5, p. XL)

Apesar de atribuírem um cariz informativo à avaliação inicial, duas professoras referiram ainda que, “em relação à avaliação inicial, vou vendo o que a aluna vai conseguindo fazer, ou não, mas não me preocupo muito com isso.” (E2, p. XXI) Outra professora referiu que, “(...) eu posso fazer uma avaliação inicial da criança, só para ter a ideia do que é que ela consegue fazer ou não. Se é muito específico o caso, eu não consigo concretizar, isto porquê, falta-me o meu lado da formação que não tenho, (...)” (E6, p. XLIX)

Posteriormente fez-se referência à avaliação formativa. Esta não demonstrou, por parte dos professores, um cariz tão importante como a avaliação inicial, pois muitos dos professores preferiam avaliar os alunos de uma forma contínua (avaliação contínua), por forma a obter uma constante resposta às adaptações realizadas.

“(…) normalmente não faço num momento formal, ou seja, ao longo do ano vai tendo as suas conquistas (…) vou avaliando ao longo das várias aulas.” (E4, p. XXXIV) Outra professora disse ainda, “(…) eu acho que a avaliação deles acaba por ser uma coisa constante, e que acaba por ser muito uma coisa global.(…) É muito difícil dizer que se faz uma avaliação especializada com eles, (…) pelo menos com estes casos mais complicados.” (E3, p. XXVIII)

Uma das professoras entrevistadas (E6), fez referência a uma avaliação formativa efetiva, porque a sua aluna não gostava de estar separada da turma. É claro que este aspeto está completamente interligado com a especificidade da deficiência que se tem em mãos, bem como da motivação dos próprios alunos com necessidades educativas especiais.

Por fim, a entrevista faz uma abordagem à avaliação sumativa. Uma vez mais, é importante relembrar, que a avaliação e os seus parâmetros são e devem ser definidos de acordo com a especificidade de cada deficiência e de cada criança.

Se por um lado, há professores que referem que estes alunos “(…) têm um currículo específico onde fazemos só avaliação qualitativa.” (E3, p. XXIX), outros referem que, “(…) a avaliação formativa é que é adaptada. Porque depois a avaliação sumativa acaba por ser o resultado daquilo que é feito na formativa (…) eles precisam de ter noventa por cento nas atividades físicas, mais dez por cento nos conhecimentos e estar dentro da zona saudável, (…)” (E6, p. XLIX)

Outra professora fez ainda referência ao facto de adaptarem os níveis de ensino em que os alunos têm de se encontrar no final do ano letivo. Assim, na entrevista E1 “ao nível das atividades físicas e desportivas, por exemplo, se está preconizado que no décimo ano o

basquetebol atinja um nível E, para ele pode ser o I, e mesmo dentro do I pode nem ser o I só, pode ser uma parte do I.” (p. XV)

Desta forma, para concluirmos este capítulo, importa referir que a avaliação em Educação Física é muito importante, mas que tem de estar associada a outros fatores tão importantes como ela. Já referimos anteriormente que, as adaptações curriculares são fundamentais para garantir o sucesso da inclusão dos alunos, mas que para além destas existem ainda outros fatores cruciais (apoios, formação dos professores e vertente social) no processo educativo.

É ainda importante referir que dos dados todos recolhidos, sentimos mais à vontade dos professores na abordagem dos aspetos mais relacionados com as adaptações curriculares do que propriamente a com a avaliação. Embora atribuam alguma importância à avaliação, nas suas três vertentes implícitas neste estudo, acabam sempre por «desvalorizar» um pouco esta componente.

5. CONCLUSÕES

A avaliação, tal como nos afirma Leitão (2010), está muito relacionada com o processo educativo, sendo uma parte constituinte dos pilares deste mesmo processo.

Toda a pesquisa foi desenvolvida em torno da avaliação, mas com o estudo efetivo para a revisão de literatura, verificou-se a necessidade de abordar outros temas que orientassem o nosso estudo para a temática principal.

De tudo o que foi apresentado na discussão dos resultados, podemos concluir logo à partida que, a avaliação não é possível estar dissociada de outras temáticas igualmente importantes. Assim, é-nos completamente impossível analisar a avaliação sem dar ênfase a temas tão importantes como os apoios, as dificuldades sentidas no processo educativo, a formação dos professores, a vertente social implícita neste processo e principalmente as adaptações curriculares que se devem estabelecer para o sucesso do ensino.

Os objetivos propostos na fase inicial do nosso trabalho foram alcançados, verificando-se com a análise de conteúdo das entrevistas a importância que os professores realçam sobre a escola ser cada vez mais inclusiva. Conseguimos ainda verificar como as adaptações curriculares são realizadas para os alunos com necessidade educativas especiais (deficiências), bem como a avaliação é implementada e orientada com a mesma população.

Assim, e segundo o autor Grineski (1996), citado por Leitão (2010), a escola deve possibilitar a toda e qualquer criança as condições necessárias à aprendizagem. A aprendizagem é um ato

individual, apresentando assim vantagens e desvantagens inerentes a esta dimensão. A aprendizagem é um ato social.

Como já referimos na análise dos resultados, surgiram vários aspetos importantes no nosso estudo, que por sua vez, vão ajudar os professores a construírem uma avaliação mais concisa.

Esses aspetos passam pelos conceitos de inclusão implícitos no processo de ensino. Um dos primeiros, e que salta logo à «vista» é a formação de professores, encontrando-se aqui uma grande lacuna sentida pelos mesmos. Também sabemos que a formação deve ser contínua, mas que em determinado momento nos acomodamos. Devemos procurar sempre dar resposta às nossas dúvidas e incertezas, por forma a melhorar e qualificar a nossa intervenção com a população em questão.

Outros aspetos a referir são os apoios que os professores têm à sua disponibilidade para conseguirem garantir uma inclusão efetiva e integral. Depois, como já era de esperar, encontrámos várias dificuldades associadas ao processo de inclusão, dificuldades essas que muitas vezes passam por barreiras comportamentais, tal como nos afirma Leitão (2010), os professores devem mudar a mentalidade e deixarem de uma vez por todas de apresentar uma atitude inflexível para o desenvolvimento de um currículo adaptado e inclusivo.

A vertente social está intimamente ligada como todo este processo, e a sua influência quer sobre os alunos com necessidades educativas especiais, quer sobre todos os outros atores intervenientes, é muito positiva. A inclusão começa na escola, o que permite às crianças e jovens começarem a preparar toda a sua autonomia para a vida após a escolaridade.

Assim, chegamos aos nossos dois objetivos principais em estudo. Se por um lado, é fundamental os professores efetuarem adaptações curriculares por forma a garantir o sucesso de aprendizagem dos seus alunos, por outro lado é fundamental que essas adaptações

culminem numa avaliação, também ela adaptada e orientada segundo as necessidades de cada aluno.

Desta forma, é importante referir que os professores entrevistados fazem adaptações curriculares de acordo com a especificidade da deficiência que têm à sua responsabilidade, bem como efetuam uma recolha de informação necessária e imprescindível através da avaliação dos alunos, seja ela inicial, formativa ou sumativa. Esta recolha de informação vem regular todo o processo de aprendizagem.

Importa ainda referir que a importância da avaliação deve ser alterada. Devemos dar mais valor a este processo de recolha de informação, pois é um instrumento fundamental para garantir o sucesso da aprendizagem dos nossos alunos.

Tendo em conta as limitações do presente estudo e de todas as temáticas a ele associadas, deixamos algumas questões que também nos foram surgindo durante o estudo:

- Será que a avaliação está estruturada segundo a legislação em vigor nas nossas escolas?
- A formação contínua dos professores ajudaria no processo de aprendizagem e avaliação?

Estas são algumas das questões que deixamos em aberto e que não foram motivo de estudo no nosso trabalho.

Para terminar deixamos apenas uma ideia, um ensino inclusivo é aquele que proporciona a TODOS o acesso à educação e formação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bermudes, Roberta, Ost, Mariana & Afonso, Mariângela (2013). *Avaliação em Educação Física Escolar: da Mobilização dos Saberes à Construção das Práticas Avaliativas para a Intervenção Pedagógica*. [Versão Eletrónica]. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, Vol. 12, nº 1, 95-116
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- Carmo, Hermano & Ferreira, Manuela (1998). *Metodologia da investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Correia, Luís (2010). *Educação Especial e Inclusão – Quem Disse Que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito juízo*. Porto: Porto Editora
- Crawford, Susan, Flanagan & O’Reilly (2012). Examining Current Provision, Practice and Experience of Initial Teacher Training Providers in Ireland Preparing Pre Service Teachers For The Inclusion of Students With Special Education Needs in Physical Education Classes. [Versão Eletrónica]. *EUJAPA*, Vol.5, nº2, 23-44
- Departamento de Educação Especial da DGEBS (1992). *Educação de Crianças e Jovens com Necessidades Educativas Especiais*.
- Jacinto, João, Carvalho, Lídia, Comédias, João & Mira, Jorge (2001). *Programas Nacionais de Educação Física*. Ministério da Educação
- Klavina, Aija & Kudláček, Martin (2011). Physical Education for Students with Special Education Needs in Europe: Findings of the EUSAPA Project. [Versão Eletrónica]. *EUJAPA*, Vol.4, nº2, 46-62
- Leitão, Francisco (1980). Algumas Perspectivas Históricas sobre Educação Especial. *LUDENS*, Vol. 4, Nº3, p. 12-18
- Leitão, Francisco (2010). *Valores Educativos, Cooperação e Inclusão*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones

Nielsen, Lee (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula – Um Guia Para Professores*. Porto: Porto Editora

Portugal, Fernanda (2003). *Concepções e Práticas de Inclusão num Agrupamento Vertical – As Linhas com que se Cosem as (In)diferenças*. Dissertação apresentada na Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Educação, Vol. I, Lisboa

Serrano, Jorge (2005). *Percursos e práticas para uma escola inclusiva*. Dissertação apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa

Declaração dos Direitos da Criança (1924)

Declaração de Salamanca (1994)

Decreto-Lei 301/84

Decreto-Lei nº 243/87 de 15 de junho

Decreto-Lei 35/90

Decreto-Lei nº 319/91 de 23 de agosto

Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de setembro

Despacho Conjunto nº 105/97 de 1 de julho

Despacho Normativo nº 24 A/2012

Lei nº 46/86 de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo)

7. APÊNDICES

APÊNDICE 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA

APÊNDICE 2 – CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA E1

ENTREVISTA E2

ENTREVISTA E3

ENTREVISTA E4

ENTREVISTA E5

ENTREVISTA E6

APÊNDICE 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

ENTREVISTA E1

ENTREVISTA E2

ENTREVISTA E3

ENTREVISTA E4

ENTREVISTA E5

ENTREVISTA E6

APÊNDICE 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA

GUIÃO DE ENTREVISTA

PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO

ENTREVISTADO: Professor/a de Educação Física

ENTREVISTADOR: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

LOCAL: _____

DATA: ____/____/____

HORA: ____:____

DURAÇÃO: ____:____

OBJETIVOS GERAIS:

1. Averiguar quais são as perceções que os professores de Educação Física têm sobre a inclusão na escola/turma regular;
2. Verificar como é feita a adaptação curricular aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), por forma a promover a inclusão;
3. Conhecer como é realizada e adaptada da avaliação destes alunos, (avaliação inicial, formativa e sumativa).

ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA ENTREVISTA

- I. Legitimação e motivação;
- II. Identificação e caracterização do entrevistado;
- III. Perceções de escola e turma inclusiva;
- IV. Adaptações curriculares realizadas para os alunos com NEE;
- V. Implementação da avaliação inicial, formativa e sumativa aos alunos com NEE;
- VI. Complemento.

ÁREAS TEMÁTICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
I Legitimação e motivação	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista;• Motivar o entrevistado	<p>O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensinos básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular.</p> <p>Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.</p>
II Identificação e caracterização dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none">• Obter dados biográficos sobre o entrevistado;• Proporcionar ao entrevistado a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança.	<ul style="list-style-type: none">• Que idade tem?• Há quantos anos leciona?• Esteve sempre na mesma escola?• Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?• Que tipo de deficiências?• Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

ÁREAS TEMÁTICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
III Perceções de escola e turma inclusiva	<ul style="list-style-type: none">• Averiguar até que ponto o entrevistado conhece bem o conceito de inclusão, escola inclusiva e turma inclusiva.	<ul style="list-style-type: none">• O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?• Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?• Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua está?• De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?• Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas aulas?• Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?• Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

ÁREAS TEMÁTICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
<p>IV Adaptações curriculares realizadas para os alunos com NEE (deficiências)</p>	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer quais as adaptações curriculares (PNEF) que o professor concebeu para a inclusão do aluno na turma;• Averiguar se essas adaptações isolam o aluno com as NEE ou se o incluem o mais possível na aula/turma.	<ul style="list-style-type: none">• Gostaria que me falasse um pouco do trabalho que realiza com as crianças com NEE.• No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?• Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?• Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?• De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?• Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?• Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?• Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?• Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?• A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que

ÁREAS TEMÁTICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
<p>V</p> <p>Implementação da avaliação inicial, formativa e sumativa aos alunos com NEE</p>	<ul style="list-style-type: none">• Perceber como é concebida e realizada a avaliação inicial, formativa e sumativa destas crianças.	<p>efetua?</p> <ul style="list-style-type: none">• Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?• Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?• Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?• Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?• Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE? São os mesmos das restantes crianças?

ÁREAS TEMÁTICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
VI Complemento	<ul style="list-style-type: none">• Recolher informações complementares relativos ao tema abordado na entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

APÊNDICE 2 – CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS

Entrevistado: Professora Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 24/10/2013

Hora: 10h00

Duração: 41'04"

Nº Entrevista: E1

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Cinquenta e cinco.

Há quantos anos leciona?

Este é o trigésimo quinto.

Esteve sempre na mesma escola?

Não, estive em várias escolas.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Sim.

Que tipo de deficiências?

Desde deficiências a nível motor, alunos com problemáticas a nível comportamental, síndrome de Asperger, o que eu me lembro mais foi a síndrome de Asperger e a nível motor de variados graus de deficiência. Tive um rapaz e uma rapariga de cadeira de rodas e uma menina que só tinha o coto dos braços e a preensão de dois dedos. A nível motor foram essencialmente estes.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Não, não tive.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Sinceramente não tenho sentido grandes diferenças dessas. Acho que esta escola sempre se preocupou por tentar... tanto que os alunos com essas problemáticas, com as mais diferentes problemáticas, tanto mais que esta escola, os alunos podem optar por esta escola e são os primeiros que podem optar pela escolha desta escola. Temos tido muitos alunos precisamente por causa disso, porque tem um historial de apoio a esses alunos, que a leva a ser muito pretendida.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

Eu associo tudo, toda a vida do jovem a partir do momento em que entra pelo portão da escola para dentro e muitas vezes também para fora. Ah, associo tudo, desde os cuidados que esses alunos têm que ter, alguns têm de ser auxiliados por alguém, se precisarem de ir à casa de banho, se precisarem de ter apoio no refeitório para comer, para ir buscar o tabuleiro, todas essas situações. Depois há uma professora do ensino especial que se dedica especialmente a esses alunos. Se de acordo com as fragilidades que eles apresentam, têm apoios individuais, os próprios colegas são sensibilizados para ajudarem, apoiarem o jovem nessas circunstâncias na turma. Este ano, infelizmente, as turmas não têm as dimensões que deveriam ter, são turmas maiores o que torna logo o trabalho dos professores muito mais difícil. Pronto, é todo um complemento, não passa só pela parte dos professores. Há um gabinete que apoia os alunos, que de alguma maneira possam estar com dificuldades, e também são apoiados a esse nível. Há uma grande interação com os encarregados de educação, e também de alguma forma mantenho o contacto com os alunos fora da escola, para resolver alguns problemas fora da escola.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Nesta escola, é o que acabei de referir, que é o gabinete de apoio, apoio individual de algumas disciplinas onde há mesmo necessidade. Já tive a experiência de ter um colega de apoio à disciplina de educação física dentro da mesma sala para ajudar esse aluno a estar mais incluído nas tarefas, porque é impossível um professor lidar com tudo e dar-lhe a atenção que ele necessita. E basicamente é isso.

Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas aulas?

Nas minhas aulas, ah, pois, tenho de me reportar para o tempo da Catarina (tinha apenas os “cotos” dos braços e dois dedos), e para a Catarina não tive nenhum apoio especial, apenas conversas com o professor anterior. Eu não tive nenhum apoio especial com esta

aluna. Ah, portanto, fui eu que fui tentando fazer a inclusão dela, e era uma miúda que tentava fazer praticamente tudo, e então o que eu fiz prendeu-se mais a nível de materiais, propondo à escola a compra de determinados materiais, mais adequados, por exemplo bolas e raquetes com uma pega mais curta, bolas que não a magoassem, bolas de esponja, bolas mais leves, adaptar o alvo à situação dela. E depois aprendia com ela, porque ela dizia “professora mas eu quero experimentar” e eu deixava experimentar dentro das condições de segurança, obviamente. Mas nessa altura não havia professor de apoio na aula.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

É ter de decorrer todo o resto da aula, que implica deslocações várias dentro do espaço da aula, é o acesso a algumas instalações, para as quais os alunos em cadeiras de rodas não conseguem subir se não forem transportados ao colo, nomeadamente as galerias do pavilhão que foram aproveitadas para a prática, e é o decorrer da aula. O apoio que tem de ser dado ao longo da aula a todos os alunos e a aquele aluno em particular.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

Normalmente há tarefas que o aluno tem que fazer, e se não poderem ser as mesmas tarefas que os outros colegas estão a fazer, rotativamente os colegas vão apoiá-lo na tarefa que ele está a fazer. Dão-lhe os materiais, ajudam-no a passar à tarefa seguinte, proceder a registos, etc. Tento também atribuir tarefas a esse aluno que tenham a ver com atividades que ele não pode desenvolver mas que os colegas desenvolvem, por exemplo, a capacidade de cronometrar, pronto, inclui-los também a esse nível de retirar dados, observação, não só mas também.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

É no plano de aula, ter tudo o que me permite estar à vontade enquanto a aula se está a desenvolver, portanto, é pensá-la toda muito bem antes, ah, espaços, materiais, tarefas, tempos. Uma planificação muito cuidada, seleção de situações de aprendizagem. Sobretudo a preparação da aula é alvo de muito trabalho e muito cuidado.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

Limitações de material e de acessibilidade de algumas instalações.

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

Pois, ah, eu já tive de fazer diferentes tipos de adaptações curriculares, desde currículos próprios para aqueles alunos, como é o caso do aluno que tenho em mãos este ano, que não sendo a professora da turma, sou a professora de apoio, ele não chega a ter aula com

o professor da turma, não chega a fazer as aulas incluído na turma, as aulas de educação física, porque as outras ele faz. Porque as tarefas são tão diferentes do que aquilo que os outros colegas fazem, que não faz sentido estar a incluí-lo naquela situação, quando ele pode fazer outras conquistas que são mais significativas para ele. Este aluno que eu estou a falar é um aluno com tetraplasia, que, ah, ao nível da mobilidade dos membros superiores estava muito comprometido, mesmo da postura, cabeça, etc, estava tudo muito comprometido, e então foi feito um programa especial para ele. Esse programa especial, porque ele tinha de ter educação física, passam por tarefas que nada têm a ver com a educação física curricular que nós conhecemos, com os Programas Nacionais de Educação Física. Portanto, tarefas tão específicas como, colocar e tirar tarefas dentro de um estojo, para ele é difícil a preensão, arranjar atividades em que ele tenha que desenvolver para além da motricidade fina, uma motricidade mais abrangente, para que ele comece a mobilizar os dedos todos da mão, tarefas que sejam significativas para o dia-a-dia, aprendeu a fazer a barba com a máquina de barbear, aprendeu a lavar os dentes, aprendeu a lavar a cara, aprendeu a abrir e a fechar portas, as auxiliares ajudaram-no a começar a comer sozinho. Tarefas para ele ser mais autónomo, é sempre na busca da autonomia.

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?
--

Por exemplo, da Catarina, fiz uma adaptação dos materiais, bolas mais leves, a rede de voleibol mais baixa, o cesto de basquetebol mais baixo, ah, o salto em altura, ela também fazia mas o problema era a queda e então colocava-se colchões mais fofos e mais leves, para ajudarem a amortecer e não cair com o peso todo nas costas. Eu ia muito de acordo com o que a aluna tinha vontade de experimentar, eu depois percebia como é que podia agir ali, modificar ali, para tornar a tarefa dela mais fácil, com mais possibilidade de ter sucesso. Não é fácil, porque os programas não estão minimamente construídos tendo em conta esta população especial. Não estão, não estão, não posso estar aqui a dizer que estão, porque não estão. E as adaptações são muito específicas de cada deficiência. Na maior parte, ou em grande parte dos casos, acabam por ser adaptações profundas que extravasão completamente as competências que vêm nos programas. Por outro lado, com alunos com síndrome de Asperger tem sido para mim mais possível fazer adaptações, mantendo as matérias que são previstas e realizar só algumas adequações. Por exemplo, está previsto que o aluno no décimo primeiro ano atinja um determinado nível numa determinada matéria, por exemplo um nível introdutório, e eu não seleciono todas as competências do nível introdutório, ele só tem de atingir parte do I. Depois de acordo com o percurso que o aluno vai fazendo, de acordo com a avaliação formativa, que vai sendo feita ao longo de todo o ano, eu vou fazendo algumas adequações, ou tento baixar o nível de dificuldade ou diminuindo as competências a atingir. Como sabe, os alunos com a síndrome de Asperge, têm alguma dificuldade de lidar com os seus pares, ele tinha momentos, principalmente nos intervalos que andava sozinho pela escola, mas nas aulas ele participava, embora houvesse sempre um cuidado muito especial na constituição do grupo de trabalho, de qualquer das maneiras, uma vez que queremos que a sociedade seja cada vez mais inclusiva, todos os colegas tinham de passar pela situação de trabalho com aquele aluno. Surpreendeu-nos nomeadamente na dança a pares, porque estávamos à espera que ele não quisesse agarrar e ser agarrado, e a principal dificuldade não

foi essa, foi o ritmo. Depois na avaliação é que houve alguma diferenciação, pois ele tinha de atingir as competências do décimo ano e não do décimo primeiro, para haver uma evolução coerente ao longo dos anos.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

É assim, as grandes adaptações do primeiro caso que eu falei, foram feitas por mim, ah, as adaptações dos últimos casos que tenho vindo a trabalhar, na altura eu era orientadora de estágio, foram com uma forte intervenção do núcleo de estágio, depois chegávamos ao grupo e proponhamos, e por norma as coisas eram sempre aceites e pedidas.

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Neste caso, como disse, eu este ano não tenho alunos nas minhas turmas, dou apoio a dois alunos com necessidades educativas especiais, porque como estou a lecionar o curso profissional de desporto, mas que tem uma parte prática, e tenho um aluno com problemáticas ao nível da concentração, dificuldades de aprendizagem, dislexia, disgrafia mas que se refletem a um nível acentuado a nível motor, tem muita descoordenação.

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Por exemplo, o menino que tive de cadeira de rodas, para o incluir mais na turma, dei-lhe mais tarefas de observação, de cronometrar, uma vez que não fazia a parte da aptidão física que os colegas faziam, e então era ele que cronometrava e o sinal era o apito da cadeira de rodas dele. E os colegas já sabiam que ao sinal do apito tinham de transitar de tarefa. Pronto, isso era uma das coisas, depois outra, ele tinha de dar feedback aos colegas, tinha que lhes dizer o que eles tinham que melhorar, identificar os erros, mas tinham de ser coisas muito precisas para que ele não se dispersa-se. Coisas muito precisas para que não se dispersa-se e depois ficava sem saber o que estava a observar. Pronto, isto são dois exemplos.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

O aluno está motivado, sente, obviamente, que é diferente, mas aceita a sua diferença e está mais confiante.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

Está sempre. Neste caso havia sempre um ou dois colegas que estavam sempre a apoiar, na mesma aula, o grupo de apoio a este aluno ia mudando. Por exemplo, alunos com a síndrome de Asperge na constituição dos grupos, era sempre tido em conta, por exemplo, numa coreografia de ginástica acrobática, que demora algum tempo a ser construída e que requer habilidades da área da ginástica de solo também, ah, socialmente aquilo para ele era extremamente importante, porque a vitória dele era a vitória do grupo e vice-versa. E o grupo conseguiu trabalhar muito bem com ele, mesmo quando, nas figuras que escolheram, nas ligações entre as figuras, de maneira a que ele nunca fosse ali um elemento neutro ou que estivesse a fazer de faz de conta. Portanto, eu não consigo dissociar a parte social do resto da aula, porque uma aula de educação física isso é implícito.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

Sobre a educação física, praticamente nenhuma, ou nenhuma mesmo. Por exemplo, este aluno com a síndrome de Asperge, que eu referi à pouco, no ciclo anterior, ele veio de outra escola, e o que ele trazia de informação era zero, sobre a educação física.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Os alunos são sempre sujeitos a uma avaliação inicial, também, não é uma coisa imposta, é uma coisa negociada. Por exemplo, vamos ver, sentes-te mais confortável assim, és mais capaz aqui, qual é a tua forma mais, mas são sempre sujeitos a uma avaliação inicial, ao nível das diferentes áreas, das atividades físicas e desportivas, da aptidão física. Por exemplo o aluno com síndrome de Asperge tinha obesidade, ele não fazia a milha, fazia só o vai-vem, mas chegava a um determinado momento e já não tinha de seguir o ritmo da música ou pisar a linha ao sinal do bip ou da mudança. Tinha de fazer o máximo de percursos que conseguisse de acordo com as suas capacidades. A milha fazia em marcha. A motivação é fundamental.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

Não estabeleço períodos diferentes de avaliação desses alunos, a não ser que haja alguma situação muito particular que seja necessário, isso. Mas tenho uma preocupação grande em recolher bastante informação, bastantes dados ao nível da avaliação formativa para ir reformulando alguma coisa que não esteja a correr bem, ou seja preciso desafios mais ambiciosos.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

Sim, sim.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE?

São os mesmos das restantes crianças?

Como eu já disse à bocado, ao nível das atividades físicas e desportivas, por exemplo, se está preconizado que no décimo ano o basquetebol atinja um nível E para ele pode ser o I, e mesmo dentro do I pode nem ser o I só, pode ser uma parte do I. Mas tem a mesma valorização que têm os colegas que atingem o E. Tem de ser adaptado a ele. Isto é um exemplo, ao nível dos testes de aptidão física, em vez de ter de atingir as Xs extensões de braços, tem que atingir Xs menos ou então fá-las modificadas, com os joelhos no chão, por exemplo. Pronto, isso é alvo de ponderações, esses critérios são sujeitos a aprovação do grupo, mas não são completamente discrepantes, isto no caso do meu aluno com síndrome de Asperge. No caso do aluno com limitações de ordem motora muito grandes, no caso da cadeira de rodas, são critérios específicos feitos mesmo para ele. Tem a área da parte da aptidão física, por exemplo, ao nível da amplitude de movimento, quanto tempo demora a colocar os pinos todos empilhados. Depois ao nível das competências próprias para ele, fazer a barba, lavar cara, lavar os dentes. Tudo isso é alvo de avaliação. Depois a parte de avaliação de conhecimentos, que pode ou não sofrer alguma adaptação, depende da matéria que está a ser lecionada e se faz sentido haver ali alguma diferenciação. Neste caso, ele dá a resposta eu escrevo no teste. É a única modificação.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

Para mim a maior relevância de todo este trabalho com estes alunos, é o caminho para a autonomia, e tentar proporcionar-lhes experiências para as quais muitas vezes os pais não estão sensibilizados, que é trabalho em outros meios. O rapaz da cadeira de rodas, vai passar a ter sessões uma vez por semana numa piscina. Pedi à escola que negociasse o transporte da escola para a piscina e depois da piscina para casa. E quero muito proporcionar-lhe uma experiência de surf adaptado, que sei que existe. E é isso, caminharem para a autonomia e vivenciarem o maior número de experiências possíveis.

Entrevistado: Professora Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 24/10/2013

Hora: 11h00

Duração: 22'42''

Nº Entrevista: E2

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Quarenta e oito.

Há quantos anos leciona?

Vinte e cinco.

Esteve sempre na mesma escola?

Não, mas a maior parte do tempo estive aqui nesta escola, para aí vinte e três anos. Fiz estágio numa, no ano a seguir estive noutra e depois fiquei aqui efetiva.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Sim.

Que tipo de deficiências?

Já tive uma aluna cega, aqui à vários anos, e depois já tive uma aluna com Espinha Bífida.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Na faculdade, sim só.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Em termos dos alunos vejo benefícios, não é, em termos dos professores não vejo tantos benefícios. Exige muito dos professores, em termos dos colegas vejo complicado. Uma pela formação que não temos nem ninguém tem, e depois outra é o número de alunos por turma, o acréscimo de trabalho que dá, porque são coisas muito específicas. Os professores que ficam muito atrapalhados, principalmente em disciplinas em que têm um exame externo para fazer, é muito complicado. Claro que depois se vão fazendo adaptações, há miúdos que depois se não quiserem fazer faculdade, não se faz exame, faz-se só a nível de escola, ou só se faz aquele que ele quer como específica. Mas eu vejo os professores com muitas dificuldades. Agora, quando nos juntamos em agrupamento, o grupo da educação especial já é muito grande, onde tivemos sempre uma professora de apoio, que a especialidade dela era invisuais, mas ela coitada virava-se para todo o lado. Agora com o grupo grande, que eles são uns treze, que não são muitos, porque o agrupamento é grande e vêm desde o primeiro ciclo.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

Todos termos, os miúdos, o direito à formação que lhes é devida, não é, e depois faz-me confusão não lhes darmos realmente as condições. Porque a maior parte das vezes não é nada inclusiva. Enquanto estas problemáticas que eu tive, até se consegue que o miúdo participe e esteja, mas por exemplo aqui no primeiro ciclo temos miúdos com autismo, o que é muito complicado. Não têm o apoio que devem ter, logo é tudo menos inclusiva.

Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua escola está?

Aaah, não, (risos), não está, mas se calhar também não é das piores, porque até tem algumas condições, tem esse grupo grande, este ano tem psicóloga, quer dizer nós não tínhamos o resto do agrupamento tinha, e nós só estamos em agrupamento desde o ano passado. O agrupamento é de referência aos cegos, aah há vários ali no terceiro ciclo e no segundo. Mas só este ano é que se esteve a fazer algumas adaptações do percurso, colocaram umas calhas para os miúdos saberem para onde ir. E Por exemplo não se conseguiu completar aquilo, só se fez um bocado. Pronto o agrupamento e a direção têm isso como preocupação, de integrá-los. Por exemplo o aluno da M...., foi muito complicado, porque não se conseguia uma casa de banho adaptada para o miúdo, e foi uma luta para se ter a casa de banho, ficou pronta o ano passado e teve de ser a câmara a facilitar algumas coisas.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Sei lá, uma é em termos de mobilidade dos miúdos, para os miúdos de cadeiras de rodas, e depois olha (risos). Depois vão tendo alguns professores mais preocupados e mais sensibilizados e atentos a isso, e que vão conseguindo fazer isso. Em termos informáticos também temos algumas facilidades, arranja-se normalmente.

Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas

aulas?

Têm uma das professoras do ensino especial, aah, e depois (risos), e se se pedir o material também vão tentando facilitar. Pelo menos na educação física vai-se pedindo e vai-se adquirindo. Ao nível de adquirir coisas aqui a escola é atenta a isso, para satisfazer isso. Pronto os professores continuam a sentir-se muito sozinhos, para planear, e por causa das turmas em que vão tendo estes alunos, o número de alunos é muito grande e os professores não...

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

É mesmo eles não se sentirem muito diferentes, na turma, vou dar a aula e depois aquilo é uma preocupação, para que o aluno não se sinta à parte e se sinta da turma, mas também não quero sejam os outros prejudicados. E é o conseguir que ele faça parte daquela turma, daquela aula. É uma dificuldade grande.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

Eu tento não dar muita importância, como se fosse muito diferente. Depois muita coisa que é possível meto alguém a trabalhar com eles também, e tentar coisas básicas que ele esteja integrado e que faça parte do grupo, fazendo determinadas tarefas que também ele possa estar incluído.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

Com estas crianças? Primeiro é não fazer nenhum disparate, (risos), que vá prejudicar e tenho muito pavor. E depois também depende dos miúdos, da família, dos pais que têm. Porque nesses dois casos que tive, embora sejam deficiências totalmente diferentes, num caso a mãe queria que ela ficasse, fizesse e a miúda também tinha vontade. No outro caso, era mais complicado, aqui dói-me, aqui não sei o quê, superprotegida. Cheguei a ir falar no sítio onde ela fazia fisioterapia, e aquilo era um pavor, ninguém queria piorar a situação da miúda, não é! E depois é que também se sinta bem, não saia da aula e diga assim, “olha estive aqui e não estive a fazer nada”, “não faço nada na aula, estar aqui ou não vir é igual”. Pronto procurar tarefas ou atividades que ela consiga e depois é tentar ir pedindo um bocadinho mais.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

Pois é isso, é saber às vezes o que é que é adaptado, o que é que não é, o mais indicado para eles. E depois integrar isso com o resto da turma.

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

Pronto, os programas nacionais têm os objetivos, mas com uma determinada problemática temos de fazer adaptações e tentar cumprir o mínimo, é tentar ver até onde consegue ir, mas não tem nada a ver com o programa. A maior parte das matérias, a menina com espinha Bífida não conseguia fazer. Tudo o que era raquetes, ténis de mesa, badminton, ela conseguia fazer bem e até gostava. Voleibol a parte técnica, mas depois a manchete já era uma mariquinhas (risos).

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?

Pois, tem mesmo a ver com a problemática que eles têm, depois é, é ver mesmo o que é que é possível fazer, esta matéria ela consegue fazer, não é! Por exemplo, esta miúda ela até poderia fazer um jogo, mas tinha muito medo que a bola viesse e lhe batesse e depois tinha uns tubos e drenagens para ali, e ela era superprotegida e nem sequer queria sair da cadeira. A própria mãe tinha relutância para que ela saísse da cadeira e eu também não forçava a isso. Porque ela podia fazer trabalhar abdominais e assim, mas a mãe tinha muito medo. E depois olha, era o mínimo, tem muito pouco a ver com o programa. Com cegos não, já é mais fácil trabalhar. Também tem a ver com as características dos miúdos, esta minha aluna queria fazer, mas acho mais fácil. Ali na cadeira de rodas com todas as limitações associadas é difícil.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

Não, estas adaptações que fiz para a miúda da espinha bífida, fiz com outra colega e até com uma estagiária, estávamos os três implicados com a miúda, depois o grupo, a gente apresenta e aprova, ninguém diz o contrário (risos).

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Neste momento não tenho nenhuma.

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Nas raquetes por exemplo, ela só fazia sem rede, era jogo um contra um, mas sem rede, porque ela também tinha medo de se esticar muito (risos). Por exemplo, basquetebol era muito sozinha, era só questões técnicas, lançamento, o drible, fazia percursos, de jogo era mesmo só em cooperação com alguém, oposição ela tinha muito medo. Depois a aptidão física era só trem superior, e fazia algumas coisas com as pernas, mas pouco. Ela tinha os pés muito tortos, ela foi operada e tudo, e ia mais ou menos por aí.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

Ela ficava contente com as conquistas, e a cega também, com as poucas conquistas ela ficava contente, já conseguia fazer não sei quantos batimentos, já conseguia fazer toque de sustentação no volley, ela ficava contente com isso, ficava feliz por ter algum sucesso. Com o insucesso também era complicado. Mas ficava contente, então a cega ficava radiante.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

A vertente social? Quer dizer, eu acho que a maior parte até é mais essa parte a mais trabalhada. E é mesmo isso, é sentir-se parte do grupo, ser aceite, não é fácil. Mas depois também depende muito da turma em que estão inseridos, dos próprios miúdos.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

Eles têm sempre o PEI, os planos educativos, que os acompanham durante o percurso escolar, nós aqui já só os apanhamos no secundário, mas o PEI vêm com eles. A professora do ensino especial também disponibiliza algumas informações, de acordo com a problemática do aluno diz-nos o que é que se pode ou não se pode fazer, disponibilizam umas brochuras, e assim.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Por exemplo, com esta miúda (espinha bífida) fui ao centro onde ela já era acompanhada há anos, e tento assim saber mais algumas coisas. Vou vendo na internet e pesquisando sobre a problemática, só isso. Em relação à avaliação inicial, vou vendo o que a aluna vai conseguindo fazer, ou não, mas não me preocupo muito com isso.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

As avaliações finais são iguais para todos, e o resto sinceramente não me preocupa muito. Vou trabalhando com eles, nem me passa na cabeça, não me passa mesmo, em dar um nível abaixo de dez. Depois também ligo muito às expectativas que o miúdo tem, também tem a ver com o resto das disciplinas. Como é uma coisa tão limitativa em termos de programa curricular, depois também não quero que a miúda esteja muito desfasada do resto. Por ela ter aquelas limitações não lhe vou dar uma nota muito mais abaixo do que as outras disciplinas. Essa parte não me diz muito.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

Hum, não, pronto, alguma coisa se pode, essa da cadeira de rodas não, mas a cega sim, até a resistência por exemplo ela fazia à mesma no mesmo dia, alguém a ajudava. E pronto, também tem a ver com a gestão da aula.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE?
São os mesmos das restantes crianças?

Em relação à área dos conhecimentos é, até porque por vezes tem um peso acrescido. Às vezes posso dar um bocadinho mais nesta área. As outras depende mesmo da problemática e se é capaz de fazer algumas coisas ou não, e se atingiu, não é! Fez-se a adaptação, ela pode conseguir isto, não é, e é ver se está muito longe, se conseguiu.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

Não, acho que não. Não é mesmo fácil, é uma preocupação e ninguém gosta, porque cada vez que havia um aluno e calhava na turma, a primeira reação é, eu? Até porque depois, durante a semana, pelo menos uma vez, têm o apoio de um professor em que uma aula ficam com a turma e em outra aula, embora esteja com a turma, há lá um professor só a trabalhar com ele. E nunca ninguém quer, de livre vontade (risos), a maior parte dos professores não se sente à vontade. É um trabalho muito acrescido e as pessoas sentem-se, e têm dificuldades, não têm formação para isso. Ninguém quer, não é fácil.

Entrevistado: Professora Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 29/10/2013

Hora: 9h12

Duração: 28' 12"

Nº Entrevista: E3

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Cinquenta.

Há quantos anos leciona?

Vinte e oito.

Esteve sempre na mesma escola?

Não, não, em muitas escolas.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Só nesta escola. Não, já tive em outras escolas, mas eram outro tipo de necessidades educativas.

Que tipo de deficiências?

Visual, motora, ah, cognitiva, principalmente agora.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Não. Portanto, eu tinha o que foi da faculdade, mas pelo que me foi imposto pelo trabalho aqui eu fui fazer mestrado e só consegui em Rio Maior. Era relacionado com

atividade física para populações especiais. Não tinha propriamente a ver com deficiência. Todo o trabalho de pesquisa foi feito por mim e adaptado ao próprio tema do mestrado, tendo como população especial a deficiência e não o que era proposto pelo mestrado, que era a terceira idade, obesidade outras populações especiais. E o tema depois acabou por ser com a trissomia vinte e um relacionado com a preferência da lateralidade.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Para a maior parte dos casos acho muito bem, era totalmente contra e desde que trabalho com eles acho bem e acho que é a visão da maior parte das pessoas que trabalha com eles. Quem não trabalha com eles acha que eles não estão cá a fazer nada, e depois de trabalharmos com eles, vemos que para muitos deles, nem que a inclusão seja pequenina é positivo para o desenvolvimento deles, é positivo para a família e para a escola, para os outros alunos também e professores e todas as pessoas que estão envolvidas no processo.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

A situação de deficiência não é rejeitada, pronto é isso que eu penso. Não é serem vistos como uma coisa estranha dentro da escola. Eles fazem parte da escola, os outros habitam-se a lidar com eles e eles com os outros. Isso é que é uma inclusão, não vejo de outra forma.

Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua escola está?

Não (risos). Temos feito muito esforço, e há muita coisa que é positiva, sim. E o projeto que temos desenvolvido com estes miúdos, principalmente com mais dificuldades, é bastante bom se conseguirmos em seis currículos específicos e sempre que conseguimos ter todas as atividades que estão a complementar, é muito bom. Temos tido uma melhoria e temos cada vez mais e este ano temos muitos mais e foi um bum muito grande. Portanto, está a ser difícil adaptarmo-nos, mas aqueles que já vêm connosco há alguns anos nem parecem os mesmos. Nem pensar, nem pensar. Temos uma que quando chegou aqui agredia-se, batia nas pessoas, cuspia, tudo, e hoje em dia é uma das miúdas mais queridas, que passa no pátio e toda a gente diz adeus, vai-lhe dar um beijinho. E pronto é totalmente diferente, em cinco anos foi um trabalho bestial.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Práticas inclusivas...ah, talvez eles participarem no almoço, todos eles praticamente quase sozinhos, nós temos um curso profissional de técnicos de auxiliares de ação educativa que trabalham por exemplo, na parte do refeitório e dão também apoio a outras disciplinas não curriculares do currículo deles, e isso faz com aquelas meninas, por a maior parte são meninas, só há um rapaz. Ah, ao tomarem conta deles durante o almoço que não estão com professores, eles estão integrados na escola com alunos, e isso faz a ligação, não estar sempre com o professor que toma conta dele, que o apoia a fazer as coisas, eles acabam por estar com

colegas ao almoço e outras rotinas que se foram criando de eles passarem o cartão à porta e acabam por criar essas autonomias. E isso é que os intriga mais, não é, evitar aspetos estranhos ou muito estranhos em relação aos outros miúdos.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

É assim os apoios, eu é que tenho servido de apoio. Porque é assim, eu como estou agregada a esse projeto, o projeto inclusão, sou eu que vou às aulas desses alunos tentar que eles se integrem, nem que seja só no momento da preleção do professor, ou no momento em que eles se sentam, mas só nas aulas de educação física. Depois acompanho na hipoterapia e na hidroterapia. E tenho uma aula só com eles, com o grupo de multideficiência, que foi criada para o currículo deles, de corpo e movimento, à base de música, expressão corporal, músicas infantis que são trabalhadas.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

É exatamente conseguir apoios para as atividades não curriculares, portanto, que fazem parte do currículo deles. Como é para os cavalos agora, que não tenho apoio de transportes, como seria, por exemplo, que é um atividade paga, conseguimos patrocínios de pessoas particulares, voluntários que estão a apoiar o grupo, que não têm capacidades financeiras para aguentar certo tipo de terapias e a hipoterapia é uma delas. Portanto, ao nível dos apoios financeiros é o mais complicado. E que sentimos muito este ano, porque com o arranque da sala multideficiência, partimos do nada, só tínhamos as paredes. Todo o dinheiro tem de ser canalizado para materiais, mesmo materiais, e depois está ser complicado gerir o resto, porque a escola tem dado muito apoio a este tipo de práticas.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

De início, eles têm de fazer uma exploração por eles, praticamente sozinhos do espaço, dos colegas, tento levá-lo para ao pé dos colegas, deixá-lo e tentar retirar-me para ver qual a reação da turma, conforme os miúdos e também o nível de deficiência. No início do ano fazer uma breve apresentação à turma, esta é a tal ou a tal, é um bocadinho diferente de alguns de vocês mas veio para fazer as aulas com vocês, nem que seja para estar com vocês um bocadinho. Depois aos poucos conforme os exercícios surgem na aula, quase sempre a parte do aquecimento, eles conseguem, mesmo com défice cognitivo grande conseguem acompanhar, nem que seja com a minha mão para ajudar e eles já sabem, pedem ajuda A..... E eu vou ajudar, porque na parte de equilíbrio e isso tudo que eles têm mais dificuldades, como nos alongamentos, ajuda A..... Estou perto sem criar uma dependência, deixo-os trabalhar com a turma enquanto aguentam, depois quando começa a complicar-se em termos de coordenação e de leitura de jogo e exercícios retiro-os da aula, quer dizer estão sempre no mesmo espaço mas vou fazer um trabalho mais individualizado e os mais parecido possível com o que a turma está a fazer. O que às vezes é impossível.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

É assim, como nós trabalhamos, acabo por trabalhar a parte pedagógica..., eu não tenho grande preocupação em saber o tema e a temática que vai ser abordada pela turma em si, pelo grupo grande e depois fazer, como é que eu vou dizer, uma adaptação do que fazer com eles. Pronto a turma vai fazer com eles, vai estar no ginásio, vai fazer ginástica desportiva, vai fazer saltos e eu tento fazer uma situação de progressão reduzida ao máximo de maneira a que eles se sintam minimamente motivados. Para eles ou há sucesso, ou a motivação não existe. E portanto metê-los no meio dos outros, muitas das vezes é insucesso e de sentar o rabo e não querer fazer mais nada.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

É quando a aula chega a um grau de complexidade que realmente não há ponto de encontro entre os alunos sem e com deficiência. E nessa altura, eles não percebendo que existe um grau de complexidade na tarefa maior procuram o que eles gostam, a bola, procuram roubar os outros, tentam tirar aos outros o material que manipulam e ficar para eles. Então, uma pessoa tem de lhes criar uma atividade que lhes prenda minimamente a atenção e que eles não se sintam tão diferentes. Em princípio tentar que estejam com o mesmo material e manipular o mesmo material. Se os outros estão a jogar basquete pô-los com bolas de basquete, ou pôr pelo menos perto bolas de basquete para que eles não vão também interromper a atividade dos outros. Este ano, por exemplo, temos aqui um miúdo com trissomia vinte e um, com uma capacidade motora espetacular, que por ele próprio tentamos trazê-lo ao grupo dos meninos com deficiência, e ele não quer foge para ao pé dos outros. Jogam seis contra cinco no basquete, mas os outros não se importam nada e ele faz a aula com os outros. E desaparece com os outros para o balneário e aparece com o banho tomado. Espetacular. É deixá-lo, o professor da turma sabe que ele existe, mas é deixa-lo porque ele é bom em termos motores e os outros aceitam-no. Até agora não houve problema.

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

As dificuldades às vezes é material facilitador, é logico para ele certo tipo de bolas é difícil, ah, não tenho bolas próprias para crianças com deficiência, não tenho pronto, acabam por ser coisas conseguidas por nós, feitas. Este ano não, mas tive durante muitos anos com deficiência visual e fui eu que fiz as bolas para ele jogar com os outros, pus para lá guizos, porque a escola em si não tinha. Mas pronto, há uma tentativa da escola neste momento em colmatar esses problemas.

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?

Não, eles têm CEI e PEI, a maior parte deles tem currículo adaptado e o programa não tem cabimento, quer dizer, tem mesmo cabimento o desenvolvimento motor básico e estimulação e manipulação de materiais. Mais nada, o movimento é como forma de terapia e não como cumprimento de objetivos.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

Não, só por mim. Nem vai a aprovação do departamento, porque o trabalho é muito individualizado e dentro da mesma aula eu posso estar a fazer coisas diferentes com cada um dos meninos. Tenho seis deficiências todas elas com caracteres totalmente diferentes. Sou só eu que tenho os alunos com deficiência aqui na escola.

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Temos trissomias vinte e uns, ditos normais, ou seja, só têm mesmo trissomia vinte e um, temos trissomia vinte e um com espectro de autismo. Uma das grandes dificuldades que nós temos é nunca termos traçado um perfil completo da deficiência. E isso é em todo o sítio igual. Mesmo quem trabalha a nível profissional com eles, tem muitas vezes dificuldade de traçar um perfil deles. É défice cognitivo e acabamos por trabalhar dentro do défice cognitivo e não especificar propriamente uma deficiência. Temos uma agnosia do corpo caloso, temos outras perturbações de desenvolvimento cognitivo, uns asperges. Mas nada mesmo definido, é sempre muito vago.

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Adaptações curriculares? Sei lá, em termos da ginástica a utilização da trave baixa em vez da alta, o apoio de colegas no equilíbrio, utilização dos reuthers em vez do minitrampolim, tentar fazer adaptações de maneira a reduzir quedas, reduzir insucesso.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

É assim, quando querem fazem, porque há dias que querem e outros não querem, e gostam, mas gostam de ir experimentar as outras, depois, mas gostam de experimentar o que os outros estão a fazer e não querem fazer só o que está adaptado para eles.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

Vertente social? Acho que aqui na escola os alunos já estão muito recetivos. Há situações mais difíceis, há turmas que não aceitam. É muito diferente de turma para turma. Já tive turmas em que integram totalmente os miúdos, e turmas em que não os aceitam, nem mesmo correr ao lado deles, não gostam. Evitam, passam à frente para serem melhores, mas

isso é normal, porque mesmo entre eles sem deficiência eles fazem isso, fazem seleção. E com estes miúdos um bocadinho ainda mais. Mas são diferentes e querem-se evidenciar. Mas de resto acho que aqui na escola já se trabalha bastante bem a parte social. Já se aperceberam que eles estão cá e que é para conviver com eles cá.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

Às vezes, mas pronto estes miúdos já têm todos um plano individualizado, portanto já trazem um processo organizado com eles, com base no que foi feito antes. Muitas vezes é feita uma apresentação caso a caso das crianças com os antigos professores, e são eles que fazem a apresentação. A apresentação é feita ao grupo de ensino especial, do qual eu não faço parte e depois eles é que nos transmitem em todas as reuniões em que estão presentes e tentam fazer a ligação entre o que há de problema com os miúdos e o que pode ser resolvido, muitas vezes sou eu própria que peço diagnósticos disto ou daquilo porque nunca nos chegaram. E infelizmente os diagnósticos são sempre muito precários. Temos uma aluna que por força não falava, e eu achei e acho que estava com audição diferenciada de um ouvido e outro e não consegui que fosse feito um audiograma como deve de ser porque ela tem défice cognitivo e não consegue fazer, “apita aqui quando ouvires”. Eu sei que já há audiogramas especiais para este tipo de crianças, mas que não foi feito, a médica de família nunca mandou fazer e continuamos sem saber se ela tem a capacidade auditiva completa dos dois ouvidos.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Sempre, sim, a informação é muito genérica, “pimba” é como ter um rótulo, tem défice cognitivo, tem dificuldades motoras, não tem, passa por uma avaliação. Depois é muito dia-a-dia, trabalho tem de ser adaptado, e acho que uma das maiores qualidades que se tem de ter é conseguir adaptar no momento o que está previsto, de acordo com a disponibilidade que o miúdo tem naquele dia. Porque eles nem sequer sabem dizer que têm uma dor, mas estão indisponíveis e nós não podemos estar a obriga-los só porque sim. Uma coisa é birra, outra coisa é porque se nota que eles estão indisponíveis.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

Não, eu acho que a avaliação deles acaba por ser uma coisa constante, e que acaba por ser muito uma coisa global. Houve evolução nesta criança, não houve, acaba por não estarmos a avaliar comportamento a comportamento, porque cada situação pode ser diferente, ele pode ter equilíbrio a fazer uma coisa e não ter equilíbrio a fazer outra. Pode conseguir dominar uma bola, mas na outra não, temos uma miúda que na hipoterapia consegue uma postura e um domínio corporal bestial em cima do cavalo e quando chega à hidroterapia não faz nada. É muito difícil dizer que se faz uma avaliação especializada com eles, é muito global, pelo

menos com estes casos mais complicados. É houve ou não houve adaptação, houve ou não houve progressão do miúdo aqui dentro da escola e nas áreas curriculares trabalhadas e é muito uma coisa mais global e menos específica.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

É assim, quando não sou a professora curricular da turma, acompanho os alunos à turma e estou com eles a realizar as tarefas propostas, mas quando há testes de condição física, o fitnessgram, de tempos a tempos, se a turma está a fazer isso e eu posso integrá-lo na turma a fazer o teste. Mesmo que faça incorretamente e uma pessoa a chamá-lo a atenção para as incorreções do teste, por exemplo no teste do vaivém não vou ter a preocupação que o aluno chegue à linha no sinal, ou seja, não precisa de cumprir as regras supostas. Se conseguir faz e “ia tão bom conseguiste e fizeste ao lado dos outros meninos” e pronto, é mais uma questão motivacional.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE? São os mesmos das restantes crianças?

Nós para estes meninos, temos um currículo específico onde fazemos só avaliação qualitativa. Só nas disciplinas em que eles fazem parte da turma, e que conseguem acompanhar a turma, não têm um PEI, portanto um grau de objetivos mais baixo, nessas eles têm quantitativa igual aos outros, mas no caso do nosso grupo, não temos nenhum que possamos dizer que tem quantitativo, é tudo qualitativo.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

(risos) Não, acho que é um trabalho motivante e engraçado. É difícil enquanto a pessoa não se integra, e até eu tinha dificuldades, até ao dia em que meti na cabeça que queria trabalhar com eles. Acho que a mudança da cabeça é que faz a mudança deles conseguirem fazer mais. Ou mudamos a mentalidade da maior parte das pessoas, que acha que eles nem devem estar cá, ou então não conseguimos integrá-los mesmo. Muitos professores quando têm alunos assim, dizem “epá o que que eu vou fazer com este”, mas é para isso que existe um grupo de ensino especial, que faz uma triagem para ver os que conseguem estar na escola ou não. Mas pronto, eu acho que é um trabalho muito gratificante, embora tenha muitos sucessos e insucessos, tem muitas oscilações e por vezes torna-se desmotivante, porque por falta de material percebemos que não conseguimos alcançar o que queríamos. Mas pronto, é um trabalho engraçado. (risos)

Entrevistado: Professora Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 30/10/2013

Hora: 17h52

Duração: 16'03''

Nº Entrevista: E4

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Trinta e dois

Há quantos anos leciona?

Oito

Esteve sempre na mesma escola?

Não.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Já, sempre com deficiências.

Que tipo de deficiências?

Já tive uma aluna trissomia vinte e um, multideficiência, paralisia cerebral, ah, e síndromes estranhas que agora nem me estou a lembrar bem os nomes.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Sim, fiz há dois anos uma ação de formação creditada.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Acho que a escola é cada vez menos inclusiva. (risos) Aliás se mandam para a escola muitos alunos com necessidades educativas especiais que estavam institucionalizados e que cada vez menos os professores têm capacidade porque têm cada vez mais alunos com necessidades educativas especiais nas suas turmas.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

A escola inclusiva, supostamente devia incluir e não é só tê-los presentes numa sala de aula. Para o aluno com necessidades educativas especiais não basta a presença.

Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua escola está?

Acho que estão preparadas, têm estruturas, acho que faltam pessoas, faltam pessoas para acompanharem os alunos. Não, não está.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Na escola onde eu estou este ano, não há praticamente práticas inclusivas, aliás a colega do ensino especial está a ter uma luta muito grande com os colegas todos da escola, para que hajam práticas inclusivas.

Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas aulas?

Nesta escola não há qualquer apoio. Mas nas outras escolas por onde passei havia apoio. Havia a sala do ensino especial onde os alunos estão e quando estive em, havia mesmo um gabinete específico para isso.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

Inicialmente é saber as problemáticas que eles têm e depois saber trabalhar com elas, porque nós temos essa lacuna na formação inicial, o facto de as turmas terem muitas vezes muitos alunos, a escola por vezes não ter o material adequado para as problemáticas. Estou a pensar numa aluna com cadeira de rodas está limitada ao que estiver ao alcance. Se quero fazer um lançamento à tabela e a tabela está lá em cima no alto e não faz. Pronto faz outras coisas, mas deixa no fundo de ser inclusivo porque não está a fazer as mesmas tarefas que os outros.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja

incluída na turma?

Normalmente planeio algumas atividades de preferência com o grupo/turma, mas no caso particular do ano passado, que eram alunos com muitas, muitas limitações. Uma miúda tinha paralisia cerebral profunda e outro tinha uma multideficiência que o limitava muito ao nível do movimento. A professora do ensino especial acompanhava-os às aulas e eu ia dizendo o que ia fazer com os outros alunos e sempre que eu tinha alunos que não estavam a fazer, ainda por cima eu tinha uma turma mesmo reduzida sempre que possível, tinha sempre alunos da turma a fazer o trabalho com eles. Eles nem conseguiam interagir em jogo, porque ela estava muito limitada na cadeira de rodas e ela pouco se deslocava, tinha de ter muita ajuda se não caía.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

Se tiver alunos com necessidades educativas que seja complicado eles estarem com o grupo, tenho sempre um conjunto de atividades que planeio à parte para ele fazer ou com alguém que eu tenha de pedir da turma que tenha de trabalhar com ele. Mas tenho sempre esse cuidado, escolher e definir uma série de tarefas para eles fazerem. Mas tento sempre que eles estejam incluídos na turma, nem que seja a fazer sempre coisas muito mais simples. Por exemplo, no ano em que estive em M..... também tive uma aluna que tinha paralisia cerebral ligeira, ela deslocava-se tinha só um dos lados afetados, e ela jogava com os colegas. É claro que ela tinha muitas dificuldades em deslocar-se, mas tinha um jogo adaptado, ou seja, era obrigatório passar sempre à aluna antes de encestar ou de marcar à baliza, não se podia intercetar o passe. Ia adaptando o jogo, é claro que para os colegas não podia ser sempre assim, porque se não o jogo estava quase sempre a ser interrompido. Mas sempre que possível fiz esse trabalho. Poucas vezes essa aluna trabalhou sozinha, mas sempre com adequações e adaptações para trabalhar com a turma. Tem de haver também da parte dos colegas muita compreensão.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

Aaahh, É inventar exercícios que sejam adaptados e que não sejam monótonos, porque muitas vezes quando eles estão a trabalhar, estão a trabalhar sozinhos, ou com o professor ou com o colega, e não há aquela situação da competitividade que para eles também é importante e é inventar exercícios. Muitas vezes é ir até à internet e ver o que eles conseguem fazer de acordo com as limitações, pesquisar em livros, é mesmo o inventar, porque são muitas aulas ao longo do ano, não é!

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

Quando eles têm de cumprir o currículo igual ao dos colegas, que já me aconteceu, e aí havia uma lacuna na lei. Um aluno que tinha adaptações curriculares mas que tinha de cumprir, pela lei o currículo normal dos colegas, mas era um aluno em cadeira de rodas que

nunca ia conseguir cumprir o currículo normal dos colegas, por muitas adequações que eu fizesse ao longo do processo ele nunca ia cumprir, por exemplo, numa situação de cinco contra cinco. Ele não ia cumprir muitas coisas, mas as adequações dele só previam que ele tivesse adequações, mas que no final de ciclo, ou seja, no final do sexto e no final do nono ano cumprisse o mesmo currículo que os outros, com as adequações que eu fosse fazendo. Mas no caso dele era impossível.

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?

De acordo com os programas, pego nos programas e reduzo os objetivos. Normalmente é isso, pego no que os outros têm de concretizar e estabeleço intermédios para eles atingirem os objetivos finais.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

Individuais, é só por mim. Sempre, em todas as escolas por onde passei até agora.

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Este ano não tenho grandes deficiências, tenho problemas de hiperatividade e tenho alunos de têm CEIS, são alunos com problemas comportamentais.

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Depende da deficiência que tenho. Por exemplo estou-me a lembrar de um aluno que tive com trissomia vinte e um, que conseguia perfeitamente estar em jogo. Percebia até a dinâmica do jogo, minimamente. Mas normalmente tenho sempre esse objetivo. Não pode haver ponto se o colega não tocar na bola, e tocar não é só tocar, tem de haver passe e receção, ou eventualmente se ele marcar vale a dobrar, ou seja, arranjo sempre estas pequenas estratégias para que o aluno possa estar em jogo. Aliás, foi como disse, de preferência o aluno está sempre com a turma, só se for uma deficiência muito grave que até ponha em causa a sua integridade física.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

Muito sucesso, sempre que faço normalmente tenho um feedback muito positivo dos colegas do ensino especial, porque nos anos anteriores a experiência não foi boa ou o professor o punha à parte e normalmente os feedbacks são sempre muito positivos.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

Prefiro sempre que eles estejam a trabalhar em grupo, só mesmo quando não for possível.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

Normalmente o que me dizem sobre a criança, é o diretor de turma que informa, que no início do ano passa a informação. Olha tem este problema, esta problemática ou tem outra e depois se a escola tiver reuniões intercalares a colega do ensino especial passa as informações nas reuniões intercalares, já depois do ano letivo ter começado. Se eu não estiver à vontade com a problemática eu vou procurar a colega do ensino especial e digo, explique-me como é que eu trabalho com este aluno. Normalmente é o procedimento que eu faço, não fico até à reunião intercalar para saber o que é que era aquela síndrome. Não consigo, ou eu pesquisei, ou eu recorro à colega do ensino especial, porque normalmente o diretor de turma sabe tanto como nós.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Não, faço sempre uma avaliação mais pormenorizada da criança. Por exemplo, estou a pensar, dizem-me que tem uma síndrome qualquer, e dizem-me, olha quando tem esta síndrome tem tendência para a obesidade, défice cognitivo e dizem-me que a síndrome também dá sonolência, ok, mas depois eu vou conhecer a aluna e chega à aula muito motivada e até faz, para mim aqueles sintomas todos que aquele síndrome me dá no caso daquela aluno, pelo menos na minha disciplina, não estão tão acentuados, ou então o síndrome tem diferentes graus. E eu própria depois faço uma avaliação do aluno. O ano passado um aluno tinha próteses nas pernas, “ah ele não pode fazer isto, não pode fazer aquilo”, e aos poucos até fui percebendo, epá, se calhar até consegue, se calhar já consegue fazer isto e nunca fez, tinha medo que ele caísse e não sei que mais e no final ele até foi conseguindo. Pronto, também foi ganhando alguma confiança a fazer algumas coisas.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

Sempre que eles têm adequações no processo de avaliação, penso que é a alínea d), faço essas adequações seja a que nível for, ao nível dos testes, da periodicidade de avaliação, dando feedbacks se estão a evoluir se não estão a evoluir, se estão a conseguir concretizar os objetivos. Muito mais que até aos outros alunos aliás, estes alunos têm que estar constantemente a ser motivados para alcançar algum sucesso.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

Hum não, normalmente não faço num momento formal, ou seja, ao longo do ano vai tendo as suas conquistas e não há ali, olha agora vamos-te avaliar, normalmente com eles não faço esse momento formal. Primeiro porque eles não conseguem fazer as mesmas coisas que os outros estão a fazer, ou seja, vou avaliando ao longo das várias aulas.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE? São os mesmos das restantes crianças?

Isto tem a ver com os critérios de avaliação, apesar de que os critérios de avaliação que estão definidos na escola, são uma coisa, mas depois se estes alunos tiverem a tal alínea d) beneficiarem de adequações ao nível do processo de avaliação, e aí depois depende do grupo disciplinar definir essas regras, nunca é normalmente o professor sozinho que define. Não sou eu que decido, normalmente em grupo disciplinar, decide-se com os alunos com NEE vamos o quê, valorizar o comportamento sobre a parte motora, pronto. Apesar de que muitas vezes isto nos grupos disciplinares quase não se fala, mas pronto era assim que devia acontecer.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

Quero reforçar a importância de os professores fazerem formação continua nesta área, porque principalmente este ano que estou nesta escola, e como é uma escola profissional, os professores não recebem alunos que vêm com CEIS, alunos com trissomia vinte e um, com paralisia cerebral, esse tipo de alunos eles não recebem, e quando aparece algum aluno com um problema um bocadinho mais grave, o professor acha que não é responsabilidade sua, que não tem formação inicial para trabalhar com o aluno. Então acha que a colega do ensino especial tem de estar sempre presente na sua aula para resolver aquele problema, porque não tem capacidade de fazer adequações. Isto é uma realidade que eu estou a assistir este ano. E acho que estes professores não sobreviveriam numa escola de ensino regular. E acho que todos deviam fazer formação contínua, para depois não se queixarem que na sua formação inicial não tiveram estas bases. Então meus queridos temos de ir à procura, que eu também o fiz.

Entrevistado: Professor Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 30/10/2013

Hora: 18h38

Duração: 38'15"

Nº Entrevista: E5

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Sessenta e dois anos.

Há quantos anos leciona?

Trinta e quatro anos, mas aposentei-me há ano e meio.

Esteve sempre na mesma escola?

Não, passei por várias escolas, inclusivamente por uma instituição de ensino especial.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Sim, muitas crianças com necessidades educativas especiais.

Que tipo de deficiências?

Portanto, paralisia cerebral, muitos, trissomia vinte e um, também bastantes, multideficiências várias e pronto estas são as mais marcantes.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Para além da formação inicial, tive várias formações, estive muito ligado....onde fazíamos bastante formação interna e externa. Bom fiz alguma formação, se calhar não fiz a ideal mas fiz alguma formação. Estamos sempre longe de dominar estas questões.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Eu acho bem, acho bem, a escola tem de caminhar para aí, simplesmente temos de ter em atenção alguns pormenores. Penso que é preciso mudar ainda muita coisa na escola. Eliminar muitas barreiras arquitetónicas da escola, formação ao nível do pessoal docente e não docente. Temos de ter gabinetes com pessoas com formação adequada, um acompanhamento mais individualizado de alguns jovens. Penso que ainda é preciso dar alguns saltos neste processo.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

É uma escola para todos, é uma escola que deve olhar para todas as crianças e jovens de uma forma igual, terem todos acesso ao ensino, mas também olhando para as suas individualidades, porque todos são diferentes. Assim, estas crianças têm de ser vistas de uma forma diferente, uma avaliação adaptada, turmas mais reduzidas, necessidade de uma afetividade maior, relação professor aluno e aluno funcionários e haver uma relação diferente com todos.

Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua escola está?

A minha onde eu estive, era uma das escolas de ponta, em termos de escolas de referência, por tinha algumas pessoas que fizeram um percurso muito grande, defensores asserimos deste processo. Algumas pessoas ligadas ao ensino especial há muitos anos e sempre fizeram um trabalho extraordinário ali na escola. Penso que não era uma escola ideal, mas de qualquer maneira era uma das escolas de vanguarda ao nível da inclusão destes jovens.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Havia um gabinete de apoio a estes jovens, um gabinete de ensino especial, havia um grupo de profissionais ligados ao ensino especial muito dedicado. Havia sensibilidade por parte de alguns professores que anualmente que integravam nas suas turmas estes jovens e penso que havia também por parte da direção uma atenção especial para estes jovens. Penso que estes eram os aspetos mais marcantes desta escola. Aliás a escola tinha uma unidade de ensino estruturado para alunos com perturbações do espetro do autismo.

Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas aulas?

Nós tínhamos por vezes alguns elementos do ensino especial que acompanhavam os jovens. Quando eram jovens que tinham alguma disponibilidade e autonomia, não era necessária a presença desses elementos. Eu quase que nunca tive a presença de elementos, porque eram jovens que depois de motivados para a atividade física, eles conseguiam perfeitamente, vinham, vestiam-se, e tinham uma certa autonomia. Mas haviam sempre profissionais do ensino especial que poderiam dar apoio quando fosse necessário.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

O grande problema às vezes, por mais estratégias que nós consigamos arranjar, o aspeto motivacional dos outros jovens que integram a turma. Logicamente que todos nós gostamos que estes jovens integrem e trabalhem diretamente com a turma, e por vezes, alguns jovens não aceitam bem porque os aspetos competitivos para eles são extraordinários, são marcantes, porque a imagem da sociedade atual é ganhar a todo o custo. E por vezes os aspetos motivacionais põe-nos em causa algumas estratégias. Mas de resto, eu penso que há sempre jovens sensíveis a esta problemática, até porque o professor faz referência a estas questões, e há sempre hipótese de os integrar com jovens mais sensíveis. Mas o aspeto mais complicado é o aspeto motivacional da turma quando há na realidade elementos muito competitivos na turma. De resto, logicamente que com estes jovens há aspetos que são fundamentais desenvolver, nomeadamente os aspetos cardiorrespiratórios, de tonicidade e há alguns jogos que podemos fazer sem haver o aspeto competitivo, ser mais lúdico. Mas há turmas que não é fácil integrar estes alunos.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

Portanto, logicamente depois de ler os relatórios, falara com a equipa do ensino especial, eu fazia sempre isso, reunia com eles, também fazia a minha avaliação inicial. A partir daí, porque às vezes no relatório havia algumas observações médicas que um profissional tem de ter atenção e depois definia os objetivos para tentar cumprir o programa adaptado.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

Bom, logicamente que isso deve ser a preocupação de todos os professores. Temos o programa para cumprir, a partir daí realizamos uma avaliação inicial feita na turma, e a partir da avaliação inicial logicamente, eu vou definir o que pretendo atingir com aquela turma. Terei de fazer adaptações com os alunos NEE, e essas adaptações são da responsabilidade direta do professor, mas que são sempre discutidas no grupo disciplinar. Definimos sempre que os alunos com atestado médico têm de fazer um relatório para serem avaliados e ir sempre às aulas, os alunos com necessidades educativas especiais têm de ir às aulas e cumprir os objetivos estabelecidos pelo professor.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

Não é fácil às vezes, não é fácil. Não é fácil construir as aulas com alguns alunos com dificuldades muito acentuadas. Logicamente temos que definir algumas estratégias para que estes jovens se sintam motivados, se sintam integrados, e que não sejam segregados pela turma. Temos que integrá-los de uma forma grupal dentro da turma e temos que definir as melhores estratégias para que eles se sintam bem dentro do contexto da turma, para não serem segregados. É claro que às vezes isto não é fácil, com a experiência e o conhecimento que temos da turma, permite-nos por vezes integra-lo num grupo menos competitivo, um grupo que o aceite e que ele se sinta bem dentro da turma que é o objetivo.

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

Bom, todos nós sentimos dificuldades nas adaptações curriculares. Depois de sabermos quem é o jovem e sabermos as suas dificuldades, definirmos os objetivos que pretendemos atingir com ele, logicamente que teremos de fazer algumas adaptações com ele. Agora, estas adaptações terão de ser com dois grandes objetivos, cumprir minimamente o programa que foi definido e sentir que o jovem se sente bem na turma e que tenha algum sucesso, porque estes jovens também têm de ter sucesso como têm os outros, porque se não tiverem, logicamente se sentem desmotivados. E essas adaptações terão que ter em atenção esses pormenores.

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?

O programa tem de ser adaptado as estas crianças. O programa tem de ir ao encontro das capacidades de cada jovem, não podemos definir objetivos muito elevados para estes jovens. Temos de saber que jovem é que temos em mãos e depois fazer adaptações curriculares de acordo com o que pretendemos. Agora, os programas de educação física são muito exigentes, nem de longe nem de perto pensar que estes jovens poderiam cumprir os programas. E isso depende do professor, depois da avaliação inicial, de saber as limitações do jovem, terá de fazer as adaptações curriculares.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

Não, o grupo disciplinar de educação física tem que definir as linhas orientadoras. Depois é da responsabilidade dos profissionais que têm estes jovens integrados na turma. Eles é que têm conhecimento do jovem e vão fazer as adaptações em função das necessidades.

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Neste ano não tenho nenhum miúdo com NEE. (o professor está aposentado mas continua a dar aulas num colégio).

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Fiz muitas adaptações. Por exemplo, quando faço alguns desportos coletivos, tenho de introduzir, algumas estratégias para alcançar alguns objetivos. Quando faço situações de jogos recreativos tenho de introduzir algumas estratégias para que eles se sintam bem. Por exemplo, quando faço alguns jogos recreativos, o primeiro a pisar o risco azul ganha, eu vejo onde eles estão se estão perto do risco azul, se está perto da baliza, eles ganham, ou seja faço algumas “batotas” para que eles tenham algum sucesso em algumas atividades e se sintam integrados. Logicamente que aí o profissional terá que adaptar a estratégia mais adequada e que lhe facilite a vida e que os alunos se sintam muito felizes com o sucesso que tiveram, dando assim alguma motivação também.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

Algumas tinham sucesso, outras não tinham tanto sucesso. Logicamente que o professor ao fazer adaptações quer que os alunos tenham sucesso, mas nem todas elas o têm. Mas penso que a experiência e a reflexão vai ajudando a nós conseguirmos tornar as coisas mais fáceis, que por vezes não são nada fáceis.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

Eu penso que os aspetos socio-afetivos são extraordinários. A relação professor aluno não só para os alunos com necessidades educativas especiais mas todos os alunos, é uma relação extraordinária. Até hoje tive uma experiência fantástica com alguns jovens, que tinham muitas dificuldades, a todos os níveis e que ainda hoje me falam na rua. A relação afetiva é um caminho para o sucesso e com alunos com NEE ainda mais.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

Na minha escola o diretor de turma na primeira reunião dava a informação que tinha sobre o aluno. Mas o professor deve depois ir recolher outras informações, porque o diretor de turma tem um apanhado geral das coisas. Eu ia ao gabinete de ensino especial, e tentava saber o máximo possível sobre o aluno. Eu depois fazia uma reunião com eles, onde definíamos algumas estratégias e até para serem uniformes, se eram miúdos autónomos ou não eram, articularmos bem o processo. Por vezes reuníamos-nos independentemente das reuniões que haviam trimestralmente, para ver como o processo estava a evoluir. Tínhamos uma relação muito boa com a equipa e fazíamos sempre um balanço de como estava a correr o processo.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Fazia a avaliação inicial da criança, era um ponto de partida para eu definir toda a minha intervenção com ela. Nunca fazia a minha intervenção só com a informação disponibilizada, fazia sempre uma avaliação inicial. Porque até por vezes não estava muito explícita e uma problemática, dentro da mesma problemática pode haver diferentes formas de intervir. Com a avaliação eu podia intervir uma maneira mais eficaz.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

Não, nós fazíamos sempre uma reunião quase permanente, dávamos feedbacks constantes, é claro que isto não é uma avaliação formal, fazia uma avaliação formal como fazia com os outros, mas nestes não há dúvida que havia feedbacks permanentes com a equipa do ensino especial. Havia na realidade uma relação muito próxima entre mim e a equipa de ensino especial. Logicamente que fazia uma avaliação também quase permanente nas aulas para além da formal.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

Não, não tinha essa preocupação. A criança com NEE tinham uma avaliação quase permanente, para mim era quase diária. O meu foco era muito mais o dia-a-dia. Saber porque as coisas corriam bem ou mal, e isto levava-me a falar do outro lado com a equipa de ensino especial.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE? São os mesmos das restantes crianças?

Era eu que definia os parâmetros de avaliação, incidia muito sobre as capacidades motoras, nomeadamente a resistência, aspetos ligados à força, isto porque geralmente são crianças que passam muito tempo paradas, sentadas, e que depois vai-se refletir a nível de equilíbrio, tonicidade, etc, não é! E estas crianças de trissomia vinte e um, são crianças que em geral são bastante deficitárias a nível cardiorrespiratório e tendência para a obesidade, onde na realidade devem ter uma atividade bastante ativa. Eu incidia muito nestes aspetos ligados às capacidades motoras. Não estava muito preocupado com os aspetos técnicos, nem era essa a preocupação, estava mais preocupado, com a força a resistência, eram aspetos que me preocupavam imenso devido às características da própria deficiência. Focava-me muito mais nestes aspetos. E quando eles tinham hipótese, na escola tínhamos bicicletas e remos, ergómetros, que ajudava bastante estas crianças. Era uma preocupação constante a este nível.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos

abordado e que considere relevante?

Sim, eu acho que temos que ainda dar passos muito grandes a este nível. Eu penso que já demos passos muito grandes, mas que poderemos dar saltos maiores. Eu penso que as turmas continuam a ser muito grandes para integrar estes jovens, a lei vai no bom sentido, diz que não pode acontecer, mas não é isso que acontece a maior parte das vezes. Tem de haver mais formação, ser obrigatório todos os professores terem formação nestas áreas, e formação contínua, premente. A própria escola deve obrigar os seus profissionais a fazer formação contínua, e não é só a malta de educação física, devem ser todos, porque estamos sempre a ouvir, eu não sei o que fazer com ele na minha aula, mas eu não tenho formação. Aí está, tem que a tirar. Temos que dar um grande salto ainda. As barreiras arquitetónicas são fundamentais, e arranjar algum material específico. As escolas, podem colocar material adaptado para os miúdos com paralisia cerebral, como o material de boccia, etc. Por exemplo, às vezes levava equipas de competição de boccia para jogar com as turmas, e muitas vezes os miúdos com NEE tinham mais sucesso a jogar do que os miúdos ditos “normais”, e aí pode haver uma competição sem adaptação e justa. Por isso acho que estes aspetos são os mais importantes, formação de professores, turmas mais reduzidas e material específico para estes miúdos.

Entrevistado: Professora Educação Física

Entrevistador: Patrícia Alexandra Mendes Duarte

Data: 26/11/2013

Hora: 8h33

Duração: 27'26"

Nº Entrevista: E6

O meu nome é Patrícia Duarte e sou professora de Educação Física. Com esta entrevista pretendo desenvolver uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado em Ensino da educação Física nos ensinos básico e secundário. Fazem parte desta tese, entrevistas a professores de educação física dos ensino básico e secundário, por forma a recolher informação suficiente para averiguar quais as práticas de inclusão dos alunos com NEE (deficiências) na escola/turma regular. Assim, a sua colaboração, que desde já agradeço, é da máxima importância e imprescindível para o desenvolvimento da minha dissertação. Garanto-lhe o anonimato dos seus depoimentos e que a informação recolhida não será utilizada para outros fins que não os deste trabalho. Para maior facilidade de tratamento de dados, peço-lhe que permita a sua gravação.

Que idade tem?

Eu tenho quarenta e quatro.

Há quantos anos leciona?

Há vinte e um.

Esteve sempre na mesma escola?

Não.

Já teve crianças com NEE (deficiências) nas suas turmas?

Sim.

Que tipo de deficiências?

Já tive diversos graus de paralisia, tetraplégico e paralisia cerebral.

Teve alguma formação específica no âmbito das NEE, ou foi apenas a obtida na universidade?

Nem tão pouco da faculdade. Aquilo que sei é porque vou ler e pela necessidade de ir procurar.

O que acha de a escola ser cada vez mais inclusiva?

Eu por um lado concordo, porque permite que a integração de algumas pessoas com mais dificuldades seja mais facilitada. É benéfico para os dois lados, é bom para a criança deficiente e é bom para a criança que não tem deficiências, saber estar incluído numa população que é diversificada. Agora, eu acho que o nosso sistema de ensino não está preparado para receber crianças, principalmente quando as deficiências são mais profundas.

Quando falamos de escola inclusiva, o que associa a este conceito?

Eu associo a uma escola em que todos os que nela participam se sentem bem e têm as mesmas condições de trabalho, as mesmas condições para a aprendizagem. Não há diferenças, apesar das diferenças entre as pessoas.

Acha que as escolas estão preparadas para serem inclusivas? A sua escola está?

Eu acho que em termos de recursos materiais e de espaço, eu acho que sim. Porque há elevadores, há rampas de acesso para as pessoas que possam ter dificuldades locomotoras. Há professores de ensino especial, que podem dar esse apoio. Depois é como eu digo, implica também nos próprios professores alguma mudança de metodologias. E aí é que a situação se torna mais difícil. Porque com turmas de trinta alunos é muito complicado chegarmos aos alunos que não estão a acompanhar, é preciso uma grande organização pessoal e fazer um grande esforço para se forçar também nesses alunos que têm outro ritmo de trabalho.

De uma forma geral, na sua escola quais as práticas inclusivas mais marcantes?

Bom, instalações há e são adequadas para eles, depois há uma preocupação em criar as condições, ou seja, fazendo os planos individuais de trabalho, fazendo as devidas adequações curriculares. Ou seja, em termos de documentos eu acho que está tudo a suportar e a fazer com que essa criança seja incluída de acordo com a legislação. Mas mais uma vez eu volto a dizer, a grande diferença é passar à prática.

Quais os apoios existentes quando os professores têm alunos com NEE nas suas aulas?

Normalmente eles têm apoio direto com o professor de ensino especial, e para além disso, podem ter apoios nas diferentes disciplinas, mas essencialmente é a português matemática e inglês e na educação física também, na psicomotricidade. Apesar de não haver nenhum professor de educação física, ou seja está sempre dependente do grupo de educação física, porque do quadro de efetivos não há ninguém com essa especialidade, mas às vezes acontecem serem cá colocados professores que até têm, e aí é mais uma vantagem para o

aluno, e o aluno usufrui. Se não é um bocadinho da boa vontade dos professores que dão essas aulas de psicomotricidade, mas sempre separado do horário de educação física, é mais individualizado, é um apoio mais específico.

Quais as maiores dificuldades que sente quando tem alunos com NEE nas suas aulas?

Depende sempre do grau, por exemplo, eu lembro-me de quando eu tive esse aluno tetraplégico ele nunca ia à aula com a turma, e eu tinha a aula com ele, e era como se fosse mais uma aula de psicomotricidade sozinho. Aí obrigou-me a consultar e era mais fácil porque era muito na base da estimulação, mas eu tinha algumas dificuldades, para já eu era muito nova, foi logo no ano a seguir ao estágio e o jovem era um jovem adolescente com dezasseis anos com um corpo pesado e lembro-me que me via aflita para o tirar da cadeira, porque sentia a necessidade de fazer algum trabalho de estimulação e flexibilidade dos membros inferiores, e via-me aflita para carregar com ele e coloca-lo no colchão e precisava sempre de ter ajuda de um funcionário. Mas aí era uma aula em que eu estava sozinha com ele, acaba por ser tranquilo, porque pronto, não tinha que tomar conta de mais vinte e oito. Agora este ano, que eu tenho pelo terceiro ano uma menina que tenho na direção de turma que tem paralisia cerebral. A Marta gosta de fazer tudo com os colegas, não gosta de fazer nada separada, mas o que é que acontece? Ela tem algumas dificuldades, embora ela a nível motor não se note muito à primeira vista a paralisia dela, onde é que se nota! Por exemplo, atividades como badminton, que implica alguma precisão, algum tempo de reação, ela não consegue ter esse tempo de precisão, voleibol a mesma coisa, por exemplo, ela faz melhor a manchete do que o toque de dedos, porque não consegue ter a precisão de levantar a bola e ir ao encontro da bola, pronto. Essas duas, principalmente, são as duas matérias que ela tem mais dificuldades. O que é que eu faço com ela, ela faz muita coisa incluída com os outros alunos, às vezes retiro-a parte da aula, e então se tenho colegas que não levam o equipamento, até solicito a ajuda deles para trabalhar mais especificamente estas dificuldades que ela tem. Mas claro que a ela não lhe exijo, por exemplo, o nível introdutório que está definido nos programas para as diferentes matérias, na maior parte das matérias reduzo. Por exemplo, na ginástica, ela é uma aluna que faz o rolamento à frente, mas não se levanta, mas para mim pronto, já faz o rolamento à frente. Rolamento à retaguarda, ainda não faz, tudo que seja a fase de empurrar o chão ela também não o faz e ela ainda com menos sensibilidade que os outros. Mas por exemplo, na aptidão física é uma aluna que está dentro da zona saudável nos testes do fitnessgram, eu digo, Marta tu tens de fazer os vinte e três percursos e ela faz os vinte e três percursos, não tem dificuldade nenhuma. Pronto, eu tento inclui-la ao máximo nas atividades de grupo, jogos coletivos ela joga, tem uma ou outra dificuldade na receção, principalmente quando as bolas são mais pequenas. Mas ela gosta mesmo é de estar e fazer com os outros, ela gosta de estar incluída na turma, não gosta de ser separada. Mesmo por exemplo, ela tem condições especiais de avaliação e isso acontece também nas outras disciplinas, ela podia fazer o teste com o professor do ensino especial, em que ele lhe podia ler o teste, mas ela não gosta, não gosta de sair da turma para fazer o teste, ela por exemplo deveria levar o computador para todas as aulas porque é mais fácil para ela escrever, porque tem algumas dificuldades na escrita, nomeadamente na motricidade fina. Este ano ainda pior,

porque está no nono ano e não quer mesmo levar o computador. É uma menina que tem alguma determinação e não quer ser tratada de forma diferente.

Quando tem alunos com NEE nas suas aulas, como age para que essa criança seja incluída na turma?

É assim, eu o que sinto, até porque já estou há três anos com esta menina e com esta turma, eu às vezes interrogo-me se eles se apercebem das diferenças dela, porque eles são capazes de levantar questões e de pôr em causa coisas que são feitas com esta menina, e às vezes eu digo, mas eles não vêem o que eu estou a ver? Às vezes não sentem a diferença e nem tão pouco vejo uma reação ao facto de ela às vezes corresponder da melhor maneira, porque não recebe a bola, pronto. Eles não reagem mal, isso não. Mas às vezes fico na dúvida, será que eles sabem que ela tem este problema.

No seu dia-a-dia enquanto professor quais as principais preocupações que tem na preparação/construção de uma aula de educação física?

Naturalmente quando preparo, penso sempre se a Marta consegue fazer ou não aquilo que eu estou a propor, se não tento sempre adaptar e criar progressões para que a Marta consiga fazer. Por exemplo, como eu disse há bocado, no rolamento à retaguarda, ela quando eu não estou presente ela já faz e faz num plano inclinado e ela faz o rolinho só e aí faz autonomamente. Outra coisa que ela tem uma grande dificuldade, é nas chamadas e pré-chamadas para os saltos, porque a impulsão e coordenação é difícil. Mas às vezes consegue, ou seja, obriga a um trabalho muito maior que aos outros e é preciso que ela esteja focada naquilo. Mas ela, neste momento mesmo no salto ao eixo já passámos a outra fase, em que eu estou por trás dela, ela faz os impulsos e eu coloco-a lá, porque mesmo o afastamento dos membros inferiores ela estava com alguma dificuldade. Aquilo é claramente coordenação, parece muito simples mas não é para uma jovem. Mas ela não desiste e eu também insisto sempre com que ela faça e em termos de motivação e em termos de estimular, eu não me deixo vencer pelo facto de ela ter o problema que tem, ou seja, estou sempre a dizer, vá lá Marta, e zango-me com ela, mas pronto depois dou-lhe também o feedback positivo. Mas vou sempre exigir, não baixo o grau de exigência. Como diretora de turma, o que eu sinto, é que é muito complicado, porque as pessoas estão muito vinculadas aos programas e temos aqui uma criança com um nível cognitivo de oito anos. Por exemplo, na matemática, a professora fez um excelente trabalho, ela terminou com nível quatro, porque a professora dá-lhe imensos materiais e adapta o programa àquilo que ela consegue fazer. E muito do trabalho dela é resultante do trabalho de repetição e memorização. Áreas como a físico-química, as línguas, que à partida até parecem coisas simples, é o que eu digo, isto exige um grande esforço por parte do professor, as metodologias têm de ser diferentes. Se calhar ao nível das línguas ela tem de ir para um nível de iniciação ao nível do quinto ano, mas está nono. Isto é um duplo trabalho para o professor, porque tem vinte e sete alunos ou vinte e oito alunos para fazer um determinado trabalho e tem uma aluna que tem de fazer outro tipo de materiais. E depois, eu acho que se disfarça um bocadinho, porque vai andando, vão-lhe dando o três e a própria mãe

reconhece isso, ela muitas vezes diz, “ó professora mas ela não sabe, aquilo que é básico numa língua, o nome a idade ela não sabe falar”. Mas depois tem a nota positiva, acho que as pessoas não conseguem corresponder e têm um bocado de pena e acabam por facilitar a transição e acabam por se disfarçar os problemas. Eu sempre fui muito clara com o conselho de turma, o que eu acho, é que é assim, quando temos casos deficiências desta gravidade ou tão profundas, nós temos é que preparar estes jovens para a nossa sociedade e para que eles sejam minimamente autónomos e responsáveis. Que trabalhos é que se calhar vão estar associados, no caso desta menina com paralisia cerebral, atendimento, administrativo, arquivo, qualquer coisa assim. Por isso, ela tem de saber todas as questões relacionadas com a pontualidade, responsabilidade e aí, sem dúvida que ela é um exemplo. Sem dúvida que ela é muito responsável e eu nunca ouvi a menina dizer que perdeu ou esqueceu as coisas dela. Toma conta de tudo e ela é completamente autónoma aqui na escola. Aquilo que eu disse aos professores de português e matemática e disse, o que interessa é que a Marta chegue ao final do nono ano, e depois encaminhamo-la para um curso profissional, já com uma certa especialidade e ela depois consiga terminar a sua escolaridade e seja uma pessoa autónoma na sociedade. E aí consegui, porque realmente fizeram um trabalho notável, mas nas outras eu percebo que seja mais difícil, e para ela também é mais abstrato. E eu também acho que é por tentativa erro, tinham de tentar primeiro, e ver, olha aqui já corresponde, aqui não está a responder, tenho de reduzir o nível. E isso leva tempo. Mesmo assim eu acho que os professores têm feito um grande esforço e principalmente os que já vêm com ela desde o sétimo ano, têm melhorado as suas práticas. Mas ainda está um bocadinho aquém.

Quais as maiores dificuldades que encontra na construção das aulas?

Eu sinceramente não encontro muitas dificuldades, eu gostava mais de ir ao encontro das necessidades específicas que ela poderia ter. Eu tenho a sensação, no primeiro ano ainda lhe comprei uma bolinha daquelas molinhas para fazer trabalho de força e manipulação, porque o problema dela são as coisas assim mais minuciosas. E tinha ideia de lhe construir um circuito em que ela tinha nas aulas de noventa minutos, saia um bocadinho da turma, e ia trabalhar o circuito, e ainda fiz algumas vezes, mas ela não gosta, porque aquilo também lhe dá trabalho, como saltar ao pé-coxinho, saltar para dentro dos arcos, ou apanhar sinalizados que é uma coisa fininha, ela não gosta. Mas depois para não a ter desmotivada integro-a com os outros, vou fazendo isso ao longo do ano e nas aulas tento fazer um trabalho mais específico para ela. Mas é difícil, porque ela não gosta nada de ser retirada da turma.

Quais as maiores dificuldades que encontra nas adaptações curriculares?

É assim, se nós formos pegar no programa e formos fazer as adaptações, é difícil, porque na prática acho que não conseguimos, e é isso que na maioria das vezes nós fazemos, reduzimos os conteúdos e pronto. Eu acho que este tipo de crianças precisava mesmo que nós disponibilizássemos algum tempo e pensar, aqui com esta problemática o que é que ela pode fazer. E era mesmo estabelecer ali um currículo individual daquilo que ela tinha necessidade de desenvolver e de trabalhar. Tentamos ali uma situação de equilíbrio. Na nossa disciplina não é difícil, acho que temos essa via um bocadinho facilitada.

De acordo com os PNEF, como realiza adaptações para a criança/s com NEE?

É só reduzir os objetivos porque de resto, pronto, ela sendo de necessidades educativas especiais, ela não obedece às mesmas normas e critérios estabelecidos para os outros alunos. Por exemplo, a nível dos conhecimentos, que é uma área que ela também faz o teste escrito, o teste dela tem de ser completamente diferente, principalmente quando os conteúdos estão associados à função dos músculos, às propriedades do músculo, aos tipos de ossos, articulações, isso já é algo muito complexo, porque implica memorização e ela aí já tem mais dificuldades. Para a semana vamos ter teste, e tenho de fazer um teste para ela, os temas não são fáceis, embora haja temas que ela já deu em outras disciplinas e assim repete o conteúdo ajudando à transversalidade. Por exemplo, o teste do resto da turma é um teste de questões abertas, para ela não pode ser, tem de ser um teste com verdadeiros e falsos, interligação, ou com figuras. Mas não deixa de fazer o teste. Quando comecei a trabalhar com esta aluna não simplificava os testes, valorizava mais as questões que ela acertava, mas depois percebi que tinha de modificar os testes, e a partir daí ela começou a ter mais sucesso e pronto é mais fácil para ela.

Estas adaptações foram apenas realizadas por si, ou o grupo/departamento de educação física esteve envolvido?

Não, normalmente...quer dizer, podemos partilhar e saber a opinião dos colegas e partilhar experiências. Mas normalmente é uma coisa individual.

Neste momento, qual ou quais as deficiências que apresentam as crianças com NEE das suas turmas?

Paralisia cerebral.

Dê-me alguns exemplos das adaptações curriculares que efetuou para a inclusão destas crianças?

Já as referia antes (risos). Por exemplo o que já tinha dito dos rolamentos, no vólei é muito as situações de um lança a bola e ela tem de devolver, não é o toque seguido, é mais 1x1 ou 1+1. No badminton, facilito-lhe a pega mais próxima da base e tentar que ela acerte no volante. Depois são nos testes as adaptações que faço e na aptidão física não faço adaptações. Como ela ainda consegue estar dentro dos parâmetros não faço modificações, mas se ela começar a apresentar muitas dificuldades, vou ter de modificar, principalmente ao nível da flexibilidade. Quando temos alunos com um plano individual, temos a possibilidade de repetir as vezes que são necessárias para que o aluno alcance o sucesso, e valorizamos muito o progresso. Ou seja, mesmo que esteja fora da zona saudável, se houve uma evolução ao longo do ano valorizamos isso. Por isso estão sempre salvaguardadas algumas condições para chegar ao sucesso.

Qual foi o resultado das adaptações efetuadas?

Muito sucesso.

A vertente social está implícita nas adaptações curriculares que efetua?

Eu acho que é a integração dela e a forma como lidamos com ela que não a consideramos inferior aos outros. Damos-lhe tarefas de responsabilidade, se for preciso a entrega dos testes, na arrumação do material. Ela colabora em tudo.

Quando lhe é informado que tem uma criança com NEE nas suas aulas, quais as informações que geralmente disponibilizam sobre as crianças?

É o histórico pessoal e são os professores do ensino especial que nos dão essa informação.

Baseia-se apenas na informação que lhe é disponibilizada, ou realiza uma avaliação mais pormenorizada da criança? Como por exemplo?

Não, quer dizer, eu posso fazer uma avaliação inicial da criança, só para ter a ideia do que é que ela consegue fazer ou não. Se é muito específico o caso, eu não consigo concretizar, isto porquê, falta-me o meu lado da formação que não tenho, apesar de ler e procurar, mas falta-me. Sinto que tenho essa formação um bocadinho incompleta.

Como promove a avaliação dos alunos com NEE? Com a mesma periodicidade dos restantes?

Sim, sempre.

Quando realiza a avaliação de uma determinada matéria para a restante turma, avalia no mesmo dia a criança com NEE?

Sim e eu utilizo muito a autoavaliação e a heteroavaliação e eles conseguem-se enquadrar completamente. Como já disse ela não gosta de ser colocada de parte, por isso não fazia sentido separá-la da turma nos momentos de avaliação.

Quais os parâmetros que a avaliação sumativa abrange para as crianças com NEE? São os mesmos das restantes crianças?

São, só que são adaptadas para as diferentes crianças. Eu acho que a formativa é que acaba por ser adaptada. Porque depois a avaliação sumativa acaba por ser o resultado daquilo que é feito na formativa e não se altera em relação à sumativa, ou seja, eles precisam de ter

noventa por cento nas atividades físicas mais dez por cento nos conhecimentos e estar dentro da zona saudável, essa é a condição.

Para além do que já foi abordado, quer salientar outros aspetos que não tenhamos abordado e que considere relevante?

Acho que não, acho que já falei um bocadinho de tudo.

APÊNDICE 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Sinceramente não sinto grandes diferenças dessas. - Eu associo a tudo, toda a vida do jovem a partir do momento em que entra pelo portão da escola para dentro e muitas vezes também para fora.	2	2
Práticas Inclusivas	Promovidas pela escola	- Acho que esta escola sempre se preocupou por tentar...tanto que os alunos com essas problemáticas, (...) são os primeiros que podem optar pela escolha desta escola. - Temos tido muitos alunos precisamente por causa disso, porque tem um historial de apoio a esses alunos, que a leva a ser muito pretendida. - Há uma grande interação com os encarregados de educação (...)	3	3
Apoios	Da escola	- (...) cuidados que esses alunos têm que ter, alguns têm de ser auxiliados por alguém, se precisarem de ir à casa de banho, se precisarem de ter apoio no refeitório para comer, para ir buscar o tabuleiro, todas essas situações. - Pronto, é todo um complemento, não passa só pela parte dos professores. - (...) as auxiliares ajudaram-no a começar a comer sozinho.	3	9
	Ensino Especial	- Depois há uma professora do ensino especial que se dedica especialmente a esses alunos. - (...) é o gabinete de apoio, apoio individual de algumas disciplinas onde há mesmo necessidade. - Há um gabinete que apoia os alunos, que de alguma maneira possam estar com dificuldades, e também são apoiados a esse nível.	3	
	Alunos da turma	- (...) de acordo com as fragilidades que eles apresentam, têm apoios individuais, os próprios colegas são sensibilizados para ajudarem, apoiarem o jovem nessas circunstâncias na turma. - (...) rotativamente os colegas vão apoiá-lo na tarefa que ele está a fazer. Dão-lhe os materiais, ajudam-no a passar à tarefa seguinte, proceder a registos, etc. - Neste caso havia sempre um ou dois colegas que estavam sempre a apoiar, na mesma aula, o grupo de apoio a este aluno ia mudando.	3	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Apoios	Professores	- Já tive a experiência de ter um colega de apoio à disciplina de educação física dentro da mesma sala para ajudar esse aluno a estar mais incluído nas tarefas (...) - (...) sou a professora de apoio, ele não chega a ter aula com o professor da turma, não chega a fazer as aulas incluído na turma, as aulas de educação física, porque as outras ele faz.	2	12
	Externos à escola	- O rapaz da cadeira de rodas, vai passar a ter sessões uma vez por semana numa piscina. Pedi à escola que negociasse o transporte da escola para a piscina e depois da piscina para casa.	1	
Dificuldades e Barreiras	Arquitetónicas e materiais	- (...) é o acesso a algumas instalações, para as quais os alunos em cadeiras de rodas não conseguem subir se não forem transportados ao colo, nomeadamente as galerias do pavilhão que foram aproveitadas para a prática, (...) - Limitações de material e de acessibilidade de algumas instalações.	2	10
	Dos Professores	- (...) são turmas maiores o que torna logo o trabalho dos professores muito mais difícil. - (...) porque é impossível um professor lidar com tudo e dar-lhe a atenção que ele necessita. - (...) não tive nenhum apoio especial, apenas conversas com o professor anterior. - É ter de decorrer todo o resto da aula, que implica deslocações várias dentro do espaço da aula, (...) - (...) é o decorrer da aula. O apoio que tem de ser dado ao longo da aula a todos os alunos e a aquele aluno em particular.	5	
	Programas Nacionais de Educação Física	- Não é fácil, porque os programas não estão minimamente construídos tendo em conta esta população especial. - E as adaptações são muito específicas de cada deficiência. Na maior parte, ou em grande parte dos casos, acabam por ser adaptações profundas que extravasão completamente as competências que vêm nos programas.	2	
	Excesso de alunos na turma	- Este ano, infelizmente, as turmas não têm as dimensões que deveriam ter, (...)	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
	Informação disponibilizada	- Sobre a educação física, praticamente nenhuma, ou nenhuma mesmo. - (...) ele veio de outra escola, e o que ele trazia de informação era zero, sobre a educação física.	2	
	Dos alunos com NEE	- (...) os alunos com a síndrome de Asperge, têm alguma dificuldade de lidar com os seus pares, ele tinha momentos, principalmente nos intervalos que andava sozinho pela escola, mas nas aulas participava, (...) - (...) a principal dificuldade não foi essa, foi o ritmo.	2	14
Adaptações Curriculares	Materiais e Segurança	- (...) prendeu-se mais a nível de materiais, propondo à escola a compra de determinados materiais, mais adequados, por exemplo bolas e raquetes com uma pega mais curta, bolas que não a magoassem, bolas de esponja, bolas mais leves, adaptar o alvo à situação dela.	2	
		- (...) fiz uma adaptação dos materiais, bolas mais leves, a rede de voleibol mais baixa, o cesto de basquetebol mais baixo, ah, o salto em altura, ela também fazia mas o problema era a queda e então colocava-se colchões mais fofos e mais leves, para ajudarem a amortecer e não cair com o peso todo nas costas. - (...) fui eu que fui tentando fazer a inclusão dela, (...) - (...) as grandes adaptações do primeiro caso que eu falei, foram feitas por mim, ah, as adaptações dos últimos casos que tenho vindo a trabalhar, (...) foram com uma forte intervenção do núcleo de estágio, depois chegávamos ao grupo e proponhamos, e por norma as coisas eram sempre aceites e pedidas.	2	
	Diferenciação de tarefas	- Tento também atribuir tarefas a esse aluno que tenham a ver com atividades que ele não pode desenvolver mas que os colegas desenvolvem, (...) - Porque as tarefas são tão diferentes do que aquilo que os outros colegas fazem, que não faz sentido estar a incluí-lo naquela situação, (...)	2	
	Adaptações realizadas	- (...) por exemplo, a capacidade de cronometrar, pronto, inclui-los também a esse nível de retirar dados, observação, não só mas também.	1	7

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Adaptações realizadas	- (...) tarefas tão específicas como, colocar e tirar tarefas dentro de um estojo, para ele é difícil a apreensão, arranjar atividades em que ele tenha que desenvolver para além da motricidade fina, uma motricidade mais abrangente, para que ele comece a mobilizar os dedos todos da mão, (...) - (...) com alunos com síndrome de Asperger tem sido para mim mais possível fazer adaptações, mantendo as matérias que são previstas e realizar só algumas adequações. - (...) o menino que tive de cadeira de rodas, para o incluir mais na turma, dei-lhe mais tarefas de observação, de cronometrar, uma vez que não fazia a parte da aptidão física que os colegas faziam, e então era ele que cronometrava e o sinal era o apito da cadeira de rodas dele. - (...) ele tinha de dar feedback aos colegas, tinha que lhes dizer o que eles tinham que melhorar, identificar os erros, mas tinham de ser coisas muito precisas para que ele não se dispersa-se. - (...) o aluno com síndrome de Asperger tinha obesidade, ele não fazia a milha, fazia só o vai-vem, mas chegava a um determinado momento e já não tinha de seguir o ritmo da música ou pisar a linha ao sinal do bip ou da mudança. Tinha de fazer o máximo de percursos que conseguisse de acordo com as suas capacidades. A milha fazia em marcha.	6	
	Programa individual	- (...) eu já tive de fazer diferentes tipos de adaptações curriculares, desde currículos próprios para aqueles alunos, como é o caso do aluno que tenho em mãos este ano, (...) - (...) então foi feito um programa especial para ele. Esse programa especial, porque ele tinha de ter educação física, passam por tarefas que nada têm a ver com a educação física curricular que nós conhecemos, com os Programas Nacionais de Educação Física. - No caso do aluno com limitações de ordem motora muito grandes, no caso da cadeira de rodas, são critérios específicos feitos mesmo para ele.	3	
	Ao encontro da autonomia	- (...) tarefas que sejam significativas para o dia-a-dia, aprendeu a fazer a barba com a máquina de barbear, aprendeu a lavar os dentes, aprendeu a lavar a cara, aprendeu a abrir e a fechar portas, (...)	1	16

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Ao encontro da autonomia	- Tarefas para ele ser mais autónomo, é sempre na busca da autonomia. - Para mim a maior relevância de todo este trabalho com estes alunos, é o caminho para a autonomia, e tentar proporcionar-lhes experiências para as quais muitas vezes os pais não estão sensibilizados, que é trabalho em outros meios. - E é isso, caminharem para a autonomia e vivenciarem o maior número de experiências possíveis.	4	26
	Resultado das adaptações	- (...) era uma miúda que tentava fazer praticamente tudo, (...) - (...) porque ela dizia “professora mas eu quero experimentar” e eu deixava experimentar (...) - (...) não faz sentido estar a incluí-lo naquela situação, quando ele pode fazer outras conquistas que são mais significativas para ele. - Eu ia muito de acordo com o que a aluna tinha vontade de experimentar, eu depois percebia como é que podia agir ali, modificar ali, para tornar a tarefa dela mais fácil, com mais possibilidade de ter sucesso. - Surpreendeu-nos nomeadamente na dança a pares, porque estávamos à espera que ele não quisesse agarrar e ser agarrado, (...) - O aluno está motivado, sente, obviamente, que é diferente, mas aceita a sua diferença e está mais confiante. - A motivação é fundamental.	7	
Vertente social	Nos alunos da turma	- (...) porque a vitória dele era a vitória do grupo e vice-versa. - E o grupo conseguiu trabalhar muito bem com ele, mesmo quando, nas figuras que escolheram, nas ligações entre as figuras, de maneira a que ele nunca fosse ali um elemento neutro ou que estivesse a fazer de faz de conta. - (...) todos os colegas tinham de passar pela situação de trabalho com aquele aluno.	3	5
	Na aula de EE	- Portanto, eu não consigo dissociar a parte social do resto da aula, porque uma aula de educação física isso é implícito.	1	
	Nos alunos com NEE	- (...) socialmente aquilo para ele era extremamente importante, porque a vitória dele era a vitória do grupo e vice-versa.	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Organização da aula	- (...) é pensá-la toda muito bem antes, ah, espaços, materiais, tarefas, tempos. - (...) seleção de situações de aprendizagem.	2	
	Cuidados a ter	- É no plano de aula, ter tudo o que me permite estar à vontade enquanto a aula se está a desenvolver, (...) - Uma planificação muito cuidada, (...) - (...) a preparação da aula é alvo de muito trabalho e muito cuidado. - (...) nas aulas ele participava, embora houvesse sempre um cuidado muito especial na constituição do grupo de trabalho, (...) - Por exemplo, alunos com a síndrome de Asperge na constituição dos grupos, era sempre tido em conta, (...)	5	7
Avaliação	Avaliação inicial	- Os alunos são sempre sujeitos a uma avaliação inicial, também, não é uma coisa imposta, é uma coisa negociada. - (...) mas são sempre sujeitos a uma avaliação inicial, ao nível das diferentes áreas, das atividades físicas e desportivas, da aptidão física.	2	
	Adaptações específicas	- Tem a área da parte da aptidão física, por exemplo, ao nível da amplitude de movimento, quanto tempo demora a colocar os pinos todos empilhados. - Depois ao nível das competências próprias para ele, fazer a barba, lavar cara, lavar os dentes. Tudo isso é alvo de avaliação. - Depois a parte de avaliação de conhecimentos, (...) ele dá a resposta eu escrevo no teste.	3	
	Avaliação formativa	- Não estabeleço períodos diferentes de avaliação desses alunos, a não ser que haja alguma situação muito particular que seja necessário, isso. - Mas tenho uma preocupação grande em recolher bastante informação, bastantes dados ao nível da avaliação formativa para ir reformulando alguma coisa que não esteja a correr bem, ou seja preciso desafios mais ambiciosos.	2	7

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E1	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Avaliação	Avaliação sumativa	- (...) ao nível das atividades físicas e desportivas, por exemplo, se está preconizado que no décimo ano o basquetebol atinja um nível E para ele pode ser o I, e mesmo dentro do I pode nem ser o I só, pode ser uma parte do I. - Mas tem a mesma valorização que têm os colegas que atingem o E. Tem de ser adaptado a ele. - (...) ao nível dos testes de aptidão física, em vez de ter de atingir as Xs extensões de braços, tem que atingir Xs menos ou então fá-las modificadas, com os joelhos no chão, por exemplo. - Depois a parte de avaliação de conhecimentos, que pode ou não sofrer alguma adaptação, depende da matéria que está a ser lecionada e se faz sentido haver ali alguma diferenciação.	4	11

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E2	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Em termos dos alunos vejo benefícios, (...) - Todos termos, os miúdos, o direito à formação que lhes é devida, (...) portão da escola para dentro e muitas vezes também para fora. - Porque a maior parte das vezes não é nada inclusiva. - Não têm o apoio que devem ter, logo é tudo menos inclusiva.	4	4
Práticas Inclusivas	Promovidas pela escola	- (...) não está, mas se calhar também não é das piores, porque até tem algumas condições, tem esse grupo grande, este ano tem psicóloga, quer condições, tem esse grupo grande, este ano tem psicóloga - (...) O agrupamento é de referência aos cegos, (...) - Pronto o agrupamento e a direção têm isso como preocupação, de integrá-los. - (...) uma é em termos de mobilidade dos miúdos, para os miúdos de cadeiras de rodas, e depois olha rodas, (...)	4	4
Apoios	Da escola	- (...) e se se pedir o material também vão tentando facilitar. Pelo menos na educação física vai-se pedindo e vai-se adquirindo. - Ao nível de adquirir coisas aqui a escola é atenta a isso, (...)	2	
	Ensino Especial	-Agora, quando nos juntamos em agrupamento, o grupo da educação especial já é muito grande, onde tivemos sempre uma professora de apoio, é muito grande, onde tivemos sempre uma professora de apoio - (...) este ano tem psicóloga, quer dizer nós não tínhamos o resto do agrupamento tinha, e nós só estamos em agrupamento desde o ano passado. - Têm uma das professoras do ensino especial, (...) - A professora do ensino especial também disponibiliza algumas informações, de acordo com a problemática do aluno diz-nos o que é que se pode ou não se pode fazer, disponibilizam umas brochuras, e assim.	4	
	Alunos da turma	- Depois muita coisa que é possível meto alguém a trabalhar com eles também, e tentar coisas básicas que ele esteja integrado e que faça parte do grupo, (...) - (...) alguém a ajudava.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E2	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Apoios	Professores	- Depois vão tendo alguns professores mais preocupados e mais sensibilizados e atentos a isso, e que vão conseguindo fazer isso. - (...) durante a semana, pelo menos uma vez, têm o apoio de um professor em que uma aula ficam com a turma e em outra aula, embora esteja com a turma, há lá um professor só a trabalhar com ele.	2	10
Dificuldades e Barreiras	Arquitetónicas e materiais	- (...) e depois faz-me confusão não lhes darmos realmente as condições. - Mas só este ano é que se esteve a fazer algumas adaptações do percurso, colocaram umas calhas para os miúdos saberem para onde ir. E Por exemplo não se conseguiu completar aquilo, só se fez um bocado. - Por exemplo o aluno da M..., (...) porque não se conseguia uma casa de banho adaptada para o miúdo, e foi uma luta para se ter a casa de banho, ficou pronta o ano passado e teve de ser a câmara a facilitar algumas coisas.	3	
	Dos Professores	- (...) em termos dos professores não vejo tantos benefícios. Exige muito dos professores, em termos dos colegas vejo complicado. - (...) e depois outra é o número de alunos por turma, o acréscimo de trabalho que dá, porque são coisas muito específicas. - Os professores que ficam muito atrapalhados, principalmente em disciplinas em que têm um exame externo para fazer, é muito complicado. - Mas eu vejo os professores com muitas dificuldades. - Pronto os professores continuam a sentir-se muito sozinhos, para planear, e por causa das turmas em que vão tendo estes alunos, o número de alunos é muito grande e os professores não... - E nunca ninguém quer, de livre vontade (risos), a maior parte dos professores não se sente à vontade. - Ninguém quer, não é fácil. - Não é mesmo fácil, é uma preocupação e ninguém gosta, (...)	8	
	Formação	- Uma pela formação que não temos nem ninguém tem, (...) - É um trabalho muito acrescido e as pessoas sentem-se, e têm dificuldades, não têm formação para isso.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E2	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades e Barreiras	Programas Nacionais de Educação Física	- Pronto, os programas nacionais têm os objetivos, mas com uma determinada problemática temos de fazer adaptações e tentar cumprir o mínimo, é tentar ver até onde consegue ir, mas não tem nada a ver com o programa. A maior parte das matérias, a menina com espinha Bífida não conseguia fazer. - Como é uma coisa tão limitativa em termos de programa curricular, depois também não quero que a miúda esteja muito desfasada do resto. - (...) era o mínimo, tem muito pouco a ver com o programa.	3	
	Informação disponibilizada	- Por exemplo, com esta miúda (espinha bífida) fui ao centro onde ela já era acompanhada há anos, e tento assim saber mais algumas coisas. Vou vendo na internet e pesquisando sobre a problemática, só isso.	1	
	Encarregados educação	- E depois também depende dos miúdos, da família, dos pais que têm. (...) No outro caso, era mais complicado, aqui dói-me, aqui não sei o quê, superprotegida. - A própria mãe tinha relutância para que ela saísse da cadeira e eu também não forçava a isso. Porque ela podia fazer trabalhar abdominais e assim, mas a mãe tinha muito medo.	2	
	Dos alunos com NEE	- Voleibol a parte técnica, mas depois a manchete já era uma mariquinhas. - Por exemplo, esta miúda ela até poderia fazer um jogo, mas tinha muito medo que a bola viesse e lhe batesse e depois tinha uns tubos e drenagens para ali, e ela era superprotegida e nem sequer queria sair da cadeira. - Ali na cadeira de rodas com todas as limitações associadas é difícil. - (...) de jogo era mesmo só em cooperação com alguém, oposição ela tinha muito medo. - (...) porque ela também tinha medo de se esticar muito.	5	
	Inclusão na turma	- É mesmo eles não se sentirem muito diferentes, na turma, vou dar a aula e depois aquilo é uma preocupação, para que o aluno não se sinta à parte e se sinta da turma, mas também não quero sejam os outros prejudicados. - E é o conseguir que ele faça parte daquela turma, daquela aula.	2	26

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E2	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Adaptações realizadas	- Não, estas adaptações que fiz para a miúda da espinha bífida, fiz com outra colega e até com uma estagiária, estávamos os três implicados com a miúda, depois o grupo, a gente apresenta e aprova, ninguém diz o contrário - Nas raquetes por exemplo, ela só fazia sem rede, era jogo um contra um, mas sem rede, - Por exemplo, basquetebol era muito sozinha, era só questões técnicas, lançamento, o drible, fazia percursos, de jogo era mesmo só em cooperação com alguém, (...) - Depois a aptidão física era só trem superior, e fazia algumas coisas com as pernas, mas pouco. - Pois, tem mesmo a ver com a problemática que eles têm, depois é, é ver mesmo o que é que é possível fazer, esta matéria ela consegue fazer, não é!	5	
	Programa individual	- Eles têm sempre o PEI, os planos educativos, que os acompanham durante o percurso escolar, nós aqui já só os apanhamos no secundário, mas o PEI vêm com eles.	1	
	Resultado das adaptações	- Tudo o que era raquetes, ténis de mesa, badminton, ela conseguia fazer bem e até gostava. - Também tem a ver com as características dos miúdos, esta minha aluna queria fazer, mas acho mais fácil. - Ela ficava contente com as conquistas, e a cega também, com as poucas conquistas ela ficava contente, já conseguia fazer não sei quantos batimentos, já conseguia fazer toque de sustentação no volley, ela ficava contente com isso, ficava feliz por ter algum sucesso. - Com o insucesso também era complicado. - Mas ficava contente, então a cega ficava radiante.	5	11
Vertente social	Alunos da turma	- Mas depois também depende muito da turma em que estão inseridos, dos próprios miúdos.	1	
	Alunos com NEE	- E é mesmo isso, é sentir-se parte do grupo, ser aceite, não é fácil.	1	
	Na aula de Educação Física	- (...) tentar coisas básicas que ele esteja integrado e que faça parte do grupo, fazendo determinadas tarefas que também ele possa estar incluído. - E depois integrar isso com o resto da turma. - A vertente social? Quer dizer, eu acho que a maior parte até é mais essa parte a mais trabalhada.	3	5

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E2	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Organização da aula	- Pronto procurar tarefas ou atividades que ela consiga e depois é tentar ir pedindo um bocadinho mais. - E pronto, também tem a ver com a gestão da aula.	2	6
	Cuidados com o planeamento	- Eu tento não dar muita importância, como se fosse muito diferente. - Primeiro é não fazer nenhum disparate, (risos), que vá prejudicar e tenho muito pavor. - E depois é que também se sintam bem, não saia da aula e diga assim, “olha estive aqui e não estive a fazer nada”, “não faço nada na aula, estar aqui ou não vir é igual”. - Pois é isso, é saber às vezes o que é que é adaptado, o que é que não é, o mais indicado para eles.	4	
Avaliação	Avaliação inicial	- Em relação à avaliação inicial, vou vendo o que a aluna vai conseguindo fazer, ou não, mas não me preocupo muito com isso.	1	8
	Adaptações na avaliação	- Claro que depois se vão fazendo adaptações, há miúdos que depois se não quiserem fazer faculdade, não se faz exame, faz-se só a nível de escola, ou só se faz aquele que ele quer como específica. - Fez-se a adaptação, ela pode conseguir isto, não é, e é ver se está muito longe, se conseguiu.	2	
	Avaliação formativa	- Hum, não, pronto, alguma coisa se pode, essa da cadeira de rodas não, mas a cega sim, até a resistência por exemplo ela fazia à mesma no mesmo dia,	1	
	Avaliação sumativa	- As avaliações finais são iguais para todos, e o resto sinceramente não me preocupa muito. Vou trabalhando com eles, nem me passa na cabeça, não me passa mesmo, em dar um nível abaixo de dez. - Depois também ligo muito às expectativas que o miúdo tem, também tem a ver com o resto das disciplinas. - Por ela ter aquelas limitações não lhe vou dar uma nota muito mais abaixo do que as outras disciplinas. Essa parte não me diz muito. - Em relação à área dos conhecimentos é, até porque por vezes tem um peso acrescido. Às vezes posso dar um bocadinho mais nesta área. As outras depende mesmo da problemática e se é capaz de fazer algumas coisas ou não, e se atingiu, não é!	4	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO – ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Para a maior parte dos casos acho muito bem, era totalmente contra e desde que trabalho com eles acho bem e acho que é a visão da maior parte das pessoas que trabalha com eles. - Quem não trabalha com eles acha que eles não estão cá a fazer nada, e depois de trabalharmos com eles, vemos que para muitos deles, nem que a inclusão seja pequenina é positivo para o desenvolvimento deles, é positivo para a família e para a escola, para os outros alunos também e professores e todas as pessoas que estão envolvidas no processo. - A situação de deficiência não é rejeitada, pronto é isso que eu penso. - Não é serem vistos como uma coisa estranha dentro da escola. Eles fazem parte da escola, os outros habituam-se a lidar com eles e eles com os outros. Isso é que é uma inclusão, não vejo de outra forma.	4	4
Práticas inclusivas	Promovida pela escola	- Temos feito muito esforço, e há muita coisa que é positiva, sim. E o projeto que temos desenvolvido com estes miúdos, principalmente com mais dificuldades, é bastante bom (...) - Práticas inclusivas...ah, talvez eles participarem no almoço, todos eles praticamente quase sozinhos, - Ah, ao tomarem conta deles durante o almoço que não estão com professores, (...) e isso faz a ligação, não estar sempre com o professor que toma conta dele, que o apoia a fazer as coisas, (...) outras rotinas que se foram criando de eles passarem o cartão à porta (...) - Mas pronto, há uma tentativa da escola neste momento em colmatar esses problemas.	4	8
	Resultados dessas práticas	- E pronto é totalmente diferente, em cinco anos foi um trabalho bestial. - (...) e acabam por criar essas autonomias. E isso é que os integra mais, não é, evitar aspetos estranhos ou muito estranhos em ralação aos outros miúdos.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Apoios	Ensino especial	- A apresentação é feita ao grupo de ensino especial, do qual eu não faço parte e depois eles é que nos transmitem em todas as reuniões em que estão presentes e tentam fazer a ligação entre o que há de problema com os miúdos e o que pode ser resolvido, (...)	1	11
	Restantes alunos	- (...) o apoio de colegas no equilíbrio, (...) - (...) nós temos um curso profissional de técnicos de auxiliares de ação educativa que trabalham por exemplo, na parte do refeitório e dão também apoio a outras disciplinas não curriculares do currículo deles, (...) - Ah, ao tomarem conta deles durante o almoço que não estão com professores, eles estão integrados na escola com alunos, e isso faz a ligação, não estar sempre com o professor que toma conta dele (...)	3	
	Professores	- É assim os apoios, eu é que tenho servido de apoio. - eu como estou agregada a esse projeto, o projeto inclusão, sou eu que vou às aulas desses alunos tentar que eles se integrem, nem que seja só no momento da preleção do professor, ou no momento em que eles se sentam, mas só nas aulas de educação física. - Depois acompanho na hipoterapia e na hidroterapia. - E eu vou ajudar, porque na parte de equilíbrio e isso tudo que eles têm mais dificuldades, como nos alongamentos, ajuda A..... Estou perto sem criar uma dependência, deixo-os trabalhar com a turma enquanto aguentam, (...) - Sou só eu que tenho os alunos com deficiência aqui na escola.	5	
	Da escola	- (...) a escola tem dado muito apoio a este tipo de práticas.	1	
	Pessoas externas à escola	- Como é para os cavalos agora, (...) que é um atividade paga, conseguimos patrocínios de pessoas particulares, voluntários que estão a apoiar o grupo, (...)	1	
	Dificuldades/Barreiras	Materiais	- As dificuldades às vezes é material facilitador, é logico para ele certo tipo de bolas é difícil, ah, não tenho bolas próprias para crianças com deficiência, não tenho pronto, acabam por ser coisas conseguidas por nós, feitas.	
	Professores	- Portanto, está a ser difícil adaptarmo-nos, (...) - É difícil enquanto a pessoa não se integra, e até eu tinha dificuldades, até ao dia em que meti na cabeça que queria trabalhar com eles.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Professores	- Portanto, está a ser difícil adaptarmo-nos, (...) - É difícil enquanto a pessoa não se integra, e até eu tinha dificuldades, até ao dia em que meti na cabeça que queria trabalhar com eles.	2	
	PNEF	- (...) o programa não tem cabimento, (...)	1	
	Informação disponibilizada	- Uma das grandes dificuldades que nós temos é nunca termos traçado um perfil completo da deficiência. - Mesmo quem trabalha a nível profissional com eles, tem muitas vezes dificuldade de traçar um perfil deles. É défice cognitivo e acabamos por trabalhar dentro do défice cognitivo e não especificar propriamente uma deficiência. - Mas nada mesmo definido, é sempre muito vago. - (...) estes miúdos já têm todos um plano individualizado, portanto já trazem um processo organizado com eles, com base no que foi feito antes. - (...) muitas vezes sou eu própria que peço diagnósticos disto ou daquilo porque nunca nos chegaram. - E infelizmente os diagnósticos são sempre muito precários. - Eu sei que já há audiogramas especiais para este tipo de crianças, mas que não foi feito, a médica de família nunca mandou fazer e continuamos sem saber se ela tem a capacidade auditiva completa dos dois ouvidos.	7	
	Alunos com NEE	- E nessa altura, eles não percebendo que existe um grau de complexidade na tarefa maior procuram o que eles gostam, a bola, procuram roubar os outros, tentam tirar aos outros o material que manipulam e ficar para eles. - (...) eles nem sequer sabem dizer que têm uma dor, (...)	2	
	Apoios para as atividades	- É exatamente conseguir apoios para as atividades não curriculares, portanto, que fazem parte do currículo deles. - Como é para os cavalos agora, que não tenho apoio de transportes, (...) - (...) não têm capacidades financeiras para aguentar certo tipo de terapias e a hipoterapia é uma delas. - Portanto, ao nível dos apoios financeiros é o mais complicado. - E que sentimos muito este ano, porque com o arranque da sala multideficiência, partimos do nada, só tínhamos as paredes.	5	
				18

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Avaliação	- É muito difícil dizer que se faz uma avaliação especializada com eles, é muito global, pelo menos com estes casos mais complicados.	1	20
	Planeamento da aula	- É quando a aula chega a um grau de complexidade que realmente não há ponto de encontro entre os alunos sem e com deficiência.	1	
Adaptações Curriculares	Materiais	- Este ano não, mas tive durante muitos anos com deficiência visual e fui eu que fiz as bolas para ele jogar com os outros, pus para lá guizos, porque a escola em si não tinha. - (...) em termos da ginástica a utilização da trave baixa em vez da alta, o apoio de colegas no equilíbrio, utilização dos reuthers em vez do minitrampolim, (...)	2	9
	Diferenciação de tarefas	- (...) depois quando começa a complicar-se em termos de coordenação e de leitura de jogo e exercícios retiro-os da aula, quer dizer estão sempre no mesmo espaço mas vou fazer um trabalho mais individualizado e os mais parecido possível com o que a turma está a fazer. O que às vezes é impossível. - Se os outros estão a jogar basquete pô-los com bolas de basquete, ou pôr pelo menos perto bolas de basquete para que eles não vão também interromper a atividade dos outros. - (...) o trabalho é muito individualizado e dentro da mesma aula eu posso estar a fazer coisas diferentes com cada um dos meninos.	3	
	Adaptações realizadas	- E tenho uma aula só com eles, com o grupo de multideficiência, que foi criada para o currículo deles, de corpo e movimento, à base de música, expressão corporal, músicas infantis que são trabalhadas. - Depois aos poucos conforme os exercícios surgem na aula, quase sempre a parte do aquecimento, eles conseguem, mesmo com défice cognitivo grande conseguem acompanhar, (...) - (...) eu tento fazer uma situação de progressão reduzida ao máximo (...) - Jogam seis contra cinco no basquete, mas os outros não se importam nada e ele faz a aula com os outros.	4	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Adaptações realizadas	- (...) tem mesmo cabimento o desenvolvimento motor básico e estimulação e manipulação de materiais. - Mesmo que faça incorretamente e uma pessoa a chamá-lo a atenção para as incorreções do teste, por exemplo no teste do vaivém não vou ter a preocupação que o aluno chegue à linha no sinal, ou seja, não precisa de cumprir as regras supostas.	2	
	Currículo individual	- (...) eles têm CEI e PEI, a maior parte deles tem currículo adaptado - (...) o movimento é como forma de terapia e não como cumprimento de objetivos.	2	
	Resultados das adaptações	- (...) tentar fazer adaptações de maneira a reduzir quedas, reduzir insucesso. - É assim, quando querem fazer, porque há dias que querem e outros não querem, e gostam, mas gostam de ir experimentar as outras, depois, mas gostam de experimentar o que os outros estão a fazer e não querem fazer só o que está adaptado para eles. - (...) ele pode ter equilíbrio a fazer uma coisa e não ter equilíbrio a fazer outra. Pode conseguir dominar uma bola, mas na outra não, temos uma miúda que na hipoterapia consegue uma postura e um domínio corporal bestial em cima do cavalo e quando chega à hidroterapia não faz nada. - Se conseguir faz e “ia tão bom conseguiste e fizeste ao lado dos outros meninos” e pronto, é mais uma questão motivacional. - (...) acho que é um trabalho motivante e engraçado. - Acho que a mudança da cabeça é que faz a mudança deles conseguirem fazer mais. Ou mudamos a mentalidade da maior parte das pessoas, que acha que eles nem devem estar cá, ou então não conseguimos integrá-los mesmo. - Mas pronto, é um trabalho engraçado.	7	20
Vertente social	Restantes alunos	- (...) tento levá-lo para ao pé dos colegas, deixá-lo e tentar retirar-me para ver qual a reação da turma, conforme os miúdos e também o nível de deficiência. - Acho que aqui na escola os alunos já estão muito recetivos.	1	1

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Vertente social	Restantes alunos	- Há situações mais difíceis, há turmas que não aceitam. É muito diferente de turma para turma. Já tive turmas em que integram totalmente os miúdos, e turmas em que não os aceitam, nem mesmo correr ao lado deles, não gostam. - Já se aperceberam que eles estão cá e que é para conviver com eles cá.	2	12
	Alunos com NEE	- (...) mas aqueles que já vêm connosco há alguns anos nem parecem os mesmos. - Temos uma que quando chegou aqui agredia-se, batia nas pessoas, cuspia, tudo, e hoje em dia é uma das miúdas mais queridas, que passa no pátio e toda a gente diz adeus, vai-lhe dar um beijinho. - (...) eles acabam por estar com colegas ao almoço e outras rotinas que se foram criando de eles passarem o cartão à porta e acabam por criar essas autonomias. - De início, eles têm de fazer uma exploração por eles, praticamente sozinhos do espaço, dos colegas, (...) - Este ano, por exemplo, temos aqui um miúdo com trissomia vinte e um, com uma capacidade motora espetacular, que por ele próprio tentamos trazê-lo ao grupo dos meninos com deficiência, e ele não quer fuge para ao pé dos outros. - E desaparece com os outros para o balneário e aparece com o banho tomado. Espetacular.	6	
	Na aula de Ed. Física	- No início do ano fazer uma breve apresentação à turma, esta é a tal ou a tal, é um bocadinho diferente de alguns de vocês mas veio para fazer as aulas com vocês, nem que seja para estar com vocês um bocadinho. - É deixá-lo, o professor da turma sabe que ele existe, mas é deixa-lo porque ele é bom em termos motores e os outros aceitam-no. Até agora não houve problema.	2	
	Na escola	- Mas de resto acho que aqui na escola já se trabalha bastante bem a parte social. Já se aperceberam que eles estão cá e que é para conviver com eles cá.	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Organização da aula	- É assim, como nós trabalhamos, acabo por trabalhar a parte pedagógica..., eu não tenho grande preocupação em saber o tema e a temática que vai ser abordada pela turma em si, (...) - Pronto a turma vai fazer com eles, vai estar no ginásio, vai fazer ginástica desportiva, vai fazer saltos (...)	2	4
	Cuidados a ter	- (...) de maneira a que eles se sintam minimamente motivados. Para eles ou há sucesso, ou a motivação não existe. E portanto metê-los no meio dos outros, muitas das vezes é insucesso e de sentar o rabo e não querer fazer mais nada. - Depois é muito dia-a-dia, trabalho tem de ser adaptado, e acho que uma das maiores qualidades que se tem de ter é conseguir adaptar no momento o que está previsto, de acordo com a disponibilidade que o miúdo tem naquele dia.	2	
Avaliação	Avaliação inicial	- Sempre, sim, a informação é muito genérica, “pimba” é como ter um rótulo, tem défice cognitivo, tem dificuldades motoras, não tem, passa por uma avaliação.	1	4
	Avaliação formativa	- É assim, quando não sou a professora curricular da turma, acompanho os alunos à turma e estou com eles a realizar as tarefas propostas, mas quando há testes de condição física, o fitnessgram, de tempos a tempos, se a turma está a fazer isso e eu posso integrá-lo na turma a fazer o teste.	1	
	Avaliação contínua	- Não, eu acho que a avaliação deles acaba por ser uma coisa constante, e que acaba por ser muito uma coisa global. Houve evolução nesta criança, não houve, acaba por não estarmos a avaliar comportamento a comportamento, porque cada situação pode ser diferente, (...) - É houve ou não houve adaptação, houve ou não houve progressão do miúdo aqui dentro da escola e nas áreas curriculares trabalhadas e é muito uma coisa mais global e menos específica.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E3	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Avaliação	Avaliação sumativa	- Nós para estes meninos, temos um currículo específico onde fazemos só avaliação qualitativa. - Só nas disciplinas em que eles fazem parte da turma, e que conseguem acompanhar a turma, não têm um PEI, portanto um grau de objetivos mais baixo, nessas eles têm quantitativa igual aos outros, mas no caso do nosso grupo, não temos nenhum que possamos dizer que tem quantitativo, é tudo qualitativo.	2	6

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Acho que a escola é cada vez menos inclusiva. - A escola inclusiva, supostamente devia incluir e não é só tê-los presentes numa sala de aula. Para o aluno com necessidades educativas especiais não basta a presença.	2	2
Práticas inclusivas	Promovida pela escola	- Na escola onde eu estou este ano, não há praticamente práticas inclusivas, (...)	1	1
Apoios	Ensino especial	- Mas nas outras escolas por onde passei havia apoio. Havia a sala do ensino especial onde os alunos estão (...) havia mesmo um gabinete específico para isso. - A professora do ensino especial acompanhava-os às aulas (...) - Se eu não estiver à vontade com a problemática eu vou procurar a colega do ensino especial e digo, explique-me como é que eu trabalho com este aluno.	3	5
	Alunos da turma	- (...) tinha sempre alunos da turma a fazer o trabalho com eles. - (...) ou com alguém que eu tenha de pedir da turma que tenha de trabalhar com ele.	2	
Dificuldades/Barreiras	Materiais/Arquitetónicas	- (...) a escola (...) não ter o material adequado para as problemáticas. - (...) aluna com cadeira de rodas está limitada ao que estiver ao alcance. Se quero fazer um lançamento à tabela e a tabela está lá em cima no alto e não faz. Pronto faz outras coisas, mas deixa no fundo de ser inclusivo porque não está a fazer as mesmas tarefas que os outros.	2	6
	Formação	- (...) nós temos essa lacuna na formação inicial, (...) - Quero reforçar a importância de os professores fazerem formação contínua nesta área. - (...) quando aparece algum aluno com um problema um bocadinho mais grave, o professor acha que não é responsabilidade sua, que não tem formação inicial para trabalhar com o aluno. - (...) todos deviam fazer formação contínua, para depois não se queixarem que na sua formação inicial não tiveram estas bases. Então meus queridos temos de ir à procura, que eu também o fiz.	4	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Professores	- (...) aliás a colega do ensino especial está a ter uma luta muito grande com os colegas todos da escola, para que hajam práticas inclusivas. - Inicialmente é saber as problemáticas que eles têm e depois saber trabalhar com elas, (...) - Então acha que a colega do ensino especial tem de estar sempre presente na sua aula para resolver aquele problema, porque não tem capacidade de fazer adequações. - E acho que todos deviam fazer formação contínua, para depois não se queixarem que na sua formação inicial não tiveram estas bases. Então meus queridos temos de ir à procura, que eu também o fiz.	4	
	Informação disponibilizada	- Normalmente o que me dizem sobre a criança, é o diretor de turma que informa, que no início do ano passa a informação. Olha tem este problema, esta problemática ou tem outra e depois se a escola tiver reuniões intercalares a colega do ensino especial passa as informações nas reuniões intercalares, já depois do ano letivo ter começado. - Não consigo, ou eu pesquisei, ou eu recorro à colega do ensino especial, porque normalmente o diretor de turma sabe tanto como nós.	2	
	Alunos com NEE	- Eles nem conseguiam interagir em jogo, porque ela estava muito limitada na cadeira de rodas e ele pouco se deslocava, tinha de ter muita ajuda se não caía. - É claro que ela tinha muitas dificuldades em deslocar-se, (...) - Primeiro porque eles não conseguem fazer as mesmas coisas que os outros estão a fazer.	3	
	Falta de apoios	- Acho que estão preparadas, têm estruturas, acho que faltam pessoas, faltam pessoas para acompanharem os alunos. - Nesta escola não há qualquer apoio.	2	
	Planeamento da aula	- Muitas vezes é ir até à internet e ver o que eles conseguem fazer de acordo com as limitações, pesquisar em livros, é mesmo o inventar, porque são muitas aulas ao longo do ano, não é!	1	18

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Planeamento da aula	- É inventar exercícios que sejam adaptados e que não sejam monótonos, porque muitas vezes quando eles estão a trabalhar, estão a trabalhar sozinhos, ou com o professor ou com o colega, e não há aquela situação da competitividade que para eles também é importante e é inventar exercícios.	2	25
	Excesso de alunos por turma	- (...) o facto de as turmas terem muitas vezes muitos alunos, (...) - Aliás se mandam para a escola muitos alunos com necessidades educativas especiais que estavam institucionalizados e que cada vez menos os professores têm capacidade porque têm cada vez mais alunos com necessidades educativas especiais nas suas turmas.	2	
	Cumprimento currículo	- Quando eles têm de cumprir o currículo igual ao dos colegas, que já me aconteceu, e aí havia uma lacuna na lei. - Um aluno que tinha adaptações curriculares mas que tinha de cumprir, pela lei o currículo normal dos colegas, mas era um aluno em cadeira de rodas que nunca ia conseguir cumprir o currículo normal dos colegas, por muitas adequações que eu fizesse ao longo do processo ele nunca ia cumprir, por exemplo, numa situação de cinco contra cinco. - Ele não ia cumprir muitas coisas, mas as adequações dele só previam que ele tivesse adequações, mas que no final de ciclo, ou seja, no final do sexto e no final do nono ano cumprisse o mesmo currículo que os outros, com as adequações que eu fosse fazendo.	3	
Adaptações curriculares	Adaptações realizadas	- É claro que ela tinha muitas dificuldades em deslocar-se, mas tinha um jogo adaptado, ou seja, era obrigatório passar sempre à aluna antes de encestar ou de marcar à baliza, não se podia interceptar o passe. - Ia adaptando o jogo, (...) - Por exemplo estou-me a lembrar de um aluno que tive com trissomia vinte e um, que conseguia perfeitamente estar em jogo. Percebia até a dinâmica do jogo, minimamente.	3	3

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações curriculares	Adaptações realizadas	- Não pode haver ponto se o colega não tocar na bola, e tocar não é só tocar, tem de haver passe e receção, ou eventualmente se ele marcar vale a dobrar, ou seja, arranjo sempre estas pequenas estratégias para que o aluno possa estar em jogo.	1	
	Programas Nacionais de Educação Física	- De acordo com os programas, pego nos programas e reduzo os objetivos. Normalmente é isso, pego no que os outros têm de concretizar e estabeço intermédios para eles atingirem os objetivos finais.	1	
	Especificidade da deficiência	- Depende da deficiência que tenho.	1	
	Resultados das adaptações	- Muito sucesso, sempre que faço normalmente tenho um feedback muito positivo dos colegas do ensino especial, porque nos anos anteriores a experiência não foi boa ou o professor o punha à parte e normalmente os feedbacks são sempre muito positivos. - Pronto, também foi ganhando alguma confiança a fazer algumas coisas. - (...) e no final ele até foi conseguindo. - Muito mais que até aos outros alunos aliás, estes alunos têm que estar constantemente a ser motivados para alcançar algum sucesso.	4	10
Vertente social	Alunos da turma	- Tem de haver também da parte dos colegas muita compreensão.	1	1
Planeamento	Organização da aula	- Normalmente planeio algumas atividades de preferência com o grupo/turma. - (...) eu ia dizendo o que ia fazer com os outros alunos (...) - (...) tenho sempre um conjunto de atividades que planeio à parte para ele fazer ou com alguém que eu tenha de pedir da turma que tenha de trabalhar com ele.	3	
	Cuidados a ter	- Mas tenho sempre esse cuidado, escolher e definir uma série de tarefas para eles fazerem. - (...) é claro que para os colegas não podia ser sempre assim, porque se não o jogo estava quase sempre a ser interrompido.	2	5

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Cuidados a ter	- (...) só se for uma deficiência muito grave que até ponha em causa a sua integridade física.	1	12
	Inclusão na turma	- Se tiver alunos com necessidades educativas que seja complicado eles estarem com o grupo, (...) - Mas tento sempre que eles estejam incluídos na turma, nem que seja a fazer sempre coisas muito mais simples. - (...) também tive uma aluna que tinha paralisia cerebral ligeira, ela deslocava-se tinha só um dos lados afetados, e ela jogava com os colegas. - Poucas vezes essa aluna trabalhou sozinha, mas sempre com adequações e adaptações para trabalhar com a turma. - Aliás, foi como disse, de preferência o aluno está sempre com a turma, Aliás, foi como disse, de preferência o aluno está sempre com a turma, (...) - Prefiro sempre que eles estejam a trabalhar em grupo, só mesmo quando não for possível.	6	
Avaliação	Avaliação inicial	- (...) faço sempre uma avaliação mais pormenorizada da criança. - Por exemplo, estou a pensar, dizem-me que tem uma síndrome qualquer, e dizem-me, olha quando tem esta síndrome tem tendência para a obesidade, défice cognitivo e dizem-me que a síndrome também dá sonolência, ok, mas depois eu vou conhecer a aluna e chega à aula muito motivada e até faz, para mim aqueles sintomas todos que aquele síndrome me dá no caso daquela aluno, pelo menos na minha disciplina, não estão tão acentuados, ou então o síndrome tem diferentes graus. - E eu própria depois faço uma avaliação do aluno. O ano passado um aluno tinha próteses nas pernas, (...) e aos poucos até fui percebendo, (...) se calhar já consegue fazer isto e nunca fez, (...) e no final ele até foi conseguindo.	3	4
	Avaliação formativa	- Normalmente não faço num momento formal, ou seja, ao longo do ano vai tendo as suas conquistas e não há ali, olha agora vamos-te avaliar, normalmente com eles não faço esse momento formal.	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E4	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Avaliação	Avaliação contínua	- (...) ou seja, vou avaliando ao longo das várias aulas.	1	
		- (...) dando feedbacks se estão a evoluir se não estão a evoluir, se estão a conseguir concretizar os objetivos.		
	Avaliação sumativa	- Isto tem a ver com os critérios de avaliação, apesar de que os critérios de avaliação que estão definidos na escola, (...)	1	
	Adequações na avaliação	- Sempre que eles têm adequações no processo de avaliação, penso que é a alínea d), faço essas adequações seja a que nível for, ao nível dos testes, da periodicidade de avaliação, (...)	1	
	Decisões do grupo disciplinar	- (...) mas depois se estes alunos tiverem a tal alínea d) beneficiarem de adequações ao nível do processo de avaliação, e aí depois depende do grupo disciplinar definir essas regras, nunca é normalmente o professor sozinho que define. - Não sou eu que decido, normalmente em grupo disciplinar, decide-se com os alunos com NEE vamos o quê, valorizar o comportamento sobre a parte motora, pronto.	2	9

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Eu acho bem, acho bem, a escola tem de caminhar para aí, simplesmente temos de ter em atenção alguns pormenores. - Penso que ainda é preciso dar alguns saltos neste processo. - É uma escola para todos, é uma escola que deve olhar para todas as crianças e jovens de uma forma igual, terem todos acesso ao ensino, mas também olhando para as suas individualidades, porque todos são diferentes. - (...) eu acho que temos que ainda dar passos muito grandes a este nível. Eu penso que já demos passos muito grandes, mas que poderemos dar saltos maiores.	4	4
Práticas inclusivas	Promovidas pela escola	- Assim, estas crianças têm de ser vistas de uma forma diferente, uma avaliação adaptada, turmas mais reduzidas, necessidade de uma afetividade maior, relação professor aluno e aluno funcionários e haver uma relação diferente com todos. - A minha onde eu estive, era uma das escolas de ponta, em termos de escolas de referência, por tinha algumas pessoas que fizeram um percurso muito grande, defensores asserimos deste processo. - Algumas pessoas ligadas ao ensino especial há muitos anos e sempre fizeram um trabalho extraordinário ali na escola. - Penso que não era uma escola ideal, mas de qualquer maneira era uma das escolas de vanguarda ao nível da inclusão destes jovens. - Havia sensibilidade por parte de alguns professores que anualmente que integravam nas suas turmas estes jovens e penso que havia também por parte da direção uma atenção especial para estes jovens. - Penso que estes eram os aspetos mais marcantes desta escola. Aliás a escola tinha uma unidade de ensino estruturado para alunos com perturbações do espetro do autismo.	6	6
Apoios	Ensino especial	- Temos de ter gabinetes com pessoas com formação adequada, um acompanhamento mais individualizado de alguns jovens. - Havia um gabinete de apoio a estes jovens, um gabinete de ensino especial, havia um grupo de profissionais ligados ao ensino especial muito dedicado.	2	2

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Apoios	Ensino especial	- Nós tínhamos por vezes alguns elementos do ensino especial que acompanhavam os jovens. - Mas haviam sempre profissionais do ensino especial que poderiam dar apoio quando fosse necessário.	2	7
	Informação disponibilizada	- Portanto, logicamente depois de ler os relatórios, falara com a equipa do ensino especial, eu fazia sempre isso, reunia com eles, (...) - A partir daí, porque às vezes no relatório havia algumas observações médicas que um profissional tem de ter atenção (...) - Na minha escola o diretor de turma na primeira reunião dava a informação que tinha sobre o aluno.	3	
	Alunos autónomos	- Quando eram jovens que tinham alguma disponibilidade e autonomia, não era necessária a presença desses elementos. - Eu quase que nunca tive a presença de elementos, porque eram jovens que depois de motivados para a atividade física, eles conseguiam perfeitamente, vinham, vestiam-se, e tinham uma certa autonomia.	2	
Dificuldades/Barreiras	Materiais/Arquitetónicas	- Eliminar muitas barreiras arquitetónicas da escola, (...) - As barreiras arquitetónicas são fundamentais, e arranjar algum material específico. As escolas, podem colocar material adaptado para os miúdos com paralisia cerebral, como o material de boccia, etc.	2	4
	Formação	- Para além da formação inicial, tive várias formações, estive muito ligado...onde fazíamos bastante formação interna e externa. Bom fiz alguma formação, se calhar não fiz a ideal mas fiz alguma formação. Estamos sempre longe de dominar estas questões. - (...) formação ao nível do pessoal docente e não docente.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Formação	- Tem de haver mais formação, ser obrigatório todos os professores terem formação nestas áreas, e formação contínua, premente. A própria escola deve obrigar os seus profissionais a fazer formação contínua, e não é só a malta de educação física, devem ser todos, porque estamos sempre a ouvir, eu não sei o que fazer com ele na minha aula, mas eu não tenho formação. Aí está, tem que a tirar.	1	13
	Programas Nacionais de Educação Física	- Agora, os programas de educação física são muito exigentes, nem de longe nem de perto pensar que estes jovens poderiam cumprir os programas.	1	
	Excesso de alunos nas turmas	- Eu penso que as turmas continuam a ser muito grandes para integrar estes jovens, a lei vai no bom sentido, diz que não pode acontecer, mas não é isso que acontece a maior parte das vezes.	1	
	Planeamento da aula	- Não é fácil às vezes, não é fácil. Não é fácil construir as aulas com alguns alunos com dificuldades muito acentuadas.	1	
	Adaptações curriculares	- Bom, todos nós sentimos dificuldades nas adaptações curriculares.	1	
	Aspetos motivacionais	- E por vezes os aspetos motivacionais põe-nos em causa algumas estratégias. - O grande problema às vezes, por mais estratégias que nós consigamos arranjar, o aspeto motivacional dos outros jovens que integram a turma. - Mas o aspeto mais complicado é o aspeto motivacional da turma quando há na realidade elementos muito competitivos na turma.	3	
	Inclusão na turma	- Mas há turmas que não é fácil integrar estes alunos.	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Avaliação	- É muito difícil dizer que se faz uma avaliação especializada com eles, é muito global, pelo menos com estes casos mais complicados.	1	
	Planeamento da aula	- É quando a aula chega a um grau de complexidade que realmente não há ponto de encontro entre os alunos sem e com deficiência.	1	20
Adaptações Curriculares	Adaptações realizadas	- De resto, logicamente que com estes jovens há aspetos que são fundamentais desenvolver, nomeadamente os aspetos cardiorrespiratórios, de tonicidade e há alguns jogos que podemos fazer sem haver o aspeto competitivo, ser mais lúdico.- Fiz muitas adaptações. - Por exemplo, quando faço alguns jogos recreativos, o primeiro a pisar o risco azul ganha, eu vejo onde eles estão se estão perto do risco azul, se está perto da baliza, eles ganham, (...) - Não estava muito preocupado com os aspetos técnicos, nem era essa a preocupação, estava mais preocupado, com a força a resistência, eram aspetos que me preocupavam imenso devido às características da própria deficiência. - E quando eles tinham hipótese, na escola tínhamos bicicletas e remos, ergómetros, que ajudava bastante estas crianças.	5	
	Programas Nacionais de Educação Física	- Temos o programa para cumprir, (...) - Depois de sabermos quem é o jovem e sabermos as suas dificuldades, definirmos os objetivos que pretendemos atingir com ele, logicamente que teremos de fazer algumas adaptações com ele. - O programa tem de ser adaptado as estas crianças. - O programa tem de ir ao encontro das capacidades de cada jovem, não podemos definir objetivos muito elevados para estes jovens. - Temos de saber que jovem é que temos em mãos e depois fazer adaptações curriculares de acordo com o que pretendemos.	5	10

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Especificidade da deficiência	- Porque até por vezes não estava muito explícita e uma problemática, dentro da mesma problemática pode haver diferentes formas de intervir. - E estas crianças de trissomia vinte e um, são crianças que em geral são bastante deficitárias a nível cardiorrespiratório e tendência para a obesidade, onde na realidade devem ter uma atividade bastante ativa.	2	24
	Realizadas pelo professor	- Definimos sempre que os alunos com atestado médico têm de fazer um relatório para serem avaliados e ir sempre às aulas, os alunos com necessidades educativas especiais têm de ir às aulas e cumprir os objetivos estabelecidos pelo professor. - E essas adaptações terão que ter em atenção esses pormenores. - E isso depende do professor, (...) terá de fazer as adaptações curriculares. - Depois é da responsabilidade dos profissionais que têm estes jovens integrados na turma. Eles é que têm conhecimento do jovem e vão fazer as adaptações em função das necessidades. - Mas penso que a experiência e a reflexão vai ajudando a nós conseguirmos tornar as coisas mais fáceis,	4	
	Estratégias	- Por exemplo, quando faço alguns desportos coletivos, tenho de introduzir, algumas estratégias para alcançar alguns objetivos. - Quando faço situações de jogos recreativos tenho de introduzir algumas estratégias para que eles se sintam bem. - Logicamente que aí o profissional terá que adaptar a estratégia mais adequada e que lhe facilite a vida (...) - Eu depois fazia uma reunião com eles, onde definíamos algumas estratégias e até para serem uniformes, se eram miúdos autónomos ou não eram, articularmos bem o processo.	4	
	Recolha de informação	- Mas o professor deve depois ir recolher outras informações, porque o diretor de turma tem um apanhado geral das coisas. - Eu ia ao gabinete de ensino especial, e tentava saber o máximo possível sobre o aluno.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Recolha de informação	- Por vezes reuníamos-nos independentemente das reuniões que haviam trimestralmente, para ver como o processo estava a evoluir. - Tínhamos uma relação muito boa com a equipa e fazíamos sempre um balanço de como estava a correr o processo.	2	31
	Resultado das adaptações	- Agora, estas adaptações terão de ser com dois grandes objetivos, cumprir minimamente o programa que foi definido e sentir que o jovem se sente bem na turma e que tenha algum sucesso, porque estes jovens também têm de ter sucesso como têm os outros, porque se não tiverem, logicamente se sentem desmotivados. - (...) ou seja faço algumas “batotas” para que eles tenham algum sucesso em algumas atividades e se sintam integrados. - (...) e que os alunos se sintam muito felizes com o sucesso que tiveram, dando assim alguma motivação também. - Algumas tinham sucesso, outras não tinham tanto sucesso. - Logicamente que o professor ao fazer adaptações quer que os alunos tenham sucesso, mas nem todas elas o têm.	5	
Vertente social	Alunos da turma	- Mas de resto, eu penso que há sempre jovens sensíveis a esta problemática, até porque o professor faz referência a estas questões, e há sempre hipótese de os integrar com jovens mais sensíveis.	1	5
	Alunos com NEE	- A relação afetiva é um caminho para o sucesso e com alunos com NEE ainda mais.	1	
	Relação professor/aluno	- Eu penso que os aspetos socio-afetivos são extraordinários. - A relação professor aluno não só para os alunos com necessidades educativas especiais mas todos os alunos, é uma relação extraordinária. - Até hoje tive uma experiência fantástica com alguns jovens, que tinham muitas dificuldades, a todos os níveis e que ainda hoje me falam na rua.	3	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Cuidados a ter	- Bom, logicamente que isso deve ser a preocupação de todos os professores. - Logicamente temos que definir algumas estratégias para que estes jovens se sintam motivados, se sintam integrados, e que não sejam segregados pela turma. - (...) temos que definir as melhores estratégias para que eles se sintam bem dentro do contexto da turma, para não serem segregados.	3	6
	Inclusão na turma	- Logicamente que todos nós gostamos que estes jovens integrem e trabalhem diretamente com a turma, (...) - Temos que integrá-los de uma forma grupal dentro da turma (...) - É claro que às vezes isto não é fácil, com a experiência e o conhecimento que temos da turma, permite-nos por vezes integra-lo num grupo menos competitivo, um grupo que o aceite e que ele se sinta bem dentro da turma que é o objetivo.	3	
Avaliação	Avaliação inicial	- (...) também fazia a minha avaliação inicial. - (...) realizamos uma avaliação inicial feita na turma, e a partir da avaliação inicial logicamente, eu vou definir o que pretendo atingir com aquela turma. - Fazia a avaliação inicial da criança, era um ponto de partida para eu definir toda a minha intervenção com ela. - Nunca fazia a minha intervenção só com a informação disponibilizada, fazia sempre uma avaliação inicial. - Com a avaliação eu podia intervir uma maneira mais eficaz. - (...) depois da avaliação inicial, de saber as limitações do jovem, terá de fazer as adaptações curriculares.	6	8
	Avaliação formativa	- (...) nós fazíamos sempre uma reunião quase permanente, dávamos feedbacks constantes, é claro que isto não é uma avaliação formal, fazia uma avaliação formal como fazia com os outros,	1	
	Avaliação contínua	- Logicamente que fazia uma avaliação também quase permanente nas aulas para além da formal.	1	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E5	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Avaliação	Avaliação contínua	- A criança com NEE tinham uma avaliação quase permanente, para mim era quase diária. O meu foco era muito mais o dia-a-dia.	1	14
	Avaliação sumativa	- Era eu que definia os parâmetros de avaliação, incidia muito sobre as capacidades motoras, nomeadamente a resistência, aspetos ligados à força, isto porque geralmente são crianças que passam muito tempo paradas, sentadas, e que depois vai-se refletir a nível de equilíbrio, tonicidade, etc, não é! - Eu incidia muito nestes aspetos ligados às capacidades motoras.	2	
	Troca de informação com o gabinete de ensino especial	- (...) mas nestes não dúvida que havia feedbacks permanentes com a equipa do ensino especial. - Havia na realidade uma relação muito próxima entre mim e a equipa de ensino especial. - Saber porque as coisas corriam bem ou mal, e isto levava-me a falar do outro lado com a equipa de ensino especial.	3	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Escola Inclusiva	Escola mais inclusiva	- Eu por um lado concordo, porque permite que a integração de algumas pessoas com mais dificuldades seja mais facilitada. - É benéfico para os dois lados, é bom para a criança deficiente e é bom para a criança que não tem deficiências, saber estar incluído numa população que é diversificada. - Eu associo a uma escola em que todos os que nela participam se sentem bem e têm as mesmas condições de trabalho, as mesmas condições para a aprendizagem. Não há diferenças, apesar das diferenças entre as pessoas.	3	3
Práticas inclusivas	Promovidas pela escola	- Bom, instalações há e são adequadas para eles, depois há uma preocupação em criar as condições, ou seja, fazendo os planos individuais de trabalho, fazendo as devidas adequações curriculares. - Ou seja, em termos de documentos eu acho que está tudo a suportar e a fazer com que essa criança seja incluída de acordo com a legislação.	2	2
Apoios	Ensino especial	- Há professores de ensino especial, que podem dar esse apoio. - Normalmente eles têm apoio direto com o professor de ensino especial, (...) - (...) ela podia fazer o teste com o professor do ensino especial, em que ele lhe podia ler o teste, mas ela não gosta, (...)	3	6
	Alunos da turma	- (...) às vezes retiro-a parte da aula, e então se tenho colegas que não levam o equipamento, até solicito a ajuda deles para trabalhar mais especificamente estas dificuldades que ela tem.	1	
	Professores	- (...) podem ter apoios nas diferentes disciplinas, mas essencialmente é a português matemática e inglês e na educação física também, na psicomotricidade. - Se não é um bocadinho da boa vontade dos professores que dão essas aulas de psicomotricidade, mas sempre separado do horário de educação física, é mais individualizado, é um apoio mais específico.	2	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Apoios	Professores	- Apesar de não haver nenhum professor de educação física, ou seja está sempre dependente do grupo de educação física, porque do quadro de efetivos não há ninguém com essa especialidade, mas às vezes acontecem serem cá colocados professores que até têm, e aí é mais uma vantagem para o aluno, e o aluno usufrui. - (...) eu lembro-me de quando eu tive esse aluno tetraplégico ele nunca ia à aula com a turma, e eu tinha a aula com ele, e era como se fosse mais uma aula de psicomotricidade sozinho.	2	11
	Materiais e instalações	- Eu acho que em termos de recursos materiais e de espaço, eu acho que sim. Porque há elevadores, há rampas de acesso para as pessoas que possam ter dificuldades locomotoras.	1	
	Auxiliares de educação	- (...) via-me aflita para carregar com ele e coloca-lo no colchão e precisava sempre de ter ajuda de um funcionário.	1	
	Informação disponibilizada	- É o histórico pessoal e são os professores do ensino especial que nos dão essa informação.	1	
Dificuldades/Barreiras	Formação	- Se é muito específico o caso, eu não consigo concretizar, isto porquê, falta-me o meu lado da formação que não tenho, apesar de ler e procurar, mas falta-me. Sinto que tenho essa formação um bocadinho incompleta.	1	5
	Professores	- (...) implica também nos próprios professores alguma mudança de metodologias. E aí é que a situação se torna mais difícil. - (...) é preciso uma grande organização pessoal e fazer um grande esforço para se forçar também nesses alunos que têm outro ritmo de trabalho. - Mas mais uma vez eu volto a dizer, a grande diferença é passar à prática. - (...) é o que eu digo, isto exige um grande esforço por parte do professor, as metodologias têm de ser diferentes.	4	

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Professores	- Aí obrigou-me a consultar e era mais fácil porque era muito na base da estimulação, mas eu tinha algumas dificuldades, para já eu era muito nova, foi logo no ano a seguir ao estágio e o jovem era um jovem adolescente com dezasseis anos com um corpo pesado e lembro-me que me via aflita para o tirar da cadeira. - Como diretora de turma, o que eu sinto, é que é muito complicado, porque as pessoas estão muito vinculadas aos programas e temos aqui uma criança com um nível cognitivo de oito anos - Isto é um duplo trabalho para o professor, (...) - Mesmo assim eu acho que os professores têm feito um grande esforço e principalmente os que já vêm com ela desde o sétimo ano, têm melhorado as suas práticas. Mas ainda está um bocadinho aquém. - Eu acho que este tipo de crianças precisava mesmo que nós disponibilizássemos algum tempo e pensar, aqui com esta problemática o que é que ela pode fazer.	5	
	Programas Nacionais de Educação Física	-É assim, se nós formos pegar no programa e formos fazer as adaptações, é difícil, porque na prática acho que não conseguimos, (...)	1	
	Excesso de alunos nas turmas	- Porque com turmas de trinta alunos é muito complicado chegarmos aos alunos que não estão a acompanhar, (...) - Mas aí era uma aula em que eu estava sozinha com ele, acaba por ser tranquilo, porque pronto, não tinha que tomar conta de mais vinte e oito. - (...) porque tem vinte e sete alunos ou vinte e oito alunos para fazer um determinado trabalho e tem uma aluna que tem de fazer outro tipo de materiais.	3	
	Planeamento da aula	- (...) eu gostava mais de ir ao encontro das necessidades específicas que ela poderia ter.	1	
	Inclusão	- Agora, eu acho que o nosso sistema de ensino não está preparado para receber crianças, principalmente quando as deficiências são mais profundas.	1	16

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Dificuldades/Barreiras	Alunos com NEE	- Ela tem algumas dificuldades, embora ela a nível motor não se note muito à primeira vista (...) - Por exemplo, atividades como badminton, que implica alguma precisão, algum tempo de reação, ela não consegue ter esse tempo de precisão, voleibol a mesma coisa, por exemplo, ela faz melhor a manchete do que o toque de dedos, porque não consegue ter a precisão de levantar a bola e ir ao encontro da bola, pronto. - Rolamento à retaguarda, ainda não faz, tudo que seja a fase de empurrar o chão ela também não o faz e ela ainda com menos sensibilidade que os outros. - (...) tem uma ou outra dificuldade na receção, principalmente quando as bolas são mais pequenas. - Outra coisa que ela tem uma grande dificuldade, é nas chamadas e pré-chamadas para os saltos, porque a impulsão e coordenação é difícil. - (...) porque mesmo o afastamento dos membros inferiores ela estava com alguma dificuldade. - (...) porque o problema dela são as coisas assim mais minuciosas. - (...) isso já é algo muito complexo, porque implica memorização e ela aí já tem mais dificuldades.	8	
	Avaliação	- E depois, eu acho que se disfarça um bocadinho, porque vai andando, vão-lhe dando o três e a própria mãe reconhece isso, (...) - Mas depois tem a nota positiva, acho que as pessoas não conseguem corresponder e têm um bocado de pena e acabam por facilitar a transição e acabam por se disfarçar os problemas.	2	26
Adaptações curriculares	Adaptações realizadas	- (...) porque sentia a necessidade de fazer algum trabalho de estimulação e flexibilidade dos membros inferiores, (...) - Por exemplo, na ginástica, ela é uma aluna que faz o rolamento à frente, mas não se levanta, mas para mim pronto, já faz o rolamento à frente. - no rolamento à retaguarda, ela quando eu não estou presente ela já faz e faz num plano inclinado e ela faz o rolinho só e aí faz autonomamente.	3	3

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Adaptações realizadas	- Mas ela, neste momento mesmo no salto ao eixo já passámos a outra fase, em que eu estou por trás dela, ela faz os impulsos e eu coloco-a lá, (...) - Eu tenho a sensação, no primeiro ano ainda lhe comprei uma bolinha daquelas molinhas para fazer trabalho de força e manipulação, (...) - (...) porque aquilo também lhe dá trabalho, como saltar ao pé-coxinho, saltar para dentro dos arcos, ou apanhar sinalizados que é uma coisa fininha, ela não gosta. - (...) é isso que na maioria das vezes nós fazemos, reduzimos os conteúdos e pronto. - Por exemplo o que já tinha dito dos rolamentos, no vólei é muito as situações de um lança a bola e ela tem de devolver, não é o toque seguido, é mais 1x1 ou 1+1. - No badminton, facilito-lhe a pega mais próxima da base e tentar que ela acerte no volante. - Depois são nos testes as adaptações que faço e na aptidão física não faço adaptações.	7	
	Programas Nacionais de Educação Física	- Mas claro que a ela não lhe exijo, por exemplo, o nível introdutório que está definido nos programas para as diferentes matérias, na maior parte das matérias reduzo. - É só reduzir os objetivos (...)	2	
	Realizadas pelo professor	- Não, normalmente... quer dizer, podemos partilhar e saber a opinião dos colegas e partilhar experiências. Mas normalmente é uma coisa individual.	1	
	Currículo individual	-E era mesmo estabelecer ali um currículo individual daquilo que ela tinha necessidade de desenvolver e de trabalhar. Tentamos ali uma situação de equilíbrio. - Na nossa disciplina não é difícil, acho que temos essa via um bocadinho facilitada. - (...) pronto, ela sendo de necessidades educativas especiais, ela não obedece às mesmas normas e critérios estabelecidos para os outros alunos.	3	16

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Adaptações Curriculares	Resultado das adaptações	- Mas por exemplo, na aptidão física é uma aluna que está dentro da zona saudável nos testes do fitnessgram, eu digo, Marta tu tens de fazer os vinte e três percursos e ela faz os vinte e três percursos, não tem dificuldade nenhuma. - Mas vou sempre exigir, não baixo o grau de exigência. - Quando comecei a trabalhar com esta aluna não simplificava os testes, valorizava mais as questões que ela acertava, mas depois percebi que tinha de modificar os testes, e a partir daí ela começou a ter mais sucesso e pronto é mais fácil para ela. - Como ela ainda consegue estar dentro dos parâmetros não faço modificações, mas se ela começar a apresentar muitas dificuldades, vou ter de modificar, principalmente ao nível da flexibilidade. - Quando temos alunos com um plano individual, temos a possibilidade de repetir as vezes que são necessárias para que o aluno alcance o sucesso, e valorizamos muito o progresso. - Ou seja, mesmo que esteja fora da zona saudável, se houve uma evolução ao longo do ano valorizamos isso. Por isso estão sempre salvaguardadas algumas condições para chegar ao sucesso. - Muito sucesso.	7	23
	Alunos da turma	- (...) eu às vezes interrogo-me se eles se apercebem das diferenças dela, porque eles são capazes de levantar questões e de pôr em causa coisas que são feitas com esta menina, (...) - Às vezes não sentem a diferença e nem tão pouco vejo uma reação ao facto de ela às vezes corresponder da melhor maneira, porque não recebe a bola, pronto. - Eles não reagem mal, isso não. Mas às vezes fico na dúvida, será que eles sabem que ela tem este problema.	3	
Vertente social	Alunos com NEE	- É uma menina que tem alguma determinação e não quer ser tratada de forma diferente. - Mas é difícil, porque ela não gosta nada de ser retirada da turma. - Ela colabora em tudo.	3	6

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Vertente social	Aula de Educação Física	- Mas ela não desiste e eu também insisto sempre com que ela faça e em termos de motivação e em termos de estimular, eu não me deixo vencer pelo facto de ela ter o problema que tem, ou seja, estou sempre a dizer, vá lá Marta, e zango-me com ela, mas pronto depois dou-lhe também o feedback positivo. - Eu acho que é a integração dela e a forma como lidamos com ela que não a consideramos inferior aos outros. - Damos-lhe tarefas de responsabilidade, se for preciso a entrega dos testes, na arrumação do material.	3	
	Inclusão na turma	- A Marta gosta de fazer tudo com os colegas, não gosta de fazer nada separada, (...) - (...) ela faz muita coisa incluída com os outros alunos, (...) - Pronto, eu tento inclui-la ao máximo nas atividades de grupo, jogos coletivos ela joga, (...) - (...) mas ela não gosta, não gosta de sair da turma para fazer o teste, (...) - Mas ela gosta mesmo é de estar e fazer com os outros, ela gosta de estar incluída na turma, não gosta de ser separada. - Como já disse ela não gosta de ser colocada de parte, por isso não fazia sentido separá-la da turma nos momentos de avaliação.	6	
	Autonomia	- Eu sempre fui muito clara com o conselho de turma, o que eu acho, é que é assim, quando temos casos deficiências desta gravidade ou tão profundas, nós temos é que preparar estes jovens para a nossa sociedade e para que eles sejam minimamente autónomos e responsáveis. - (...) ela tem de saber todas as questões relacionadas com a pontualidade, responsabilidade e aí, sem dúvida que ela é um exemplo. Sem dúvida que ela é muito responsável e eu nunca ouvi a menina dizer que perdeu ou esqueceu as coisas dela. - Logicamente que fazia uma avaliação também quase permanente nas aulas para além da formal.	3	
	Autonomia	- Toma conta de tudo e ela é completamente autónoma aqui na escola. - (...) e ela depois consiga terminar a sua escolaridade e seja uma pessoa autónoma na sociedade.	2	20

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE TEXTO - ENTREVISTA E6	QUANT.	
			Subcat.	Categ.
Planeamento	Organização da aula	- Mas depois para não a ter desmotivada integro-a com os outros, vou fazendo isso ao longo do ano e nas aulas tento fazer um trabalho mais específico para ela.	1	3
	Cuidados a ter	- Naturalmente quando preparo, penso sempre se a Marta consegue fazer ou não aquilo que eu estou a propor, se não tento sempre adaptar e criar progressões para que a Marta consiga fazer.	1	
	Adaptações no planeamento	- (...) porque o problema dela são as coisas assim mais minuciosas. E tinha ideia de lhe construir um circuito em que ela tinha nas aulas de noventa minutos, saia um bocadinho da turma, e ia trabalhar o circuito, (...)	1	
Avaliação	Avaliação inicial	- (...) quer dizer, eu posso fazer uma avaliação inicial da criança, só para ter a ideia do que é que ela consegue fazer ou não.	1	6
	Avaliação formativa	- Sim e eu utilizo muito a autoavaliação e a heteroavaliação e eles conseguem-se enquadrar completamente. - Eu acho que a formativa é que acaba por ser adaptada.	2	
	Avaliação sumativa	- Porque depois a avaliação sumativa acaba por ser o resultado daquilo que é feito na formativa e não se altera em relação à sumativa, ou seja, eles precisam de ter noventa por cento nas atividades físicas mais dez por cento nos conhecimentos e estar dentro da zona saudável, essa é a condição.	1	
	Condições especiais de avaliação	- (...) ela tem condições especiais de avaliação e isso acontece também nas outras disciplinas, (...) - São, só que são adaptadas para as diferentes crianças.	2	